

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS**  
**UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA APLICADA**

**CAROLINE INÊS EGEWARTH**

**A PRÁTICA DE PERGUNTAR COM PARTÍCULAS NEGATIVAS**

**SÃO LEOPOLDO**

**2016**

Caroline Inês Egewarth

A PRÁTICA DE PERGUNTAR COM PARTÍCULAS NEGATIVAS

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística Aplicada, pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS

Orientadora: Profa. Dra. Ana Cristina Ostermann

São Leopoldo

2016

## FICHA CATALOGRÁFICA

E29p Egewarth, Caroline Inês  
A prática de perguntar com partículas negativas /  
Caroline Inês Egewarth. – 2016.  
100 f. : il.

Dissertação (Mestrado) – Universidade do Vale do  
Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em  
Linguística Aplicada, São Leopoldo, RS, 2016.

“Orientadora: Profa. Dra. Ana Cristina Ostermann”

1. Linguística Aplicada. 2. Prática de perguntar. 3.  
Partículas negativas. 4. Organização de preferência. 5.  
Exames de ecografias. 6. Análise da conversa. I. Título.

CDU 81'33

Catálogo na Fonte:

Mariana Dornelles Vargas – CRB 10/2145

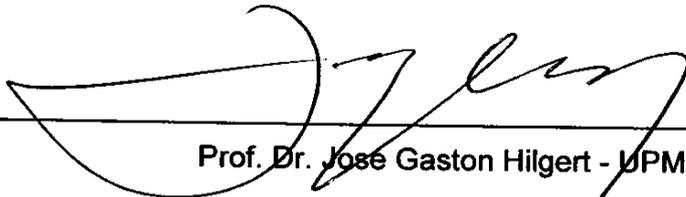
**CAROLINE INÉS EGEWARTH**

**"A PRÁTICA DE PERGUNTAR COM PARTÍCULAS NEGATIVAS"**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS.

Aprovada em 21 de março de 2016

**BANCA EXAMINADORA**



---

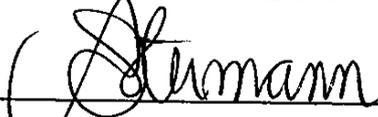
Prof. Dr. José Gaston Hilgert - UPM



---

Profa. Dra. Joseane de Souza - UNISINOS

**ORIENTADORA**



---

Profa. Dra. Ana Cristina Ostermann - UNISINOS

Com gratidão,  
à minha mãe Helene e ao meu pai Everaldo.

## AGRADECIMENTOS

Nos dois anos em que me dediquei à dissertação de mestrado, tive a sorte de ter em meu caminho pessoas muito queridas e instituições muito importantes. Sem dúvida nenhuma, devo agradecer-lhes o apoio que recebi.

Primeiramente, agradeço à CAPES, por ter concedido a bolsa de Mestrado, já que não teria condições de realizá-lo sem esse auxílio. Agradeço à Unisinos por propiciar estudo de qualidade, com profissionais de alto nível acadêmico. Desses profissionais, destaco o trabalho realizado pela coordenação e docentes do PPG em Linguística Aplicada, sempre atentos e prestativos com cada discente. Ao CEM Pastor Dohms por apoiar minha formação.

Com enorme honra e admiração, agradeço à minha orientadora, Profa. Dra. Ana Cristina Ostermann, por me mostrar os caminhos da pesquisa, dedicando-se com afinco sem igual em seus projetos. Agradeço por ser uma orientadora maravilhosa, que é exemplo de profissional ética e competente. Estar presente no grupo de pesquisa coordenado pela professora Ana é estar em meio à pesquisa, estudo, conhecimento e pessoas muito queridas. Não posso deixar de lembrar das tantas vezes que a orientação se expandia para o âmbito pessoal. Muito obrigada de coração.

Agradeço ao grupo de pesquisa Fala em Interação (FEI), às integrantes, amigas e colegas, que sempre estão dispostas a ajudarem no que fosse preciso. As sextas-feiras sem as reuniões, sem os encontros com todas vocês não seriam as mesmas. É uma alegria e satisfação gigantes poder estar com vocês e aprender com vocês, não somente em discussões teóricas ou em análise de dados, mas também em conversas sobre assuntos pessoais, dividindo preocupações e alegrias. Vocês são sensacionais.

Às bancas de qualificação e defesa pelo tempo e leitura atenta dedicados ao projeto e ao trabalho final, engrandecendo o trabalho com importantes contribuições.

À equipe de medicina fetal do hospital que, mesmo não sendo revelada, precisa de agradecimento. Aos profissionais participantes, sempre engajados em auxiliar o grupo de pesquisa. Às gestantes, muito obrigada por permitir que sua vida fosse por alguns minutos também a nossa (do grupo FEI).

Às minhas amigas e aos meus amigos um grande muito obrigada, por compreenderem minhas ausências e falta de tempo. As energias positivas mandadas para mim por vocês foram de extrema importância. Especialmente à Carina e Luciana, amigas e colegas de quem recebi grande apoio, vocês são espetaculares.

Finalmente, chego ao ponto inicial da minha vida, meus pais. Helene e Everaldo, obrigada pelo amor incondicional. Aos meus irmãos, Jonatan e Jeferson, obrigada por compreenderem que nem sempre eu estava em condições de visitá-los, mas eu sempre estava perto de todos por pensamento. Aos meus familiares, obrigada pelos desejos de sucesso. Mãe, pai, manos, vocês são incríveis.

Pesos da Vida

Tirei um peso das costas  
Eram tijolos que, havia algum tempo,  
eu levava comigo  
Mas não joguei os tijolos fora  
Eles são uma parte da matéria-prima,  
da qual preciso para construir minha escada  
Bem sólida, bem alta  
Não para, lá de cima, olhar todo mundo  
Mas para admirar o mundo todo.

(EGEWARTH, 2013)

## RESUMO

Esta dissertação de mestrado analisa a prática de perguntar com partículas negativas. Entendemos a prática de perguntar como um formato de pergunta com o qual se pode desempenhar diversas ações (pedir, convidar, oferecer etc.). O estudo realizado por Heritage (2002) sobre a prática de perguntar com partículas negativas na ação de solicitar informação revelou que essa prática é tratada pelos interagentes como mais assertiva, além de buscar concordância ou discordância, não as respostas ‘sim’ ou ‘não’. Descrevendo solicitações de informação também, Park (2008) evidenciou que o conhecimento de quem produz a ação está quase no mesmo patamar que o conhecimento demonstrado pelo interagente para quem se solicita a informação. Tendo em vista que esses estudos foram produzidos com o olhar para a língua inglesa e coreana, questionamos: qual sentido os interagentes atribuem para a prática de perguntar com partículas negativas no português brasileiro? É com base nessa lacuna que esta pesquisa é desenvolvida. Objetivamos descrever quais ações são desempenhadas através da prática de perguntar com partículas negativas, além de investigar a organização de preferência (POMERANTZ, 1984; POMERANTZ; HERITAGE, 2013) e *cross-cutting preference* (SCHEGLOFF, 2007) nas ações descritas. O aparato teórico-metodológico utilizado nesta dissertação é a Análise da Conversa de base etnometodológica (SACKS; SCHEGLOFF; JEFFERSON, 1974). Analisamos 20 práticas de perguntar de interações gravadas em áudio e vídeo durante exames de ecografia obstétrica e morfológica, ecocardiografia e consultas de aconselhamento genético. Os exames e consultas ocorrem em um setor que atende mulheres em gestação de médio ou alto risco de um hospital materno infantil do Sistema Único de Saúde (SUS), localizado no sul do Brasil. Os resultados da investigação apontam para dois níveis distintos em que a partícula negativa é relevante: o nível da proposição do turno de fala e o nível da ação da pergunta. Quando se trata do nível da proposição, a partícula negativa nega a proposição do turno, ou seja, nega algum fato ou situação. Nessas ocorrências, o interagente que produz a pergunta demonstra alto grau epistêmico. O nível de ação, por outro lado, está envolvido com a relevância da partícula negativa no curso da ação realizada e com a sequencialidade da interação, não é a negação de alguma proposição. Nesses excertos foi observado um conhecimento menor por parte de quem faz a pergunta. Também analisamos a prática de perguntar com a expressão “eu não vou”, em que se observou a preferência por uma segunda parte do par em formato negativo e a relação com alguma situação do futuro de quem produz o turno. Nas práticas de perguntar cuja ação é produzir um pedido, tornam-se relevantes a legitimidade em realizar o pedido e as

contingências envolvidas em sua execução. Concluímos que a negação na prática de perguntar pode ser uma estratégia interacional importante, portanto ter conhecimento sobre essa estratégia pode servir para alcançar entendimento nas interações, não somente entre pacientes e médicos.

Palavras-chave: Prática de perguntar. Partículas negativas. Organização de preferência.

Exames de ecografias. Análise da conversa.

## ZUSAMMENFASSUNG

Diese Masterarbeit handelt von einer Analyse der Übung des Fragens mit negativen Partikeln. Wir verstehen die Übung des Fragens als ein Fragenformat, mit dem verschiedene soziale Handlungen durchgeführt werden können (um etwas bitten, einladen, bieten etc.). Die Studie von Heritage (2002) über die Übung des Fragens mit negativen Partikeln bei der Handlung *um Information zu bitten* ergab, dass diese Übung des Fragens als mehr durchsetzend von den Sprechern angenommen wird, und Zustimmung oder Ablehnung sucht, nicht die Antworten "Ja" oder "Nein". Informationsanfragen wurden auch von Park (2008) beschrieben und sie zeigte, dass das Wissen des Sprechers, der die Handlung erzeugt, ist fast auf einem gleichen Niveau als das Wissen des anderen Sprechers. Da diese Studien mit der englischen und koreanischen Sprache gemacht wurden, fragen wir: Welchen Sinn geben die Sprechern der Übung des Fragens mit negativen Partikeln in brasilianischem Portugiesisch? Diese Forschung wird auf diese Lücke basiert. Unser Ziel ist zu beschreiben, welche Handlungen durch die Übung des Fragens mit negativen Partikeln durchgeführt werden, außerdem werden Präferenzorganisation (POMERANTZ, 1984; POMERANTZ; HERITAGE, 2013) und *cross-cutting preference* (SCHEGLOFF, 2007) beschrieben. Die theoretische und methodische Grundlage dieser Arbeit ist die ethnomethodologische Gesprächsanalyse (Sacks; Schegloff; Jefferson, 1974). Wir analysierten 20 Übungen des Fragens bei Gespräche, die mit Ton und Video aufgenommen wurden, während geburtshilflichen und morphologischen Ultraschalluntersuchungen, Echokardiographien und genetische Beratungen. Die Untersuchungen und Beratungen finden in einem Sektor statt, in dem Frauen in der Schwangerschaft mittleren oder hohen Risiko eines Mutterschafts betreut werden, durch Sistema Único de Saúde (SUS) in Südbrasilien. Die Forschungsergebnisse weisen auf zwei verschiedenen Ebenen, für die die negativen Partikeln relevant sind: die Ebene des Satzes und die Ebene der Handlung. Wenn es um die Ebene des Satzes geht, bestreitet die negative Patikel der runde Satz, das heißt, alle Tatsachen oder Situationen werden verweigert. In diesen Fällen, zeigt der Sprecher einen höheren epistemischen Grad. Die Ebene der Handlung, andererseits, verneint keine Situation, sondern spielt eine Rolle bei der produzierten Handlung und bei der Sequenzialität des Gesprächs. Es ist nicht die Negation vom Satz. In diesen Exzerpten wurde weniger Kenntnisse des Fragenden beobachtet. Wir analysieren auch die Übung des Fragens mit dem Ausdruck „Eu não vou“ („Ich werde nicht“), in dem eine negative Antwort die Präferenz bekommt und der eine Beziehung zu zukünftigen Situationen der Schwangere hat. In den Übungen des Fragens, welche Handlung

um etwas zu bitten ist, sind Legitimation und Kontingenz wichtig bei der Ausübung der Handlung. Wir schließen beim Fazit, die Negation kann bei der Übung des Fragens eine wichtige Interaktionsstrategie sein. Deshalb, ist es wichtig diese Strategien zu kennen, um Verständigung zu erreichen, nicht nur zwischen Patienten und Ärzten.

Schlüsselwörter: Übung des Fragens. Negative Partikeln. Präferenzorganisation. Ultraschalluntersuchungen. Gesprächsanalyse.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Gradiente epistêmico relativo em diferentes formatos de pergunta com ação de pedido de informação .....	24
Figura 2 - Gradiente epistêmico .....	38
Figura 3 - Gradiente epistêmico da prática de perguntar com negação.....	85

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Corpus atual.....	44
Tabela 2 – Interações.....	45

## LISTA DE SIGLAS

AA	Alcoólatras Anônimos
AC	Análise da Conversa
FEI	Fala-em-Interação
SUS	Sistema Único de Saúde
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>17</b>
<b>1.1 Objetivos.....</b>	<b>18</b>
1.1.1 Objetivo Geral .....	18
1.1.2 Objetivos Específicos .....	18
<b>1.2 Organização do Trabalho .....</b>	<b>19</b>
<b>2 REVISÃO DE LITERATURA.....</b>	<b>20</b>
<b>2.1 A Prática de Perguntar .....</b>	<b>20</b>
2.1.1 Dimensões do Formato da Pergunta.....	22
2.1.1.1 <i>Definição da Agenda</i> .....	23
2.1.1.2 <i>Pressuposição</i> .....	23
2.1.1.3 <i>Posicionamento Epistêmico e Status Epistêmico</i> .....	23
2.1.1.4 <i>Preferência</i> .....	26
<b>2.2 Perguntas Polares .....</b>	<b>27</b>
2.2.1 Organização de Preferência .....	29
2.2.2 <i>Cross-cutting Preference</i> .....	33
<b>2.3 A Prática de Perguntar com Partículas Negativas .....</b>	<b>33</b>
2.3.1 Perspectiva da Análise da Conversa.....	35
<b>3 METODOLOGIA.....</b>	<b>41</b>
<b>3.1 Imersão no Contexto Pesquisado .....</b>	<b>41</b>
<b>3.2 Geração de Dados .....</b>	<b>42</b>
<b>3.3 Análise de Dados.....</b>	<b>43</b>
<b>3.4 Análise da Conversa de Base Etnometodológica .....</b>	<b>46</b>
<b>4 ANÁLISE DE DADOS.....</b>	<b>48</b>
<b>4.1 A Prática de Perguntar com Partículas Negativas: relevância no nível da proposição do turno de fala.....</b>	<b>48</b>
<b>4.2 A Prática de Perguntar com Partículas Negativas: relevância no nível da ação da pergunta.....</b>	<b>58</b>
<b>4.3 A prática de perguntar com a expressão “eu não vou”.....</b>	<b>67</b>
<b>4.4 A Prática de Perguntar com Partículas Negativas: pedidos, legitimidade e contingências .....</b>	<b>72</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>81</b>
<b>5.1 Nível da Proposição .....</b>	<b>81</b>
<b>5.2 Nível da Ação .....</b>	<b>83</b>
<b>5.3 Gradiente Epistêmico.....</b>	<b>84</b>

<b>5.4 ‘Eu não vou’ .....</b>	<b>87</b>
<b>5.5 Pedidos e sua Relação com Legitimidade e Contingências .....</b>	<b>88</b>
<b>5. 6 Luz à Teoria .....</b>	<b>89</b>
<b>5.7 Da Análise à Aplicação.....</b>	<b>90</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>92</b>
<b>APÊNDICE A - CONVENÇÕES DE TRANSCRIÇÃO.....</b>	<b>99</b>
<b>ANEXO A - TCLE - MÉDICOS .....</b>	<b>100</b>
<b>ANEXO B - TCLE - PACIENTES.....</b>	<b>102</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Observemos com atenção o seguinte trecho de uma interação cotidiana entre mãe (A) e filha (C):

Excerto 1 – Tu não gosta de azul?<sup>1</sup>

- 1 C: mãe, tu viu o jeito que ele me perguntou.  
 2 tu não gosta de a↑zul  
 3 A: vi.  
 4 C: se pelo menos ele tivesse me perguntado  
 5 tu gosta de a↑zul, daí sim teria  
 6 sido uma pergunta.

Então, se não foi uma pergunta, o que foi? Antes disso: o que é uma pergunta afinal? A relevância dada ao “tu não gosta de a↑zul” por C é abordada, de certa forma, por nós também nesta dissertação. A prática de perguntar com partículas negativas é foco no presente estudo.

O Excerto 1 é parte de uma conversa que ocorre após outra interação: entre A e C com o vendedor de uma loja em que são comercializadas bicicletas (C está à procura de uma bicicleta de seu gosto). Observamos, desse modo, que “ele” (linha 4) refere-se ao vendedor da loja. Evidencia-se uma avaliação por parte de C, nas linhas 4, 5 e 6, sobre a ação produzida pelo atendente da loja como *diferenciada*. Em outras palavras, C deixa claro que seu entendimento acerca da ação produzida pela prática de perguntar com a partícula negativa é diferente da ação desempenhada por sua contraparte positiva (que C cogita em sua fala).

No momento em que C analisa o turno com “daí sim teria sido uma pergunta.” deixa claro que, em seu entendimento, a prática de perguntar produzida pelo vendedor não fora uma pergunta (pedido de informação) e a diferença entre o que o vendedor falou (“tu não gosta de a↑zul”) e o que C produziu como opção (“tu gosta de a↑zul”) é a utilização de partícula ‘não’ no turno do vendedor e a ausência do ‘não’ no turno sugerido por C.

A metalinguagem produzida sobre a prática de perguntar com partícula negativa em um contexto de conversa cotidiana entre mãe e filha é significativa pelo fato de mostrar que, nessa interação, o uso da partícula “não” é tornado relevante por uma das interagentes.

Há estudos, pela perspectiva da Análise da Conversa (AC), em diversas línguas, como inglês, dinamarquês e coreano sobre prática de perguntar com partículas negativas.

---

<sup>1</sup> O Excerto 1 foi relatado verbalmente por minha orientadora (não foi gravado).

Observando interações, Excerto 1 e relacionando aspectos perguntei-me: será que a partícula negativa presente na prática de perguntar relaciona-se somente à negação de algo?

Este estudo investiga, pois, as diferentes ações que a prática de perguntar pode desempenhar na interação e qual é a importância de uma partícula negativa (não, nenhum, nunca) na formação de ações.

Estudos da Língua Portuguesa Brasileira que tomam como foco a prática de perguntar com partículas negativas, em interações naturalísticas e sob a perspectiva da Análise da Conversa, são inexistentes. Busca-se, com esta dissertação de mestrado, preencher esta lacuna.

Atentando para essa interação cotidiana, que vai ao encontro do que investigamos neste trabalho, perguntamo-nos: em que a prática de perguntar com a partícula ‘não’ (ou outras partículas geradoras de polaridade negativa) se difere da prática de perguntar sem a partícula ‘não’ (polaridade positiva)?

É com base nessa pergunta que desenvolvemos nosso estudo, buscando no referencial teórico e nas análises de dados respostas para a nossa pergunta de pesquisa.

## **1.1 Objetivos**

Após ter apresentado um panorama da pesquisa, as justificativas que movem o trabalho e a pergunta norteadora do estudo, trazemos à luz os objetivos que buscamos alcançar realizando esta dissertação de mestrado.

### **1.1.1 Objetivo Geral**

Nosso objetivo maior com este estudo é descrever, através da perspectiva teórico-metodológica da AC de base etnometodológica, a prática de perguntar com partículas negativas.

### **1.1.2 Objetivos Específicos**

Temos como objetivos específicos:

- a) descrever as ações desempenhadas pela prática de perguntar com partículas negativas;

- b) identificar singularidades na organização de preferência (POMERANTZ, 1984; POMERANTZ; HERITAGE, 2013) nas diferentes ações averiguadas;
- c) relacionar os achados na análise de ordem micro interacional com aspectos de ordem macro interacional.

## **1.2 Organização do Trabalho**

Esta dissertação está organizada em cinco capítulos, sendo o primeiro a Introdução, em que contextualizamos de maneira geral o estudo realizado, apresentamos a justificativa, a pergunta norteadora e os objetivos deste trabalho. No Capítulo 2, discorremos sobre a prática de perguntar, perguntas polares e, mais especificamente, sobre a prática de perguntar com partículas negativas, ou seja, no Capítulo 2 é apresentada, especialmente, a conjuntura teórica desta dissertação.

No Capítulo 3, abordamos a metodologia utilizada para a realização deste trabalho: apresentamos o contexto pesquisado, questões sobre a coleta e análise de dados e o aporte teórico-metodológico da Análise da Conversa.

A análise dos dados encontra-se no Capítulo 4, subdividido de acordo com os fenômenos observados. O Capítulo 5 apresenta as considerações finais: achados, contribuições teóricas e práticas desta dissertação.

## 2 REVISÃO DE LITERATURA

Nossa revisão de literatura está dividida em três partes: primeiramente, contextualizamos a prática de perguntar de modo geral, ou seja, as ações possíveis, os tipos e formatos de prática de perguntar. Na segunda parte, abordamos, mais especificamente, as perguntas polares e desdobramentos de sua ocorrência na interação e na terceira seção tratamos das especificidades envolvidas na prática de perguntar com partículas negativas.

### 2.1 A Prática de Perguntar

Uma pergunta é tratada, de forma geral, como um modo de conseguir de seu interagente uma informação desconhecida. Além disso, o aspecto mais característico de uma pergunta é sua forma interrogativa<sup>2</sup> (RUITER, 2012). Entendemos por forma interrogativa o formato ou desenho da pergunta que possui uma ascensão entoacional, ou seja, a entoação com que a pergunta é produzida é crescente do início para o fim da pergunta.

No entanto, há de se indagar: será que é somente a busca por informação e a forma interrogativa que definem uma pergunta? O modo como uma pergunta é feita pode influenciar em sua resposta? A pessoa que produz uma pergunta não sabe absolutamente nada acerca do que está perguntando? Iremos abordar esses questionamentos durante esta seção.

Num primeiro momento, é importante trazer as razões pelas quais o título desta seção chama-se “a prática de perguntar”, em vez de “pergunta”. O termo “prática de perguntar” é utilizado nesta dissertação pelo fato de abranger o aspecto de múltiplas ações que podem ser feitas a partir de perguntas. Ou seja, é uma maneira de evitar que o conceito de “pergunta” seja unicamente ligado à busca de informação ou à forma interrogativa, pois nem sempre perguntamos algo em busca de alguma informação, como em “Você gostaria de beber uma xícara de chá?”, em que se oferece uma xícara de chá, não se busca uma informação. Tampouco todas as ocorrências de pergunta apresentam a forma interrogativa, como em “Você vai na palestra amanhã, né.” em que utilizamos o ponto final (no lugar da interrogação) para evidenciar graficamente que não há grande variação entoacional. Isso significa que, diferentemente da forma interrogativa, a forma declarativa possui uma curva entoacional com menor variação, ou seja, a entoação é mais plana (não crescente). Para fins de fluidez na leitura, porém, utilizamos “prática de perguntar” e “pergunta” como sinônimos, atentando sempre à questão acima referida.

---

<sup>2</sup> Forma interrogativa é tratada também como *formato interrogativo* neste trabalho.

Há três aspectos relevantes quando se trata da prática de perguntar: (1) o *tipo* de pergunta, (2) o *formato* da pergunta e (3) a *ação* que ela desempenha na interação. Os *tipos* de pergunta são três: (a) perguntas polares ou de sim/não, (b) perguntas com pronome interrogativo (quem, quando, onde etc.) e (c) perguntas alternativas (“Você gosta de sorvete de chocolate ou de morango?”). Já em relação ao *formato* de uma pergunta também há três possibilidades: (a) formato interrogativo (com maior variação de entonação), (b) formato declarativo (com pouca variação de entonação) e (c) formato *tag question* (“Você foi no mercado, não foi?”).

Em relação às *ações* que podem ser produzidas por meio da prática de perguntar, podemos dizer que nem sempre é feito um pedido de informação (“Qual seu nome?”). As perguntas podem ser usadas para pedir confirmação de algo (Você vai à escola, né?), fazer convites (Vamos almoçar?), ofertas (Aceita um café?), pedidos (Você pode abrir a janela?), entre outros. Além disso, as perguntas exercem certa pressão na interação, pois (a) determinam o assunto que será tratado; (b) são realizadas de forma a favorecer determinadas respostas em detrimento a outras; e (c) contêm pressuposições. (EHRlich; FREED, 2010; HERITAGE, 2010).

Vários questionamentos emergem quando se trata de perguntas: como a pessoa que pergunta sabe que seu interlocutor tem (ou sabe) a informação de que precisa? Como o falante que pergunta formula (no sentido de ‘desenhar’) sua pergunta? É um pedido de informação, pedido de confirmação ou está fazendo outra ação? É uma pergunta alternativa ou aberta? Qual a resposta “esperada” à pergunta? Tais questionamentos surgem devido ao desafio a que se chega quando se busca definir perguntas. Uma comparação feita por Ruitter (2012) é a de que perguntas são como porta-copos: a princípio, os porta-copos servem para evitar que a mesa fique molhada ou marcada pelo copo. No entanto, os porta-copos também podem ser usados para outros fins, como para publicizar alguma marca comercial, para anotar números de telefone etc. Assim como porta-copos, as perguntas também exercem várias funções, sendo que solicitar informação é a ação prototípica de uma pergunta, assim como o porta-copos é, prototipicamente, o suporte de copos. Contudo, tanto perguntas quanto porta-copos podem ser utilizados para outros fins.

As perguntas são, geralmente, a primeira parte do par adjacente, ou seja, uma primeira ação que gera uma relevância condicional para que outra ação seja feita em adjacência pelo próximo falante. (SCHEGLOFF, 2007). Isso faz com que haja restrições na pergunta em relação à resposta esperada: as perguntas estabelecem o tópico sobre o qual será falado e qual é a ação esperada no próximo turno (fornecer informação, aceitar convite, confirmar etc.),

além de fazer com que o respondente tenha de lidar com pressuposições incorporadas na pergunta e que não são facilmente problematizadas. (HERITAGE, 2010). Segundo Heritage e Raymond (2005), no próprio ato de fazer a pergunta, o falante que pergunta reconhece os direitos epistêmicos do interagente para o qual a pergunta foi feita, mas, ao mesmo tempo, restringe o respondente no exercício desses direitos. Em outras palavras, no momento em que a pergunta é feita (nesse caso, especificamente, perguntas que solicitam informação), supõe-se que o interagente para o qual se faz a pergunta tem o conhecimento sobre o assunto (é possível que ele não saiba), no entanto, a partir da forma como a pergunta foi feita e do tópico que ela aborda, é esperada uma determinada resposta, fato que restringe o respondente em seus direitos sobre o conhecimento.

Fazer perguntas, pensando especificamente na área médica, não exige quem faz a pergunta de todas as consequências que elas podem trazer para a interação. Ao perguntar algo para o paciente, o médico evidencia na pergunta, com sua estrutura e escolha lexical, informações sobre ele mesmo, suas intenções, crenças sobre pacientes e doenças. O momento da anamnese, em que médicos fazem perguntas e pacientes respondem, é, na verdade uma troca mútua de informações. (HERITAGE, 2010). Isto é, médicos se fazem conhecer através de como fazem as perguntas aos pacientes e os pacientes revelam informações acerca de si no momento em que respondem às perguntas feitas pelos médicos.

Abordamos, a seguir, quatro características ou dimensões concernentes, particularmente, a perguntas que desempenham a ação de solicitar informação. Há quatro dimensões do formato da pergunta (HERITAGE, 2010): 1) assunto escolhido<sup>3</sup> (tópico e ação); 2) pressuposições incorporadas; 3) posicionamento e *status* epistêmico elencados; e 4) preferências reveladas. As quatro dimensões dizem respeito a aspectos elencados em perguntas, quer dizer, há características em perguntas que são relevantes e determinantes para a sequência da interação.

### 2.1.1 Dimensões do Formato da Pergunta

Nas próximas seções, iremos tratar de cada dimensão separadamente.

---

<sup>3</sup> Do inglês *set agenda*. (HERITAGE, 2010).

### 2.1.1.1 Definição da Agenda

Uma consequência de se fazer uma pergunta com a ação de solicitar informação é haver a definição de uma agenda por parte de quem pergunta. Isso significa que o assunto sobre o qual espera-se que o próximo interagente fale está presente na pergunta produzida, bem como a ação esperada do respondente no próximo turno. Isso significa que na pergunta “Qual sua idade?” o *assunto* que se espera na resposta é a idade e a *ação* configura-se fornecer essa informação, já que a ação da pergunta foi solicitar informação. Podemos observar, desse modo, que há a restrição da ação, isto é, do que o interagente deveria fazer (prover uma informação) e do assunto da resposta, qual seja, a idade. (SCHEGLOFF, 2007).

### 2.1.1.2 Pressuposição

Esta dimensão aborda o fato de que todas perguntas que solicitam informação possuem pressuposições incorporadas sobre o estado de coisas<sup>4</sup> das quais se fala. O contexto médico é, também, um local em que há perguntas sendo feitas e através delas são revelados aspectos assumidos ou não sobre a paciente, sua vida, seu estado de saúde etc. Um exemplo de pergunta com pressuposição incorporada é “Que tipo de contraceptivo você usa?” (HERITAGE, 2010, p. 7). Nessa pergunta feita por um médico à sua paciente, ele pressupõe que ela usa algum tipo de contraceptivo. Além dessa pressuposição linguística, são evidenciadas também assunções culturais acerca da paciente, a saber: ela é sexualmente ativa, pode ter filhos, não deseja tê-los. Outro aspecto que se assume a partir da pergunta produzida é a heterossexualidade da paciente. (OSTERMANN; JAEGER, 2012).

### 2.1.1.3 Posicionamento Epistêmico<sup>5</sup> e Status Epistêmico

Uma pergunta que produz a ação de solicitar informação pode ser realizada em diferentes formatos nos turnos de fala. Cada formato de pergunta revela aspectos do momento a momento da fala-em-interação e carrega conteúdos desenhados de diferentes formas. Além disso, será pelo formato da pergunta que se gerenciará o aspecto social do domínio epistêmico, ou seja, pelo formato do turno que o interagente deixa transparecer em que local

---

<sup>4</sup> Do inglês *states of affairs*. (HERITAGE, 2010).

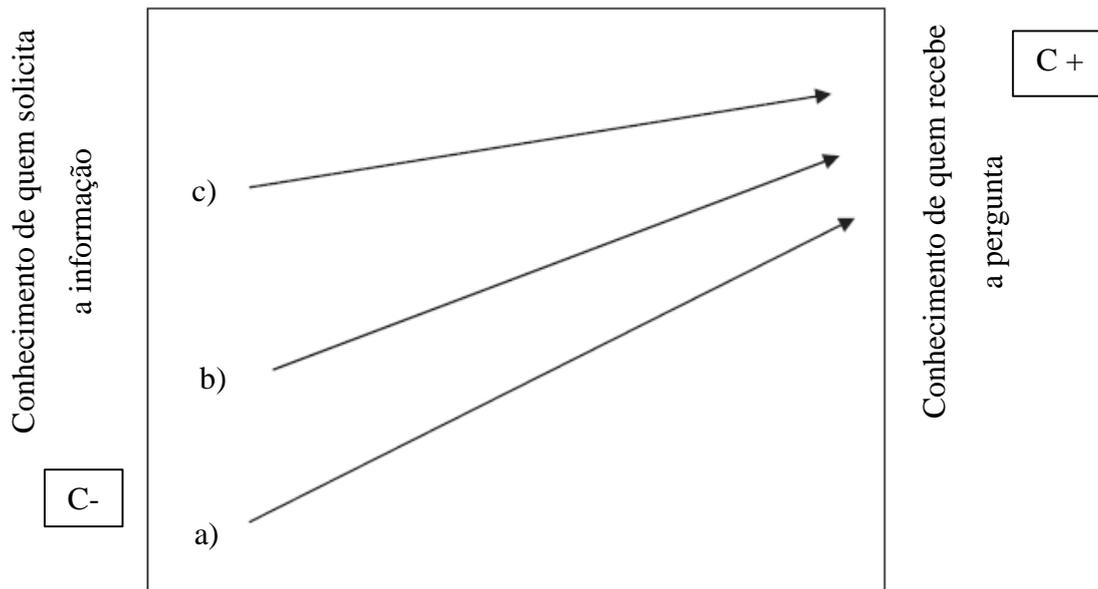
<sup>5</sup> Do inglês *epistemic stance*. (HERITAGE, 2010).

do gradiente epistêmico (menos conhecedor, K-, ou mais conhecedor, K+) ele se encontra em determinado domínio. (HERITAGE, 2012).

Comumente, pedir por informação demonstra menos conhecimento (K-) por parte de quem pergunta. É possível observar, através do formato de pergunta, a gradação de conhecimento entre quem pergunta e quem responde (HERITAGE, 2010), como nos seguintes exemplos<sup>6</sup>, todos traduzidos da língua inglesa:

- a) Interrogativas de sim/não: Você é casada?
- b) Afirmação + partícula interrogativa: Você é casada, não é?
- c) Pergunta declarativa de sim/não: Você é casada.

Figura 1 - Gradiente epistêmico relativo em diferentes formatos de pergunta com ação de pedido de informação



Fonte: Adaptação de Heritage (2012).

De 'a' para 'c' o grau epistêmico de quem pergunta é, em cada formato de pergunta, maior. Isto é, em 'a' a pergunta é produzida em um formato que deixa a diferença do grau de conhecimento entre quem pergunta e quem responde maior, sendo que quem pergunta sabe menos do que quem responde. Essa diferença de grau de conhecimento entre quem pergunta e quem responde diminui no exemplo 'b', ou seja, quem pergunta em 'b' sabe mais sobre o domínio 'estado civil' que quem pergunta em 'a'. Já em 'c', a diferença entre o grau de

<sup>6</sup> Do inglês: a) Yes/No Interrogative: Are you married?

b) Statement + Interrogative Tag: You're married aren't you?

c) Yes/No Declarative Question: You're married. (HERITAGE, 2010).

conhecimento entre o interagente que produz a pergunta e o que responde à pergunta é ainda menor que em ‘b’. Essa diferença é claramente observada na sintaxe da língua inglesa, pela inversão do verbo *to be* na forma interrogativa (exemplo a) e a falta de inversão na forma declarativa (exemplo c). Em língua portuguesa, no entanto, a diferença entre os exemplos a e b não se dá pela sintaxe, mas pela prosódia ascendente no exemplo a e descendente no exemplo b.

O posicionamento epistêmico está intimamente relacionado ao *status* epistêmico dos interagentes, em outras palavras, se o posicionamento epistêmico é gerenciado no turno-a-turno, a cada momento da interação, o *status* epistêmico é, segundo Heritage (2012, p.4) “um conceito inerentemente relativo e relacional concernente ao acesso relativo a certo domínio de duas (ou mais) pessoas em algum ponto no tempo”. Isso significa que o *status* epistêmico das pessoas, relativo às outras pessoas, é variável de domínio a domínio, através do tempo e pode ser alterado durante a interação, com contribuições interacionais específicas. Tais contribuições são, por exemplo: a) a atualização das informações; b) a procedência, clareza e extensão da informação; c) a independência de acesso da pessoa ao objeto alvo do conhecimento reivindicado; d) o direito da pessoa em saber em primeiro lugar; e) a autoridade sancionada em saber etc. (STIVERS et al., 2011).

Ressaltamos que, mesmo em uma situação em que os interagentes tenham acesso aos mesmos eventos, experiências ou objetos, o *status* epistêmico pode não ser equilibrado, ou seja, pode haver diferenças nos *status* epistêmicos de cada pessoa participante da interação. Um exemplo dessa situação é elencado por Heritage (2012), quando afirma que um médico e um paciente, mesmo que visualizem o exame de raio-X do paciente em conjunto, não possuem o mesmo *status* epistêmico. Isso se dá pelo fato de os participantes possuírem um acesso diferente no domínio ‘leitura e interpretação de raio-X’.

Em alguns momentos pode haver incongruência entre *status* e posicionamento epistêmico, devido a exigências interacionais (HERITAGE, 2012). Por exemplo, em situações em que há conversas com transmissão televisiva, é comum que o entrevistador solicite informações que ele já conhece, com o intuito de divulgar a informação à audiência. Ou seja, seu posicionamento (solicitar informações) revela grau epistêmico menor que seu *status* na verdade se configura, já que conhece as informações que solicitou.

Retomando de modo sucinto, Heritage (2012) esclarece que o *status* epistêmico, embora disputável, é ‘real’ e está baseado na avaliação dos participantes um sobre o outro em relação ao direito e acesso a domínios do conhecimento, enquanto que o posicionamento epistêmico é uma amostra do grau epistêmico no momento a momento da interação. Isto é, o posicionamento epistêmico é desvelado no desenho do turno, especificamente para nós, no

formato da pergunta. É a partir do desenho do turno que podemos observar quanto quem faz a pergunta demonstra conhecer sobre o domínio do qual se está falando.

O formato da pergunta com a ação de pedir informação também tem relação com a expectativa por determinada resposta. Dependendo do grau de conhecimento do interagente o desenho da pergunta pode ser diferente e pode revelar preferência por uma resposta específica. Desse modo, o *status* epistêmico está intimamente relacionado à preferência, sobre a qual tratamos em seguida.

#### 2.1.1.4 Preferência

Esta dimensão do formato da pergunta que solicita informação aborda a organização de preferência evidente nas perguntas. O termo preferência é utilizado na AC para descrever a tendência de perguntas em mostrar uma expectativa por um certo tipo de resposta, ou seja, o formato da pergunta favorece uma resposta em particular. A organização de preferência tem relação com métodos institucionalizados que os falantes utilizam para gerenciar e produzir ações afiliativas ou desafiativas. (RAYMOND, 2003).

Há formatos de perguntas que favorecem a resposta ‘sim’ como: *Você é casada? Você é casada, não é? Você é casada.* (Como uma pergunta, nesse caso). No entanto, há também perguntas produzidas em um formato em que existe a preferência pela resposta ‘não’: *Você não é casada, é? Você não é casada.* (Nesse exemplo, sendo uma pergunta sem entonação ascendente). O formato com o qual se faz a pergunta pode influenciar no modo como se vai responder a ela, já que o formato determina a resposta preferida para a pergunta. Isso significa que uma pergunta com polaridade positiva gera uma preferência por uma resposta afirmativa, enquanto uma pergunta com a polaridade negativa gera uma preferência por uma resposta negativa. (POMERANTZ, 1984).

É importante ressaltar que o foco de estudo deste trabalho não é toda a prática de perguntar, mas sim, especificamente, aquela em que é utilizada alguma partícula negativa, como *não*, *nenhum*, *nada* e *nem*, além de considerarmos somente perguntas polares (de sim/não). Na seção a seguir, trazemos uma discussão sobre um tipo específico de pergunta: perguntas polares, e abordamos com mais profundidade a organização de preferência.

## 2.2 Perguntas Polares

Delimitando nosso escopo de estudo, abordamos nesta seção as perguntas polares ou perguntas de sim/não. Essas perguntas são assim denominadas por possuírem uma polaridade (polo ‘sim’ ou polo ‘não’), além de gerarem uma preferência por certo tipo de resposta, a saber, ‘sim’ ou ‘não’ (ou equivalentes: ‘mhm’, ‘ãhã’, ‘mm’ etc.), isto é, as perguntas polares tornam relevante uma resposta que se limita entre ‘sim’ e ‘não’ (RAYMOND, 2003). Stivers (2010) aponta que as perguntas polares são as mais frequentes nas línguas e causam restrições na ação seguinte, isto é, a resposta a uma pergunta polar tem características moldadas pela primeira parte do par. Em outras palavras, (a) a pergunta polar convida o respondente a afirmar ou rejeitar a proposição contida na pergunta; (b) pelo fato de a pergunta polar ser produzida buscando um ‘sim’ ou ‘não’, também carrega a preferência por concordância/confirmação nas respostas; (c) o aspecto gramatical também tem importância, pois o interagente que responde está limitado em suas ações: a resposta prototípica é ‘sim’ ou ‘não’ (ou similares). (LEE, 2013).

Hayano (2013) ilustra três fatores que contribuem na atribuição de sentido a uma pergunta de pedido de informação, ou seja, o que permite que os interagentes identifiquem algum turno como uma prática de perguntar solicitando informação: marcadores gramaticais, prosódia e domínio epistêmico. De acordo com a autora, muitas línguas possuem marcadores gramaticais que diferenciam as perguntas polares de asserções, por exemplo. Idiomas como finlandês, coreano e japonês possuem partículas específicas para a formação de perguntas polares que solicitam informação. No entanto, outras línguas como italiano, romeno e árabe não possuem marcadores gramaticais, mas utilizam-se da entonação ascendente para configurar uma pergunta polar. No que concerne ao português brasileiro, não há estudos realizados que analisam de que forma ou por qual característica é atribuído significado de pergunta polar a um enunciado (quando se trata de estudos sob a perspectiva da Análise da Conversa). Uma dissertação de mestrado (CARDOSO, 2015), porém, realizou justamente um estudo acerca das perguntas polares cuja ação é pedir informação ou pedir confirmação, observando que a entonação não é sempre o aspecto mais relevante para se atribuir sentido de pergunta a um enunciado. Há outros fatores envolvidos, como domínio epistêmico dos interagentes e utilização de marcadores discursivos.

Um aspecto sobre perguntas polares ressaltado por Hayano (2013) é que um enunciado interrogativo pode não ser uma pergunta e um enunciado sem características de

interrogação pode servir como pergunta. Pensando nisso, indagamos: de que forma os interagentes reconhecem a prática de perguntar na interação?

A esse questionamento dá-se a resposta que o domínio do conhecimento tem um papel muito importante para a atribuição de sentido a um enunciado que está desempenhando a prática de perguntar solicitando informação. Labov e Fanshel (1977) revelaram que no momento em que o interagente corrente declara algo que faz parte do domínio de conhecimento do próximo falante (*B-event*), tal declaração é uma pergunta polar. É relevante sinalizar que Labov e Fanshel (1977) não são estudiosos da AC, desse modo, não citam um aspecto importante sobre atribuição de sentido dos interagentes às suas falas (i.e., que as ações só se constituem ações no momento em que lhes é atribuído sentido pelos próprios interagentes, através da sequência interacional). O *B-event* evidencia a assimetria epistêmica, quando se trata de atribuir sentido a um enunciado como pergunta, como peça crucial para o entendimento dos interagentes. As características prosódicas, por exemplo, podem não definir o que é uma pergunta, mas os direitos epistêmicos assumidos na interação pelos interagentes têm grande importância com relação ao aspecto de tomar algo como uma pergunta ao não.

Os direitos e deveres epistêmicos evidenciados na prática de perguntar solicitando informação também foram abordados por Lee (2013) para referir-se ao interagente que responde, afirmando que se assume que quem responde possui maior conhecimento acerca do estado de coisas<sup>7</sup>, ademais, essa diferença de *status* epistêmico relaciona-se ao fato de haver direitos e deveres sociais em pauta: ao perguntar algo, o interagente que pergunta propõe legitimidade para fazê-lo, enquanto que o outro interagente está compelido a fornecer uma resposta. É relevante tratar aqui, que, mesmo sendo assumido como detentor de mais conhecimento, o interagente que responde está restrito a aspectos da pergunta. Devido a essa restrição, algumas vezes, os interagentes que respondem podem resistir aos termos da pergunta de diferentes formas e graus. (LEE, 2013).

Pensando em um detalhamento maior acerca de aspectos que surgem quando se descreve perguntas polares, consideramos importante, neste momento, abordar a organização de preferência e o evento interacional chamado *cross-cutting*<sup>8</sup>. (SCHEGLOFF, 2007).

---

<sup>7</sup> Do inglês *state of affairs*. (LEE, 2013).

<sup>8</sup> O conceito será descrito na Seção 2.2.2 deste trabalho.

### 2.2.1 Organização de Preferência

A organização de preferência, como já abordado brevemente na Seção 2.1, tem relação com os limites que uma pergunta instaura para o próximo turno, restringindo o escopo de ações do interagente respondente. (HAYANO, 2013). Segundo Hayano (2013), há estruturas binárias que compõem as possibilidades de ações como resposta a uma pergunta polar: (a) responder com o que foi solicitado ou responder sem o que foi solicitado; (b) conformar ou não com as expectativas evidenciadas pelo produtor da pergunta; (c) seguir a preferência de formato elencada na pergunta ou não; (d) em ocasiões em que há mais de dois interagentes, produzir a resposta sendo endereçado (chamado para tomar o turno) ou não (autosseleção). A preferência de cada estrutura binária é acessada através da sequência interacional, observando que uma resposta preferida geralmente é produzida sem atrasos, sem mitigações. (POMERANTZ, 1984). A organização de preferência dessas estruturas binárias caracteriza-se pela preferência em:

- a) responder com o que foi solicitado em vez de responder sem o que foi solicitado. Essa afirmação é baseada em Stivers e Robinson (2006) que trazem quatro pontos importantes a partir de seu estudo acerca de perguntas que solicitam informação: (1) a resposta que fornece o que foi solicitado é mais comum; (2) a resposta que não fornece o que foi solicitado é produzida com atraso na interação e é expandida com justificativas; (3) quando não há resposta (resposta ausente), geralmente trata-se como um anúncio de desalinhamento; (4) há trabalho interacional para fornecer o que foi solicitado, mesmo se a resposta sem o que foi solicitado estiver disponível;
- b) afirmar ou confirmar em detrimento de discordar ou desconfirmar: as perguntas polares tornam relevante as respostas ‘sim’ ou ‘não’. De acordo com o formato da pergunta e de itens lexicais utilizados, a preferência é de ‘sim’, enquanto que em outros formatos e itens lexicais a preferência pode ser por ‘não’;
- c) responder em conformidade<sup>9</sup> em vez de não-conformidade<sup>10</sup>: esses termos têm relação com as respostas ‘sim’ ou ‘não’, que estão em conformidade, e com alguma resposta que não seja ‘sim’ ou ‘não’, mostrando não-conformidade. As respostas que não são produzidas com ‘sim’ ou ‘não’ podem estar problematizando alguma

---

<sup>9</sup> Do inglês *type-conformity*. (RAYMOND, 2003).

<sup>10</sup> Do inglês *nonconformity*. (RAYMOND, 2003).

pressuposição da pergunta, algum aspecto presente na pergunta e que não é aceito pelo próximo falante (quem responde);

- d) responder quando foi selecionado, evitando responder quando não foi selecionado: esse aspecto trata de ‘quem’ responde à pergunta, sem relação com formato de resposta. Stivers e Robinson (2006) encontraram, em seus dados, três evidências de que é preferido que alguém selecionado como próximo falante tome o turno e responda: (1) falantes selecionados tomam o turno lugar relevante para transição (LRT); (2) interagentes não-selecionados, mesmo podendo tomar o turno, raramente o fazem no LRT; (3) interagentes não-selecionados, quando respondem, usualmente restringem sua resposta.

De acordo com Pomerantz e Heritage (2013, p. 210), a preferência tem relação com princípios que os interagentes seguem durante a conversa. Esses princípios são, geralmente, implícitos e operam de diferentes formas e com diversas consequências para a interação. Elencaremos alguns aspectos relevantes sobre a preferência a seguir:

- a) preferência relacionada a referências: um dos principais aspectos na organização de preferência é o que tem relação com o ajuste ao interlocutor<sup>11</sup>, ou seja, a produção de turnos, sequências e ações que são relevantes para o interlocutor (o interagente a quem nos remetemos na fala). Pertinente a essa questão de ajuste ao interlocutor, é importante que nossos referentes sejam descritos e trazidos para a fala de modo a permitir que o interagente saiba do que se trata, isto é, é preferido utilizar referentes que se sabe que são do conhecimento do interagente;
- b) preferência relacionada a ações da conversa: no que concerne às ações da conversa e às preferências ligadas a essas ações, pode-se dizer que são preferidos os pares convite-aceite, oferta-aceite, solicitação de informação-fornecimento de informação, buscando evitar ou minimizar o não-aceite e o não-fornecimento de informação, por exemplo. Quando se trata de avaliações, há características das sequências de turnos que têm relação com algumas ações serem preferidas ou despreferidas, além de serem produzidas em formatos diferentes de acordo com a preferência ou despreferência com que operam. Em outras palavras, quando se trata da ação avaliar, pode haver diferentes preferências operando, como concordar e contribuir com um elogio feito a alguém ou algo; porém, quando o elogio é do

---

<sup>11</sup> Do inglês *recipient design*. (POMERANTZ; HERITAGE, 2013)

falante corrente para o próximo falante é preferido que o próximo falante minimize a avaliação de si mesmo (não elogiar-se a si mesmo). (POMERANTZ, 1984).

Assim como Pomerantz (1984) tratou de organização de preferência, Koshik (2005) também aborda a organização de preferência, traçando, além disso, um comparativo entre organização de preferência e condutividade<sup>12</sup>. A condutividade baseia-se no conceito de que ‘perguntas condutivas’ indicam que o falante que produziu a pergunta solicitando informação está esperando por determinada resposta. Nesse estudo, a autora trata de inversão de polaridade<sup>13</sup> em perguntas polares.

Na pergunta com polaridade positiva “Alguém chamou?” parece haver uma espera por resposta positiva e na pergunta com polaridade negativa “Ele ainda não chegou?” parece haver uma expectativa por resposta negativa. Nesses dois exemplos a polaridade da pergunta é a mesma da ‘resposta esperada’ (QUIRK et al., 1985, p. 808). Mas há casos em que a polaridade da pergunta e a polaridade da resposta esperada não são as mesmas, ou seja, há a inversão da polaridade entre pergunta e resposta esperada. Quirk et al. (1985, p. 808) trazem à luz alguns exemplos em que ocorre a inversão de polaridade, como em “Você realmente quer sair agora?”, em que se tem uma pergunta com polaridade positiva, mas que, devido à escolha lexical ‘realmente’, um intensificador, a expectativa de resposta é “não”, no lugar de “sim”. Outro exemplo, agora de pergunta com polaridade negativa, mas que parece favorecer uma resposta positiva, é “O barco já não partiu?”, em que, nesse caso, há o elemento “já”, fortalecendo a ideia de que parece que a resposta esperada é “sim”, mesmo com a polaridade negativa. (QUIRK et al., 1985). Deve-se atentar para o fato de esses exemplos serem criados, não são turnos de uma conversa real, gravada e transcrita. Isso significa que, com esses exemplos, não temos acesso à segunda parte do par pergunta-resposta, isto é, não sabemos qual o sentido atribuído ao primeiro turno pelo interagente a quem se faz a pergunta.

A inversão de polaridade depende de dois fatores: itens linguísticos, como “realmente” e “já”, e assunções de quem pergunta. Desse modo, uma pergunta pode ser formada como uma asserção e projetar para a resposta a polaridade oposta à da pergunta. Isso só é possível quando o interagente corrente (que faz a pergunta) tem acesso, em parte, às informações que está buscando ou quando os interagentes (quem pergunta e quem responde) compartilham, ambos, do mesmo conhecimento (i.e., quando os interagentes sabem o mesmo). (KOSHIK, 2005).

---

<sup>12</sup> Do inglês *conductiveness*. (KOSHIK, 2005).

<sup>13</sup> Do inglês *reversed polarity*. (KOSHIK, 2005).

A capacidade de as perguntas com inversão de polaridade serem consideradas asserções indica que as respostas a essas perguntas concordam com a preferência da pergunta, ou seja, as respostas às perguntas com inversão de polaridade concordam com a asserção ‘implícita’ (KOSHIK, 2005) no turno. Tem-se, então, a questão de que as perguntas com polaridade inversa não estão ‘apresentando uma expectativa de resposta’, mas evidenciando o posicionamento epistêmico de quem produz a pergunta. A partir do posicionamento epistêmico que será possível saber qual a resposta específica que se alinha ao posicionamento de quem pergunta. Dessa forma, é possível relacionar uma resposta despreferida com a ideia de discordância.

Considerando outro aspecto de perguntas negativas, Sadock e Zwicky (1985) descrevem-nas como muitas vezes tendenciosas. Dessa forma, perguntar “Não está chovendo?” pode ser tanto uma ação em que se pergunta se não está chovendo, quanto uma forma de indicar que o interagente que perguntou imagina que esteja chovendo.

Baseados nesse aspecto da pergunta negativa, os autores abordam a dificuldade de se responder somente “sim” à pergunta (na língua inglesa, pois na língua alemã, por exemplo, utiliza-se o “*doch*”, em vez de “ja” [“sim”], para sinalizar que a proposição negativa presente na pergunta não está correta). Respondendo somente “sim”, há duas interpretações: “sim, não está chovendo” (concorda com a proposição) ou “sim, você está certo, está chovendo” (concorda com o palpite do falante). (SADOCK; ZWICKY, 1985, p. 190). Essa descrição foi realizada para a língua inglesa, porém, também é válida pensando-se na língua portuguesa.

Os conceitos de condutividade e preferência possuem aspectos em comum, como quando se leva em conta aspectos interacionais concernentes à prática de perguntar. Em outras palavras, o tipo de pergunta produzido, seu formato e a ação desempenhada por meio da prática, são importantes para observar o turno seguinte. A questão que difere nos conceitos é de base metodológica, ou seja, a partir da condutividade fala-se em ‘predisposição do falante que produz a pergunta em receber determinada resposta’. O modo de observar as interações pelo princípio da preferência, porém, não lida com ‘predisposição’ em vias de primeiro turno, mas é observada a sequencialidade e os turnos de demais interagentes para analisar a preferência na interação.

A seção seguinte trata de *cross-cutting preference*, isto é, a preferência inversa que surge quando há conflito entre preferências.

### 2.2.2 *Cross-cutting Preference*

A inversão de polaridade, abordada por Koshik (2005), tem relação com o termo que caracteriza o mesmo fenômeno, a saber, o *cross-cutting preference*, ou seja, que o formato da pergunta polar gera preferência por determinada segunda ação, mas a ação produzida no primeiro turno gera preferência por outra ação em segunda posição (de modo que a polaridade da pergunta é inversa à polaridade da resposta preferida).

Tratando-se de perguntas com polaridade negativa que fazem diversas ações, pode-se dizer que a ação produzida gera preferência pela resposta “sim”, o formato gramatical, porém, gera preferência pela resposta “não”. (SCHEGLOFF, 2007). Justamente devido a essa sobreposição de preferências em um mesmo turno que se usa o termo *cross-cutting preference*, pois trata de camadas de preferência que não são alinhadas, ou seja, camadas de preferência não-congruentes em um mesmo enunciado.

### 2.3 A Prática de Perguntar com Partículas Negativas

Os estudos acerca da prática de perguntar com partículas negativas ocorrem em diferentes campos teóricos. Segundo a Gramática da Língua Portuguesa (de Portugal), de Mateus et al. (2003, p. 462):

As interrogativas negativas são normalmente orientadoras de uma resposta afirmativa. Vejam-se os exemplos seguintes: (i) Não estás de acordo comigo? (ii) Não é verdade que gostas de comer bem? (iii) Não te disse para teres cuidado com o fogo? Em qualquer dos casos o locutor pressupõe a verdade de uma proposição que faz parte dum saber partilhado pelo locutor e pelo alocutário, ou que já ocorreu no discurso anterior, e utiliza-a como uma estratégia para levar o alocutário a confirmar, por meio de uma resposta afirmativa, a verdade dessa proposição.

Os exemplos trazidos por Mira Mateus et al. podem ser considerados orientadores de uma resposta afirmativa. Deve-se observar que os três exemplos são de enunciados que iniciam com a partícula negativa “não” e são produzidos com entonação ascendente, já que a autora e seus colaboradores não consideram enunciados declarativos em seus estudos. No caso dessas três perguntas que solicitam concordância, há preferência por uma resposta afirmativa, o que vai de encontro à organização de preferência se considerarmos o formato, pois uma pergunta com polaridade negativa busca uma resposta negativa. O que acontece nesses exemplos é o *cross-cutting preference* (SCHEGLOFF, 2007), em que a preferência de formato é diferente da preferência de ação de solicitar confirmação (nos exemplos trazidos

por Mira Mateus et al. a polaridade da pergunta é negativa, mas a ação desempenhada gera preferência pela resposta ‘sim’).

Nos estudos sobre o Português Brasileiro (PB), Neves (2011), na *Gramática de Usos do Português*, aborda os enunciados interrogativos gerais que, afirmativos ou negativos, solicitam ao interlocutor uma atribuição de valor de verdade à proposição, ou seja, o enunciado interrogativo geral não está vinculado por si só a nenhum valor de verdade. Em outras palavras, a presença de uma partícula negativa em um enunciado interrogativo não significa o mesmo que em um enunciado declarativo, isto é, não há valor de verdade manifestado na formação interrogativa.

Neves (2011), após trazer à luz a perspectiva acima descrita, discute enunciados interrogativos com elemento negativo que produzem a ação de solicitar informação ou confirmação “nos quais se pode perceber que o locutor (terminologia utilizada pela autora) já tem uma ideia a propósito da resposta e espera do interlocutor uma resposta conforme essa expectativa” (p. 310). Um exemplo de enunciado é “Não viu a placa escrito: entre sem bater? (= Será que não viu? Acho que viu.)” (p. 310). Além dos enunciados com uma expectativa do locutor, há, também enunciados interrogativos negativos que evidenciam uma expectativa por resposta positiva, como em: a) com *tag question*<sup>14</sup> negativa: “Já sei, não diga, o bichinho está doente, **não é?**”; e b) com a expressão “será que”: “**Será que não** posso entrar tarde uma noite?” (a expectativa positiva, nesse caso, é reforçada pela inserção de “será que”). (NEVES, 2011, p. 311).

Além de uma expectativa positiva poder ser marcada nos enunciados que apresentam negação, a autora também versa sobre a expectativa negativa, marcada através de: a) entoação ascendente ao fim da interrogação (“É continuar. Preciso repetir?”) e b) elemento de reforço negativo (“Não sabe ler, **não?**”). Enunciados interrogativos-exclamativos podem, segundo Neves (2011), criar um efeito de incredulidade e surpresa: “Você não percebe o desprezo?!” (p. 311).

O termo ‘expectativa’ tratado na gramática de Neves (2011) é de cunho intuitivo, no sentido de não ser observada uma sequência de turnos de fala, ou seja, não é uma ‘expectativa’ evidenciada na sequência de ações dos interagentes.

A perspectiva abordada no estudo de Neves (2011) não considera dados naturalísticos, nem se vale da perspectiva êmica para analisar os enunciados, é importante, porém, trazê-la

---

<sup>14</sup> Traduzido como “interrogativa de apêndice” por Neves (2011, p. 311).

para este estudo para evidenciar aspectos sobre os quais já se trata quanto às interrogativas negativas no PB.

Outro estudo com dados do PB é o de Martins ([2015?]), que observou interrogativas negativas (como é chamada a prática de perguntar em seu trabalho). Nessa pesquisa, são abordadas diferentes maneiras de ver a prática de perguntar. Consoante Martins ([2015?]), perguntas polares podem ser positivas ou negativas, mas as negativas são escolhas marcadas. Em outras palavras, as perguntas com polaridade negativa estão inclinadas para uma resposta específica, ou seja, quem pergunta está lidando com assunções determinadas e a tendência pela resposta positiva ou negativa pode ser depreendida pelo contexto, por escolhas lexicais e pela entonação, características abordadas também por Neves (2011).

Os exemplos trazidos por Martins ([2015?]) são, de acordo com as categorias propostas em seu estudo, perguntas que pedem confirmação (Ele não comeu já a sopa?); perguntas que expressam reprovação indireta (Não sabias que era o teu dia de fazer o jantar?); perguntas que expressam pedidos polidos (Não me dás aqui uma ajuda?) e ofertas (Não queres um cafezinho?); perguntas que expressam comentários avaliativos (Não está horrível esta sopa?) e, por fim, perguntas que desafiam ou negam (A: Ele é tão desinteressante – B: **Ele não escreveu um *bestseller*?**).

A pesquisa de Martins ([2015?]) se aproxima em parte da perspectiva da AC em relação às ações que a prática de perguntar pode implementar na interação; isto é, analisamos as ações produzidas com as perguntas com partículas negativas. A sistematização acima (das categorias propostas por Martins) é o que aproxima as perspectivas; a caracterização proposta por Martins ([2015?]) se aproxima, em parte, do conceito de ‘ações’ na Análise da Conversa. O aspecto divergente entre o prisma de visão da AC, adotada aqui, e do estudo de Martins ([2015?]) é que a AC parte de uma perspectiva êmica e da sequencialidade de interações naturalísticas, o que não ocorre em Martins ([2015?]). Com vista à perspectiva êmica e à sequencialidade, descrevemos na seção 2.3.1 estudos sob o olhar da AC.

### 2.3.1 Perspectiva da Análise da Conversa

Interrogativas negativas e *tag questions* com *tag* negativa foram diferenciadas por Heritage (2002), que observou, a partir dos dados de interações em noticiários (entrevistas), que esses dois formatos de pergunta não geram as mesmas consequências na sequencialidade da interação. As entrevistas por ele investigadas são realizadas para informar a audiência sobre algo, ou seja, as perguntas feitas são solicitações de informação. As *tag questions* com

*tag* negativa e proposição afirmativa são tomadas pelos interagentes como perguntas em busca de uma resposta de “sim” ou “não” (“Você considera ameaçador votar contra o governo, não?”<sup>15</sup>). As interrogativas negativas, por sua vez, são tratadas pelos interagentes como perguntas que tornam relevante a concordância ou a discordância (“Você não considera ameaçador votar contra o governo?”<sup>16</sup>), não como uma solicitação de informação. Essas características são observadas a partir dos dados e, no caso das interrogativas negativas, o próximo falante produz uma concordância ou uma discordância, não fornece um “sim” ou “não” ao seu interagente. Isso evidencia que as interrogativas negativas são consideradas como asserções pelos interagentes que respondem, e não são concebidas como perguntas (no sentido de solicitar informação). Quirk et al. (1985) chamou as perguntas negativas com sentido de asserção de retóricas, mas também as descreveu como fortemente assertivas.

Uma pesquisadora que realiza seus estudos pela perspectiva da Análise da Conversa (AC), perspectiva utilizada também neste trabalho, é Trine Heinemann. Em um de seus estudos, a autora aborda a questão de mostrar legitimidade ao fazer pedidos através da prática de perguntar (ela realiza seu estudo utilizando interações em dinamarquês). O que coloca nosso trabalho em contato com o estudo realizado por Heinemann (2006) é o fato de serem diferenciados pedidos com polaridade positiva e pedidos com polaridade negativa. Segundo Heinemann (2006), com um pedido interrogativo negativo o interagente que produz o pedido orienta-se de forma a mostrar que possui legitimidade para fazer o pedido em questão (“Você não pode ligar a luz?”<sup>17</sup>). Já quando se trata de pedidos interrogativos positivos, observou-se que a pessoa que faz o pedido é mais hesitante e não demonstra legitimidade ao fazer o pedido (“Posso pedir para sentar mais para trás na cadeira?”<sup>18</sup>).

Podemos observar que o recorte feito em Heinemann (2006) foi analisar a ação de pedido e mostrar as consequências interacionais de se fazer um pedido de forma interrogativa positiva e negativa. Na introdução de seu trabalho, a autora aborda a questão de que partículas negativas eram consideradas por alguns estudiosos uma forma menos polida de se falar, afirmação que ela mostra, através das interações, não ser aplicável no contexto por ela trabalhado.

Outro aspecto de que Heinemann (2005) trata é que as interrogativas negativas em dinamarquês são produzidas de modo a haver uma inclinação à resposta ou à resposta “sim”

---

<sup>15</sup> Do inglês *You'll have to consider threatening to vote against the government, won't you?* (HERITAGE, 2002).

<sup>16</sup> Do inglês *Won't you have to consider threatening to vote against the government?* (HERITAGE, 2002).

<sup>17</sup> Do inglês *Can't you turn on the overhead light?* (HEINEMANN, 2006)

<sup>18</sup> Do inglês *May I ask to get a bit further into the chair?* (HEINEMANN, 2006)

ou à resposta “não”. Tal tendência a uma resposta depende do interlocutor que faz a pergunta, no sentido de considerar alguma situação ou não, em outras palavras, depende de o que a pessoa que pergunta acredita ser verdadeiro ou não.

É relevante citar também Monzoni (2009), que investiga as interrogativas negativas na Língua Italiana. Em seu estudo, a autora encontra evidências de que as interrogativas negativas são mais assertivas que as interrogativas positivas, o que vai ao encontro do estudo de Heritage (2002), descrito acima. As interações utilizadas foram de chamadas à ambulância, contexto em que os interagentes utilizavam a prática de perguntar com partícula negativa para fazer reclamações diretas de alguma situação problemática. Monzoni (2009) aborda, desse modo, outra ação possível com a prática de perguntar, nesse caso, fazer uma reclamação.

Os estudos que têm como foco a prática de perguntar com partículas negativas são poucos quando se trata do Português Brasileiro (PB), sem mencionar que sob a perspectiva da Análise da Conversa não há trabalhos sobre o assunto. Buscamos, dessa forma, dar os primeiros passos na análise da prática de perguntar com partículas negativas no PB.

Heritage e Clayman (2013) realizaram um estudo em que entrevistas de coletivas presidenciais da década de 1950 até os anos 2000 foram analisadas. Em sua pesquisa, os autores observaram as interrogativas negativas, que, segundo eles, foram descritas como indicadoras de assertividade jornalística. Deve-se ressaltar que as interrogativas negativas analisadas são produzidas por jornalistas aos candidatos à presidência.

As interrogativas negativas não são sempre entendidas como perguntas (HERITAGE; CLAYMAN, 2013) e essa observação tem origem na análise das entrevistas. Em algumas ocorrências, a pessoa para quem foi produzida a interrogativa negativa orienta-se para ela de modo a evidenciar concordância ou discordância. Essa segunda parte de par adjacente desvela a orientação do respondente a uma primeira parte de par que tem como ação fornecer opinião sobre algo, não perguntar algo.

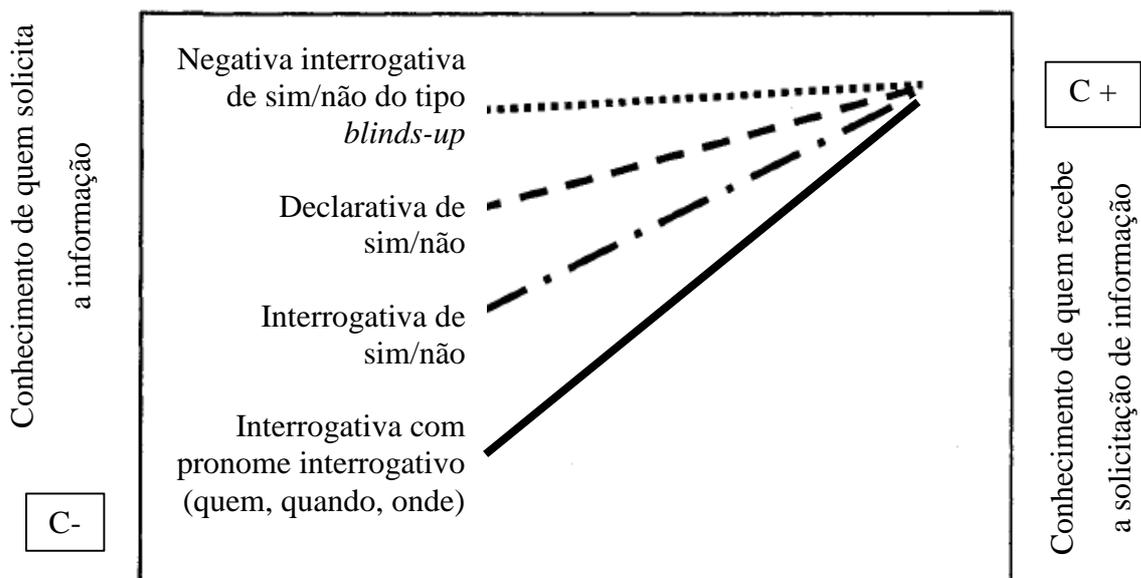
A partir de um estudo ao longo dos anos e da comparação das entrevistas, os autores Heritage e Clayman (2013) perceberam que a porcentagem de interrogativas aumentou com o passar dos anos e o assunto abordado nas interrogativas foi modificando. Evidenciou-se que, enquanto as interrogativas negativas nas primeiras entrevistas traziam temas mais ‘leves’ sobre a administração, com o passar dos anos as interrogativas negativas abordam questões administrativas ou de cunho ideológico mais graves ou colocando em pauta alguma decisão política com implicação problemática, além de serem produzidas de modo mais ríspido. A assertividade das perguntas negativas é trazida também na dissertação de tese de Park (2008), quando propõe uma modificação no quadro que apresenta o gradiente epistêmico de acordo

com o formato da pergunta. O quadro que Park (2008) reformula tem como base o estudo de Heritage (2009).

A proposta de Park (2008) está baseada em, além de Heritage (2009), Bolinger (1957), quando traz os termos *blinds-up* e *blinds-down*. Uma pergunta negativa produzida pelo falante-corrente em que ele não está “a par dos fatos” (“in plain view of the facts”), ou seja, em que ele se encontra com menos conhecimento no gradiente epistêmico é chamada *blinds-down* (no sentido de persianas fechadas, não ter a visão de fora da casa, não ter o conhecimento). Já quando o interagente que produz a pergunta tem acesso à informação, isto é, está “a par dos fatos”, a pergunta negativa é chamada de *blinds-up* (persianas abertas, visão de fora da casa possibilitada, tem acesso à informação).

As perguntas negativas *blinds-up* geralmente são tomadas como evidências do posicionamento epistêmico do interagente que produziu a pergunta acerca do assunto abordado, o próximo falante não se orienta para a pergunta negativa do tipo *blinds-up* como realizando a ação de solicitar informação. As ações mais comuns desse formato de pergunta negativa é avaliar (O dia não está lindo?) e desafiar. (KOSHIK, 2005). Os outros formatos de perguntas desvelam um gradiente epistêmico maior.

Figura 2 - Gradiente epistêmico



Fonte: Adaptada pela autora a partir de Park (2008).

Park (2008) analisa estruturas e práticas de ação que são realizadas através do par adjacente pergunta de sim/não negativa e resposta produzido em conversas naturalísticas das línguas inglesa e coreana. O estudo aponta para o uso de diferentes formatos de pergunta que desempenham a ação de pedir informação. Ademais, os desenhos dos turnos de resposta evidenciam que os interagentes mostram seu entendimento à ação realizada no turno anterior (pergunta).

A língua coreana apresenta duas formas de pergunta de sim/não negativa: a pergunta de sim/não com negação pré-verbal (*an*) e a pergunta de sim/não com a negação pós-verbal (*ci anh-*). Também foi analisada a pergunta de sim/não declarativa negativa no inglês.

Os interagentes das línguas coreana e inglesa tomam a sequência de pergunta de sim/não negativa e a resposta como práticas sensíveis ao contexto, ou seja, determinadas local e situadamente na interação de acordo com os seguintes fatores: (a) sobre o que é tratado; (b) como a pergunta reivindica o status epistêmico entre quem pergunta e quem responde; (c) como a pergunta aborda algo tratado anteriormente; e (d) qual o formato de pergunta.

Diferentes ações são produzidas com as perguntas de negação pré-verbal e as perguntas de negação pós-verbal na língua coreana, isto é, o uso de formatos diferentes possui diferentes consequências interacionais. (PARK, 2008).

As perguntas negativas com negação pré-verbal podem evidenciar um entendimento sobre um evento negativo, ou seja, sobre uma proposição negada, que esteve presente na fala anterior. Dessa forma, é possível afirmar que a pergunta negativa com negação pré-verbal carrega “inferências” (Park, 2008) de quem produz a pergunta sobre o que seu interagente falou em turnos anteriores. Através da pergunta negativa, o interagente que a produz cede o domínio epistêmico para o respondente, isto é, quem produz a pergunta se coloca em um lugar de interagente “epistemicamente submisso”. (PARK, 2008). A pergunta negativa com negação pré-verbal é entendida pelos interagentes como fazendo as seguintes ações: checagem de entendimento, reclamação/acusação, demonstração de não-entendimento ou oferta de tópico.

A resposta preferida para a pergunta negativa com negação pré-verbal é a que confirma o entendimento proposto na pergunta, ou seja, confirma a negação realizada. Em contrapartida, a resposta despreferida é a desconfirmação da proposição negativa presente na pergunta.

Trouxemos os resultados da análise de Park (2008) das perguntas negativas com negação pré-verbal. Agora, abordaremos questões descobertas pela autora com relação a perguntas negativas com negação pós-verbal, também característico da língua coreana.

As perguntas negativas com negação pós-verbal podem ser utilizadas para solicitar: (a) uma confirmação do conhecimento do interagente que produz a pergunta; (b) uma concordância com uma avaliação ou ponto de vista de quem produz a pergunta; (c) uma justificativa pelo conhecimento que é diferente do conhecimento evidenciado por quem pergunta.

Os achados de Park (2008) mostram que, no momento em que se produz uma pergunta negativa com negação pós-verbal, o interagente que produz a pergunta está epistemicamente mais munido ou demonstra estar um grau epistêmico menos submisso em relação ao interagente para quem a pergunta foi endereçada. Esse aspecto observado nas análises de Park (2008) evidencia uma diferença interacional entre a negação pré-verbal e a negação pós-verbal nas perguntas negativas do coreano. Outras ações também são produzidas com esse diferente grau epistêmico demonstrado nas perguntas negativas com negação pós-verbal: avaliar, asseverar um ponto de vista, concordar, discordar e desafiar.

É possível observar se há um grau epistêmico maior ou menor do interagente que pergunta de acordo com as ações sociais desempenhadas na prática de perguntar com partículas negativas, aspecto que iremos abordar em nossa análise.

### 3 METODOLOGIA

A metodologia utilizada para realizar este estudo baseia-se na geração de dados provenientes de interações naturalísticas, isto é, interações da “vida real”, que ocorreriam mesmo sem o objetivo de nossa pesquisa, transcrição das gravações e sua análise com fundamentação teórico-metodológica na Análise da Conversa (AC) de base etnometodológica. (SACKS; SCHEGLOFF; JEFFERSON, 1974).

Foram gravadas interações em um hospital público materno-infantil do sul do Brasil. Esse hospital atende pelo Sistema Único de Saúde (SUS) e possui um setor especializado para receber gestantes em gravidez de médio e alto risco. A equipe de profissionais é capacitada para atender às especificidades dos exames e realizar consultas com pacientes.

Além de possuir esse setor especializado, o hospital também possui programas de residência médica, atendendo à função, também, de realizar um trabalho de hospital-escola. Isso significa que as/os residentes realizam os exames e, em seguida, o profissional preceptor (aquele que é oficialmente integrante do corpo de profissionais do hospital) faz a chamada “revisão” do exame.

A seguir, abordaremos com mais detalhamento aspectos metodológicos desta pesquisa: como foi feita a imersão das pesquisadoras no hospital, geração, transcrição e análise de dados, bem como a apresentação da base teórico-metodológica da AC.

#### 3.1 Imersão no Contexto Pesquisado

A geração de dados, propriamente dita, iniciou-se após a imersão das pesquisadoras (incluindo-me) no contexto investigado. Foram feitas visitas ao hospital, durante as quais nos apresentamos, conversamos com as/os profissionais, e explicamos a elas/eles qual era nosso objetivo com a pesquisa maior, coordenada por minha orientadora.

Também foi preciso convidá-las/los a participar da coleta, ou seja, falamos com cada médica e médico, expondo o que pretendíamos fazer a partir da geração de dados. Oferecemos-lhes o termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE)<sup>19</sup>, para que pudessem ler com mais detalhamento o que o projeto de pesquisa buscava no hospital e, caso aceitassem participar da pesquisa, assinassem em duas vias, uma para nós, do grupo de pesquisa, e uma para cada profissional.

---

<sup>19</sup> O TCLE específico para os/as profissionais está ao final do trabalho no Anexo A.

Além disso, fizemos observações antes de dar início ao registro das interações. Observamos a rotina desse setor do hospital, conversamos com as enfermeiras responsáveis por chamar as pacientes no momento do exame ou consulta e entramos com as/os médicas/os em suas salas no momento em que havia uma gestante para ser atendida. Essa “participação” no momento do exame foi de grande importância para planejarmos o local de cada sala que seria mais adequado para posicionar-se ao iniciar as gravações, já que, em alguns exames, não éramos apenas nós, pesquisadoras, a entrar na sala, mas também o equipamento de filmagem (tripé e câmera), além de possíveis acompanhantes das gestantes.

Como já mencionado, o hospital recebe mulheres com gestações de médio e alto risco, ou seja, gestações com a possibilidade ou a já evidência de um feto com malformação e/ou alguma síndrome; gestações gemelares; gestantes diabéticas, hipertensas, com idade mais avançada, com toxoplasmose etc. O hospital conta com uma equipe de medicina fetal especializada composta por médicas/os obstetras, ecografistas, ecocardiografistas, geneticista, nutricionista, psicólogas/os, ginecologistas, cirurgião pediatra e enfermeiras. Isso possibilita às pacientes a realização do pré-natal e pós-natal completo no hospital, caso seja confirmado que sua gestação é de médio ou alto risco.

### **3.2 Geração de Dados**

A geração de dados foi realizada por seis pessoas membras do grupo de pesquisa *Fala-em-Interação em Contextos Institucionais e Não-Institucionais*, coordenado pela profa. Dra. Ana Cristina Ostermann, também minha orientadora. Os dias e turnos para a geração de dados foram organizados tendo em mente os horários em que as/os médicas/os responsáveis atendiam aos exames ou consulta que pretendíamos gravar: ecografias, ecocardiografias e aconselhamento genético, já que o foco da coleta eram exatamente os exames e a consulta.

Duas das pesquisadoras participaram de reuniões em que todas/os as/os médicas/os estão presentes. Nessas reuniões são abordados casos de gestações mais complexas, geralmente em situação de malformação ou alto risco do feto. Essas reuniões não são gravadas, mas as pesquisadoras tomaram nota de cada caso e do que é dito pelas/os médicas/os em cada atendimento. A participação nas reuniões foi de grande importância pelo fato de podermos nos inserir de forma mais completa no contexto das gestantes e do hospital e seus profissionais.

A prática de gravar interações naturalísticas exige, primeiramente, o aceite por parte de cada paciente em participar da coleta, isto é, antes de gravarmos os exames ou consulta, pedimos

a autorização de cada gestante, apresentando o TCLE<sup>20</sup> e explicando, de modo resumido, qual o objetivo da pesquisa e o porquê de gravar as interações médico-paciente. Em caso de aceite, estávamos devidamente autorizadas a realizar a gravação, pois já possuíamos o aceite dos médicos.

Os exames de ecografia e ecocardiografia foram gravados tanto em áudio quanto em vídeo, mas a gravação em vídeo aqui referida é somente da tela que a/o médica/o ou a paciente tem acesso, não dos rostos das pessoas. Já a consulta de aconselhamento genético foi gravada em áudio somente, pois não há presença de mídia (tela de computador) na interação. Só houve presença de câmera de vídeo nos exames, em que se filmava a tela do computador que mostra a imagem do feto. Percebe-se, no entanto, que a filmagem das pessoas, seus olhares, seus movimentos teria sido algo de extrema importância em alguns momentos das interações, pois os gestos são parte integrante das interações. Um plano para o futuro é, também, ter a permissão para filmar todas/os interagentes.

O posicionamento das câmeras (no tripé) e das pesquisadoras era manejado de modo a não perturbar a circulação de pessoas (paciente, médica/o, enfermeiras) e, ao mesmo tempo, conseguir um bom ângulo de filmagem. No caso dos aconselhamentos genéticos, em que não há câmera, as pesquisadoras sentavam-se próximas ao médico e às gestantes e seus acompanhantes, gravando em áudio e fazendo anotações de campo. As anotações de campo feitas pelas pesquisadoras são acrescentadas ao *template* de transcrição de cada interação, para auxílio de entendimento de algo relevante que possa ter acontecido na interação.

### 3.3 Análise de Dados

Para realizar a análise de dados, apoiamo-nos nas transcrições e nas gravações em áudio e/ou vídeo das interações, de forma a buscarmos a maior aproximação possível do que teria sido o evento em si. Isso se deve ao fato de a transcrição ser uma representação gráfica do evento real de fala, não o evento em si (a gravação também não é o evento real, mas é o modo de reprodução mais próximo da interação).

A transcrição foi feita por integrantes do grupo de pesquisa já mencionado, com base nas convenções de transcrição propostas por Jefferson (2004)<sup>21</sup>, traduzidas e adaptadas<sup>22</sup> pelo grupo de pesquisa FEI (Fala-em-Interação). As adaptações feitas nas convenções propostas

---

<sup>20</sup> O TCLE específico para as gestantes está ao final do trabalho no Anexo B.

<sup>21</sup> A proposta de convenções de transcrição foi compilada em 1984, mas citamos o texto de 2004, do qual acessamos as convenções.

<sup>22</sup> As convenções utilizadas por nosso grupo estão ao final do trabalho no Apêndice A.

por Jefferson foram baseadas nas sugestões do grupo GAT2 (2011)<sup>23</sup>. De acordo com o grupo GAT2, as convenções jeffersonianas não suprem algumas necessidades prosódicas, importantes para as pesquisas realizadas no nosso grupo.

Apresento, agora, o quadro atual de nosso corpus, com detalhamento dos tipos de exames e consultas, número de gravações em áudio, em vídeo e em ambas modalidades, quantidade de interações transcritas e número total de gravações realizadas.

Tabela 1 - Corpus atual

<b>DADOS HOSPITAL MATERNO INFANTIL</b>				
<b>Profissional</b>	<b>Áudio</b>	<b>Vídeo</b>	<b>Transcrições</b>	<b>Revisões</b>
<b>Aconselhamento genético</b>				
Jeferson	54	-	54	54
<b>Total</b>	54	-	54	54
<b>Ecografias obstétricas</b>				
Deise	32	31	32	32
Fernanda	29	25	29	29
João	1	1	1	1
Rosângela	2	2	2	2
<b>Total</b>	64	59	64	64
<b>Ecografias morfológicas</b>				
Rosângela	1	1	1	1
Deise	8	8	8	8
Emilia	2	2	2	2
Fernanda	8	8	8	8
Rafaela	3	3	3	3
<b>Total</b>	22	22	22	22
<b>Ecocardiografias</b>				
Luana	52	50	52	52
<b>Total</b>	52	50	52	52
<b>Total geral</b>	192	131	192	192

Fonte: Grupo FEI.

<sup>23</sup> GAT é o acrônimo de *Gesprächsanalytisches Transkriptionssystem* (Sistema de Transcrição de Análise da Conversa e do Discurso)

Para a formação da coleção de dados para análise desta dissertação de mestrado, delimitamos o escopo de interações para: consultas com o médico geneticista Jeferson, exames de ecocardiografia com a médica Luana, exames de ecografia morfológica/obstétrica com as médicas residentes Fernanda e Deise. Desses quatro profissionais foram selecionadas dez interações (de cada profissional). Também observamos os três exames com a médica preceptora Rosângela e o único exame com o médico preceptor João. As interações apresentadas neste trabalho representam o total de 66 ocorrências de prática de perguntar.

Tabela 2 – Interações

<b>Profissional</b>	<b>Total de Interações Observadas</b>
Jeferson	10
Luana	10
Fernanda	10
Deise	10
Rosângela	3
João	1
<b>Total</b>	<b>66</b>

Fonte: Elaborada pela Autora.

Após realizada a audição das gravações em áudio, assistidas às gravações em vídeo (quando existente) e efetuada a leitura e análise minuciosa das transcrições (concomitante à audição da gravação em áudio), foram selecionadas as ocorrências de prática de perguntar com partícula negativa que estavam presentes nas interações. Cada evento era isolado e armazenado em um novo local virtual (com parte da interação anterior e posterior à prática de perguntar propriamente dita), para que se pudesse investigar recorrências de sequências e ações nas interações.

A análise foi realizada com base no aparato teórico-metodológico da Análise da Conversa de base etnometodológica (AC), em que se busca descrever as ações feitas pelos interagentes durante a fala, com base em seus próprios entendimentos. Na seção a seguir, apresentaremos a AC com maior detalhamento.

### 3.4 Análise da Conversa de Base Etnometodológica

A fala faz parte das relações sociais da maioria das pessoas, é a partir dela que agimos, que nos comunicamos, que construímos nossas identidades e entendemos a construção das identidades alheias. A Análise da Conversa de base etnometodológica (AC) (SACKS, 1992; SACKS; SCHEGLOFF; JEFFERSON, 1974) é o aparato teórico-metodológico que busca descrever a conversa e as ações de cada interagente, ou seja, é adotada uma perspectiva êmica para realizar as pesquisas apoiando-se na AC.

A AC surgiu a partir das ideias de Harvey Sacks, juntamente com as contribuições de Emanuel Schegloff e Gail Jefferson por volta dos anos de 1960. Uma das fundadoras da AC é a sociologia, que vinha em expansão naquela época e que investigava normas nas ações das pessoas em sua vida cotidiana. Sacks, então, percebeu que a fala também tem uma determinada organização, isto é, a conversa não é um caos, como era dito até então. A AC pode ser definida, desse modo, como uma síntese dos conceitos que envolvem a interação como instituição cotidiana, as normas de como os interagentes conduzem a interação e quais as maneiras adotadas por eles para produzir e atribuir sentido às ações envolvidas na conversa. (CLAYMANN; GILL, 2012).

No que tange aos dados utilizados na AC, deve-se ter em mente que são dados gravados em áudio e/ou vídeo de ocorrências naturalísticas de fala, ou seja, os dados gerados na AC, são de conversas que fazem naturalmente parte da vida social, tanto institucional quanto mundana. O importante é que as interações gravadas normalmente não são geradas com o objetivo específico de realizar uma pesquisa.

O aspecto *gravação da interação* causa certo questionamento acerca da real *naturalidade* das interações, pois pergunta-se se os interagentes que estão sendo gravados não se orientam para a presença de um gravador ou câmera, fazendo com que a interação seja *artificial*. Em relação a essa questão, Clayman e Gill (2012) explicam que *ser observado* é um lugar-comum da interação, pois, no momento em que interagimos, estamos cientes de que estamos sendo observados por aquele com quem conversamos. Outro fato é o de que, caso a/o interagente venha a fazer referência à câmera ou gravador durante a conversa, ela/ele o fará por meio de tomada de turnos, organização sequencial e ações, o que conferem os mesmos processos encontrados em outras conversas. Não se pode esquecer também que a/o interagente não se preocupará por muito tempo com gravador e câmera, já que o tópico da conversa será desenvolvido de acordo com o que inicialmente era o assunto da interação. Isso significa que a gravação em áudio e/ou vídeo de interações naturalísticas é a maneira mais

próxima alcançada para observar e descrever a conversa *na vida como ela é*, isto é, na vida social real.

Consoante Sidnell (2013), a/o analista da conversa descreve as ações dos interagentes a partir do que foi realmente realizado, descreve a interação por meio dos olhos dos próprios interagentes. Isso significa que na AC não podem ser feitas inferências acerca da conversa, ou seja, o/a pesquisador/a deve abster-se de opinar sobre a conversa e deve *pôr as lentes* que mostram a interação pelos olhos dos interagentes. Quero dizer, com isso, que só se pode afirmar algo sobre a interação que possa ser mostrado pelas ações das pessoas que são participantes da conversa analisada.

Uma característica bastante cara à AC é a *sequencialidade*. É observando a sequencialidade da interação que a/o analista poderá descrever e analisar a conversa e as ações dos interagentes. A sequencialidade é a estrutura da conversa, o turno a turno, a organização da fala das/dos interagentes. É por meio de uma sequência de falas que a conversa se constitui. E é através dos chamados *pares adjacentes* que as sequências são formadas. Os pares adjacentes são formados de duas partes relacionadas uma à outra. Exemplos de pares adjacentes são: convite-aceite/recusa; cumprimento-cumprimento; pergunta-resposta etc. (MAYNARD; PERÄKYLÄ, 2003). Conforme Sacks (1992), no momento em que uma/um falante produz um turno, constitui-se uma ação (ou mais de uma) na interação. Essa ação produzida pela/pelo interagente busca uma ação seguinte, por parte de outra/outro interagente, sendo que essa segunda ação deve ter relação com a primeira, característica chamada de *relevância condicional*. Tal característica faz com que a primeira parte do par adjacente esteja orientada para certo aspecto. A segunda parte do par adjacente, por conseguinte, tornará o aspecto elencado previamente relevante ou não. Dessa maneira a/o falante pode saber qual o local em que é adequado tomar o turno.

Considerando as características da AC, isto é, observar a sequencialidade, as ações realizadas pelos interagentes, bem como seus próprios entendimentos evidenciados na sua fala, percebe-se a necessidade de descrição dos mecanismos utilizados durante a conversa para a produção de ações. A importância de se voltar o olhar para o agir social dos falantes é um aspecto caro para o entendimento de como cada um se constrói como indivíduo por meio da fala-em-interação.

## **4 ANÁLISE DE DADOS**

O capítulo analítico é composto de seções que tratam da prática de perguntar com partículas negativas desempenhando diferentes ações nos excertos analisados. As quatro seções propostas são: (4.1) A prática de perguntar com partículas negativas: relevância no nível da proposição do turno de fala; (4.2) A prática de perguntar com partículas negativas: relevância no nível da ação da pergunta; (4.3) A prática de perguntar com a expressão “eu não vou”; (4.4) A prática de perguntar com partículas negativas: pedidos, legitimidade e contingências.

A pergunta com partícula negativa que é relevante no nível da proposição do turno é caracterizada por negar uma proposição, ou seja, negar algum fato ou situação. Já a pergunta com partícula negativa que evidencia relevância no nível da ação da pergunta não ‘nega alguma proposição’, mas tem importância no curso de ação que é realizado no turno e na sequência da interação. As construções com “eu não vou” evidenciam a preferência por uma segunda parte do par adjacente produzida com partícula negativa e têm relação com alguma situação do futuro da gestante/paciente. Por fim, a prática de perguntar que envolve a ação de realizar pedidos está relacionada a questões de legitimidade em fazer um pedido e a contingências envolvidas para que determinado pedido seja realizado.

### **4.1 A Prática de Perguntar com Partículas Negativas: relevância no nível da proposição do turno de fala**

Negar uma proposição é a característica principal das perguntas que trazemos nesta seção. No momento em que se produz uma pergunta com alguma partícula negativa, há que se observar o que sua presença gera na pergunta. Os Excertos 2 a 7 são caracterizados por possuírem a partícula negativa operando no nível da proposição, isto é, na ausência de algo ou alguma situação sobre o que se fala naquele turno.

O Excerto 2 apresenta parte da conversa que acontece entre a preceptora Rosângela e a gestante Diana durante uma ecocardiografia morfológica. Na conversa, surge o tópico “estômago do bebê” e sua visibilidade atual.

## Excerto 2 - HMF\_ECOMORFO\_diana\_ROSANGELA\_14\_01\_14

33 ROSÂNGELA: aqui é a meni::na  
 34 (6.2)  
 35 ROSÂNGELA: aqui é o meni:no  
 36 (4.5)  
 37 >ali é o pinto< (.)  
 38 ROSÂNGELA: †a: bom  
 39 (2.7)  
 40 ROSÂNGELA: em algum momento se achô que o lí:quido tava:  
 41 (6.7)  
 42 ROSÂNGELA: >não tinha se visto bem o estômago< †né:=  
 43 DIANA: =ãrrã  
 44 (0.8)  
 45 ROSÂNGELA: então aqui:: >agora não tem mais< nenhuma dúvida  
 46 (20.5)  
 47 ROSÂNGELA: aí::  
 48 (21.5)  
 49 ROSÂNGELA: essa é †ela  
 50 (12.9)  
 51 ROSÂNGELA: mexe::ndo a boca.

O Excerto 2 apresenta uma pergunta com partícula negativa na linha 42. A pergunta é feita pela médica e constitui um pedido de confirmação. O turno “>não tinha se visto bem o estômago< †né:” solicita confirmação sobre o estômago, sobre não tê-lo visto bem em outro exame. Das linhas 33 a 37, a médica reporta o que está vendo no monitor e na linha 38 faz uma avaliação do que vê (“†a: bom”).

A linha 40, Rosângela começa a falar do líquido amniótico, mas não conclui seu turno. Na linha 42, produz um pedido de confirmação sobre o estômago do bebê. Seu turno da linha 42 foi construído por uma sentença declarativa e uma *tag*, o “né”. Essa partícula no fim do turno exerce preferência pela confirmação da informação pela próxima falante. Após a confirmação da gestante, através do turno da linha 43, “ãrrã”, a médica provê a notícia “então aqui:: >agora não tem mais< nenhuma dúvida” e conclui o assunto, continuando o exame de Diana.

Pela sequencialidade do Excerto 2, podemos dizer que a outra ação realizada na linha 42 é de pré-anúncio, isto é, a pergunta produz a ação iniciar uma sequência de anúncio. O pré-anúncio “>não tinha se visto bem o estômago< †né:” tornou relevante um anúncio na sequência “então aqui:: >agora não tem mais< nenhuma dúvida” (linha 45). No turno da linha 42, o “não” está ligado aos termos da proposição de que “não se tinha visto bem o

estômago”. Podemos afirmar, também, que a ausência do “não” na linha 42 alteraria a proposição, já que se teria “se tinha visto bem o estômago, né”, que evidencia exatamente o contrário da proposição com “não”.

A preferência (POMERANTZ; HERITAGE, 2013) gerada pela pergunta da linha 42 é por uma segunda parte de par que concorde com a proposição da pergunta “>não tinha se visto bem o estômago<” e a partícula “né” reforça a preferência pela confirmação da proposição do turno.

No Excerto 3, trazemos parte da consulta de aconselhamento genético da gestante Maria com o médico Jeferson. Esta parte da consulta ocorre durante a fase da anamnese, em que Jeferson solicita informações para Maria e a pergunta negativa do excerto tem relação com gestações anteriores e perdas gestacionais.

#### Excerto 3 - HMF\_ACONGEN\_maria\_JEFERSON\_28\_01\_14

34 JEFERSON: maria essa é a tua primeira gravi↑dez  
 35 MARIA: mhm:  
 36 JEFERSON: (°primeira mhm°)  
 37 (1.1)  
 38 JEFERSON: **tu:: não teve nenhuma <perda gestacional> °né**  
 39 tu s::°  
 40 MARIA: ↓nã:o °não° nunca tive nã:o  
 41 JEFERSON: °não (ãrrã°)

Na linha 34, Jeferson solicita a informação “maria essa é a tua primeira gravi↑dez”, o que Maria confirma com “mhm” (linha 35). Já na linha 38, o médico solicita a informação “tu:: não teve nenhuma <perda gestacional> °né”, o que Maria confirma ao negar, “↓nã:o °não° nunca tive nã:o”. Isto é, pelo fato de a pergunta ter sido produzida com marcador discursivo ao final do turno, a ação seguinte poderia ser a de confirmar ou não a solicitação.

Outra questão a se levar em conta é o formato negativo com o qual a pergunta foi produzida: o formato negativo restringe a produção da confirmação em segunda posição. A confirmação de Maria é marcada pela repetição do “não” e do intensificador da negação “nunca”. O turno do médico na linha 38, em que se solicita uma informação em formato declarativo e com partícula negativa, torna preferido que a gestante responda negativamente (o que acontece de fato na sequência). A utilização da partícula “né” no *design* do turno da



“sim”, que se configura em uma pós-expansão do par adjacente anterior, mostrando recibo da informação que a gestante havia dito. Na linha 157, Emília produz o pedido de informação “ã:: perfeitinho né”, ao que a gestante fornece a informação em um turno colado ao anterior, confirmando que seu filho é “perfeito”. Nas linhas 159 e 160, a médica produz uma solicitação de informação “>↑tá< sem nenhuma alteraçãozinha [né ]” com duas partículas negativas: “sem” e “nenhuma”. A ação desempenhada por esse turno é de solicitação de confirmação de uma informação para a gestante.

Como já haviam falado em turnos anteriores que o filho de Daniele é “perfeito”, essa situação possibilita à médica um grau epistêmico alto e permite-lhe que elabore seu turno com o marcador discursivo “né”. O “né” deixa evidente que a preferência de resposta, aqui, é negativa, isto é, confirmando a proposição do turno: “sem nenhuma alteração” (linhas 159-160). O turno das linhas 159 e 160 evidencia uma busca pela confirmação de que o filho de cinco anos de Daniele não possui alguma alteração (no sentido de malformação). A resposta fornecida pela gestante é produzida em formato não-conformativo, ou seja, não utiliza “sim” ou “não” para responder, mas, sim, “[ele] só nasceu prematuro.”. A resposta da paciente lida com a questão de seu filho não possuir alguma alteração (malformação), mas informa que nasceu prematuro, o que não deixa de ser uma alteração, ainda que não do aspecto de formação físico-cognitiva.

No turno “>↑tá< sem nenhuma alteraçãozinha [né]”, há a presença da dupla negação com “sem” e “nenhuma”. A dupla negação confere mais força semântica à negação da proposição. Em outras palavras, a dupla negação está relacionada ao que há na sequencialidade da fala e ao que é proposto no turno: *sem alteração, nenhuma alteração, sem nenhuma alteração*, ou seja, a sequencialidade evidencia a preferência por uma resposta negativa, ou melhor, uma confirmação da proposição da médica (confirmar a proposição da médica, aqui, é negar qualquer alteração na saúde ou formação do bebê).

No Excerto 5, temos um trecho da interação entre a gestante Sabrina, a médica residente Deise e a médica preceptora Rosângela. Esta parte da interação é quase ao final do exame, em que se fornece o peso do bebê à gestante.

## Excerto 5 - HMF\_ECOOBST\_sabrina\_DEISE\_27\_11\_13

243 DEISE: tá ó::timo  
 244 (0.7)  
 245 DEISE: então tá guri::a  
 246 (1.5)  
 247 ROSÂNGELA: TRÊs cento e trinta SÓ  
 248 (1.2)  
 249 SABRINA: °°m:: tá bom°°  
 250 ROSÂNGELA: {{rindo}tá bom}  
 251 DEISE: {{rindo} não ficô ↑bom}  
 252 SABRINA: **não deu pra ver bem hoje né::**  
 253 DEISE: os nenêm, quando maior os nenê fica,  
 254 mais difícil de ve:r  
 255 SABRINA: não deu pra ver os braci:nho, na:da,  
 256 DEISE: é:: ele tá ali ele fica- (0.5) tu tem  
 257 que pensá o seguinte (.) é um nenê que:  
 258 ocupa uma barriga,=  
 259 SABRINA:: =°m::h::°=  
 260 DEISE: =a me::sma:  
 261 barriga >desde< o início (.) então >ele<  
 262 cre::sce, ele não te::m mu:ito muita coisa  
 263 pra se mexê ali de::ntro  
 264 SABRINA: °°ã::°°  
 265 (0.5)  
 266 DEISE: e:: assim, quanto ma:is a gente vê é:  
 267 avança e gestação pior pra ver os- as  
 268 (0.8) perni::nha, braci::nho, é [pio::r]  
 269 SABRINA: [m:hm: ]  
 270 (1.2)  
 271 DEISE: isso é o que acontece com todos os  
 272 nenês

Na linha 243, Deise avalia a situação da gestante com “tá ó::timo” e na linha 247 Rosângela informa o peso do bebê “TRÊs cento e trinta SÓ”. Na sequência, há a avaliação feita por Sabrina em volume baixo “°°m:: tá bom°°”, o que gera relevância por segundas avaliações das outras interagentes. (POMERANTZ, 1984). Rosângela e Deise avaliam também utilizando a mesma avaliação que Sabrina usara na linha 249. Na sequência dessas ações, Sabrina faz uma avaliação geral do exame “não deu pra ver bem hoje

né: :”. Esse turno de Sabrina gera uma sequência de explicação por parte de Deise, da linha 253 até a linha 272, com alguns turnos em que Sabrina produz recibos de entendimento.

Considerando que a explicação de Deise ao turno de Sabrina trata dos motivos porque é mais difícil ver os detalhes do corpo do bebê na idade gestacional em que Sabrina está, podemos afirmar que Deise toma o turno de Sabrina como uma possível reclamação por não ter-se visto bem o bebê naquele exame. As explicações de Deise são justificativas da não visualização do bebê. Ela fecha seu turno justificando que “isso é o que acontece com todos os nenês” (linhas 271-272).

O Excerto 5 evidencia, dessa forma, a prática de perguntar em formato declarativo com *tag* “né” e a partícula negativa “não” que produz a ação reclamação da gestante e tem como consequência interacional uma justificativa por parte da médica residente. (SCHEGLOFF, 2007). Nesse trecho, a partícula negativa “não”, assim como nos excertos anteriores, possui valor semântico ligado à proposição do turno. Significa que se não houvesse o “não” no turno, haveria uma proposição diferente da que se tem com a partícula negativa, que não se aplica à situação real do exame.

O Excerto 6 é uma parte da interação entre a gestante Selmara e a médica Luana, em um exame de ecocardiografia. Nesta parte da interação, Selmara fala sobre a dieta que está seguindo pelo fato de ser diabética.

#### Excerto 6 - HMF\_ECOCARDIO\_selmara\_LUANA\_13\_11\_13

75 SELMARA: fazê dieta pra não ter que tomá  
 76 insulina [↑né ]  
 77 LUANA: [si::m]  
 78 (3.1)  
 79 SELMARA: >tenho medo< de de repente- ter que tomá  
 80 isso aí depois pra sempre deus o livre  
 81 LUANA: °ãrrã::°  
 82 (3.4)  
 83 SELMARA: mas é difícil porque bá, dá muita fome  
 84 (1.0)  
 85 LUANA: é?  
 86 (0.4)  
 87 SELMARA: °mhm°  
 88 (0.6)  
 89 SELMARA: é es[sas dieta de ]=  
 90 LUANA: [não tá fácil?]  
 91 =pão preto,

92 SELMARA:        {{{rindo}} não tá fácil}  
 93                    (2.1)  
 94 LUANA:           é::: é uma trabalhadeira ↑né mas vale  
 95                    a pena ↑né porque daí eles nascem  
 96                    [bem boniti::nhos,]  
 97 SELMARA:        [é:::                            ]  
 98 LUANA:           bem saudá::veis,  
 99                    (3.0)  
 100 LUANA:           é uma função bem (.) temporária mas que  
 101                    a gente consegue ver o retorno em seguida  
 102                    já né  
 103 SELMARA:        é:::

Esse Excerto evidencia turnos em que a gestante está informando sua situação à médica no que tange à dieta que faz para não precisar usar insulina. A médica, num primeiro momento, fornece somente recibos de “audição”, enquanto a gestante fala da sua situação. Na linha 83, Selmara avalia a questão da dieta “mas é difícil porque bá, dá muita fome” e, após um segundo, Luana pede a confirmação “é?” (linha 85). Selmara confirma, produzindo “mhmm” (linha 87). Após seis décimos de segundo, a gestante toma o turno novamente, proferindo “é es[sas dieta de] pão preto,” (linha 89 e 91) e a médica, em sobreposição à produção de Selmara, avalia “[não tá fácil?” (linha 90). A avaliação de Luana gera relevância condicional para uma avaliação por parte de Selmara (o que chamamos de “segunda avaliação”). Tal ação ocorre na linha 92, em que a gestante concorda com a avaliação da médica rindo “{{{rindo}} não tá fácil}” (linha 92). Nos turnos seguintes, Luana explica porque é bom cuidar da alimentação na gestação e a gestante oferece recibos de entendimento.

A avaliação produzida pela médica é baseada no que se pode observar na interação: os turnos anteriores são aqueles em que a gestante sinaliza que não está sendo fácil para ela cuidar da dieta, como na linha 83, em que a gestante avalia “mas é difícil porque bá, dá muita fome”. Essa avaliação da médica é também uma formulação sobre a situação da paciente.

A médica, através do turno “[não tá fácil?” (linha 90), também afilia-se à avaliação da gestante “mas é difícil porque bá, dá muita fome” (linha 83). Ademais é uma avaliação produzida através de uma formulação, que, por sua vez, refere-se a uma prática de perguntar, em formato interrogativo e com partícula negativa. A partícula negativa está ligada ao nível da proposição do turno, já que é essencial para a manutenção da proposição

que haja o “não” presente, em outras palavras, significa que sem o “não” a proposição do turno seria outra.

O Excerto 7 é parte da interação da gestante Samanta e da médica residente Deise, em um exame de ecografia obstétrica. O trecho mostra o início da interação, em que a médica faz perguntas à gestante.

Excerto 7 - HMF\_ECOOBST\_samanta\_DEISE\_27\_11\_13

1 ((médica entra na sala))  
 2 DEISE: tudo bem samanta?  
 3 ((ruído de cadeira sendo arrastada))  
 4 DEISE: começando o pré-natal a↑gora  
 5 (1.1) ((barulho de cadeira arrastando))  
 6 DEISE: tu sabe quanto tempo de gestação tu ↑tem  
 7 (0.6)  
 8 SAMANTA: qua:tro meses pela menstruação ↑né=  
 9 DEISE: =tá mas  
 10 tu não fez eco.  
 11 (0.6)  
 12 SAMANTA: ↓não ainda ↓não  
 13 (0.9)  
 14 DEISE: e o que que aconteceu?  
 15 (0.9)  
 16 DEISE: teve sangramento?  
 17 (1.5)  
 18 SAMANTA: °não.°  
 19 (1.0)  
 20 DEISE: por que que te pediram essa eco me falaram que era  
 21 sangramen↓to  
 22 (1.2)  
 23 SAMANTA: <pra sabê o tempo (.) por que eu tô co::m::,>  
 24 (1.4)  
 25 SAMANTA: com é:: (.) diabe↓te  
 26 (1.4)  
 27 SAMANTA: uma e:co com controle é só pra sabê quanto  
 28 tempo tá pra podê fazê as::,  
 29 (1.2)  
 30 SAMANTA: os outros procedimento que ela (tem)  
 31 (1min20seg) ((Deise anota))

O Excerto 7 representa o momento em que a médica inicia o exame. Na linha 6, a profissional produz o pedido de informação “tu sabe quanto tempo de gestação tu ↑tem” e, após seis décimos de segundo, Samanta responde “qua:tro meses pela menstruação ↑né”. O pedido de informação da médica refere-se a uma busca pelo acesso epistêmico da gestante através da pergunta “tu sabe”. Em resposta, a gestante fornece a informação que está ao seu alcance epistêmico, de que está com quatro meses de gestação sabidos pela menstruação.

Então, nas linhas 9 e 10, Deise formula “tá mas tu não fez eco.”. A partícula “tá” evidencia que Deise recebeu a informação fornecida por Samanta e, a partir dessa informação, pode formular seu pedido de confirmação “mas tu não fez eco”. O “mas” presente no turno de Deise evidencia a contraposição de “pela menstruação” com “fazer eco”. Isto é, se a gestante fornece a informação sobre a idade gestacional baseada no período da menstruação é porque ela não possui outra evidência mais precisa, como uma ecografia feita que lhe dê alguma informação sobre seu tempo de gestação (o que se chama de ‘datação da gestação’). A médica, portanto, faz uma inferência que lhe permite perguntar “tá mas tu não fez eco.”. Em outras palavras, Deise formula seu entendimento acerca da situação da gestante. Na linha 12, Samanta confirma que não fez ecografia e na sequência há a explicação da gestante à médica sobre a razão da indicação do exame de ecografia obstétrica em questão, a saber, datar a gestação e pelo fato de estar com diabetes.

O “não” do turno de Deise está relacionado ao valor semântico de negação “não ter feito eco”. Isso significa que o “não” faz parte da proposição do turno e sua ausência faz com que o que é dito não tenha o mesmo valor semântico (“tá, mas tu fez a eco”), essa última proposição que vai de encontro ao que se diz no turno original. Pensando que o turno sem a partícula negativa também solicita a informação (“tá, mas tu fez a eco”), o turno produzido pela médica *com* partícula negativa indica sua orientação para o que a paciente informa na linha 8, “qua:tro meses pela menstruação ↑né”, ou seja, a médica se orienta para a informação fornecida pela paciente (a idade gestacional pela data de menstruação) e desenha seu turno com a partícula negativa.

É relevante salientar que o turno subsequente ao turno de Deise “tá mas tu não fez eco.” é produzido pela gestante, após 0,6 segundos de silêncio, em que confirma “↑não ainda ↓não”. No entanto, se considerarmos que a gestante está com idade gestacional de quatro meses e não fez, até o momento, exame de ecografia, o turno de Deise (linhas 9 e 10) pode revelar outro nível de ação, qual seja, desafiar a paciente, por não ter realizado o exame.

A pausa, na linha 11, pode indicar uma possível despreferência no turno seguinte, em que a paciente informa não ter feito o exame ainda. O turno da linha 12, da paciente, é, desse modo, uma maneira de se justificar e se redimir como gestante, pois “ainda não fez”, mas “está realizando” naquele momento.

Na seção a seguir, abordamos excertos que trazem a prática de perguntar com partícula negativa que possui relevância no nível da ação da pergunta.

#### **4.2 A Prática de Perguntar com Partículas Negativas: relevância no nível da ação da pergunta**

O Excerto 8 a 13 fazem parte da seção em que se trata de perguntas com partícula negativa que possui relevância no nível da ação da pergunta, considerando que pergunta é uma prática através da qual diversas ações podem ser desempenhadas. O nível da ação de que falamos é diferenciado do nível da proposição (seção 4.1), pois não há negação ou ausência de algo, mas há relevância da partícula negativa no que tange à ação desempenhada no turno, ou seja, a ação da pergunta é modificada quando da presença de partícula negativa.

No Excerto 8 há a interação entre Fernanda, a médica, e um acompanhante da gestante (a gestante chama-se Ana e não há participação dela no Excerto 8). O Excerto trazido remete ao início de um exame de ecografia obstétrica, em que os participantes ainda estão se organizando na sala.

Excerto 8 - HMF\_ECOOBST\_ana\_FERNANDA\_03\_12\_13

9 FERNANDA: o senhor não quer vir espiar aqui o e|xame

10 ACOMPANHANTE: °°pode ser°°

O Excerto 8 exhibe, na linha 9, uma oferta realizada com o *design* de uma pergunta negativa. Nesse caso, a partícula negativa não está fazendo o papel de negar alguma proposição trazida no turno, mas, local e situadamente, o “não” permite ao acompanhante uma despreferência menos marcada, caso haja a recusa da oferta. Em outras palavras, se a oferta fosse feita sem a partícula negativa (o senhor quer vir espiar aqui o e|xame), haveria uma preferência maior por um aceite, mas continuaria sendo a mesma ação desempenhada. Já com a partícula negativa, há a diluição da preferência pelo aceite (mas ainda é preferido aceitar, considerando que se trata de uma oferta e o aceite é a segunda parte

de par preferido à primeira parte de par oferta). (POMERANTZ; HERITAGE, 2013). A segunda parte do par adjacente oferta-aceite é o “°°pode ser°°”, na linha 10, que é proferido pelo acompanhante, é marcado por volume baixo e caracterizado como uma resposta não-conformativa (RAYMOND, 2003), pois ‘pode ser’ difere-se do formato polar de oferecer ‘sim’ ou ‘não’ tornado relevante pela pergunta.

Nesse Excerto podemos perceber que a ação tornada preferida para o segundo turno é modificada pela presença da partícula negativa. Observa-se que a segunda parte do par adjacente tornada relevante é o aceite da oferta, mas com a diminuição dessa preferência, devido à presença da partícula ‘não’. A diluição da preferência pelo aceite à oferta quando há a partícula negativa se dá pelo fato de o “não” da pergunta possibilitar um “não” no próximo turno. Já quando a polaridade da pergunta é positiva, não há diluição da preferência pelo aceite e a possibilidade de uma recusa à oferta é despreferida. Isso se dá pelo fato de a diluição da preferência pelo aceite no turno seguinte ocorrer justamente devido à presença da partícula “não”, que oportuniza (facilita) uma recusa à oferta. Esse excerto evidencia a ocorrência de *cross-cutting preference* (SCHEGLOFF, 1995, p. 76-77), pois a preferência pela resposta negativa (recusa à oferta) é facilitada pela presença do “não”; a uma oferta, porém, é preferido um turno seguinte de aceite, caracterizando um “cruzamento” de preferências.

O Excerto 9 faz parte de uma ecografia obstétrica, em que a gestante Sandra e a médica residente Deise conversam. Elas falam sobre como ocorrera o encaminhamento da gestante para o hospital.

#### Excerto 9 - HMF\_ECOOBST\_sandra\_DEISE\_05\_11\_13

75 DEISE: quando é que tu fez a eco que aparece:u?  
76 (1.1)  
77 SANDRA: foi quando eu tava com: (0.7) treze semanas  
78 (2.2)  
79 DEISE: demorô tanto pra chegá até a↑qui  
80 (0.7)  
81 SANDRA: é que >que que aconteceu< eu fiz a- eu tava  
82 fazendo meu pré natal pela ((nome do convênio  
83 omitido)) né (.) aí eu tive que passá no  
84 po:sto e o posto tinha que autorizá, daí até  
85 to- e isso que eu que liguei pra cá (1.1)  
86 daí eu v:: consegui faz um ↑mês >que eu

87                   consegui< vir pra cá  
 88                   (0.5)  
 89 DEISE:           **não foi através da doutora ((nome da médica**  
 90                   **omitido))=**  
 91 SANDRA:                 =não (.) ela até (0.6) tentô mas >só que  
 92                   daí< o pessoal pediu pra: passá pelo posto  
 93                   aí eu tive que ir lá no posto da minha  
 94                   cidade daí a cidade onde a gente mora né (1.0)  
 95                   eu marquei uma consulta com uma gineco (1.0)  
 96                   demorô quase trinta dias daí: (0.6) e daí  
 97                   f- foi demorando assim daí tu marca com a  
 98                   gineco, a gineco te encaminha, e daí fica  
 99                   °uma coisa° né

Nas linhas 89 e 90, a médica produz um pedido de confirmação “não foi através da doutora ((nome da médica omitido))” e, em seguida, Sandra desconfirma, pois não foi por meio da médica citada por Deise que a gestante fora encaminhada, e explica mais alguns aspectos do seu encaminhamento. O turno de Deise oferece uma possibilidade de resposta à Sandra, mas esta possibilidade é descartada.

Fazendo um comparativo do *design* do turno das linhas 89 e 90 em duas versões (uma com “não” e outra sem “não”), observa-se que o grau epistêmico de quem pergunta é demonstrado ser maior quando usado o formato negativo. (HERITAGE, 2002; PARK, 2008). Nesse caso, Deise buscou confirmar uma conjectura, a saber, de ter sido uma médica específica quem teria feito o encaminhamento. A médica em questão realmente era conhecida por Deise e Sandra, mas não se tratava dela. O turno subsequente ao de Deise está sinalizado com fala colada, ou seja, vem em formato preferido, mesmo a ação produzida sendo despreferida (POMERANTZ, 1984), pois se configura como desconfirmação da possível médica que realizou o encaminhamento da gestante ao hospital.

Outro aspecto relevante é o turno de Sandra, das linhas 91 a 99, em que ela desconfirma o pedido de confirmação produzido por Deise com o “não” colado ao fim do turno da médica e segue com uma longa explicação sobre o porquê de a médica citada por Deise não a ter encaminhado. Essa narrativa de Sandra minimiza a despreferência da sua desconfirmação anterior e fornece para Deise a evidência de que seu pedido de confirmação não fora de todo equivocado. Ou seja, caracteriza a resposta como ‘despreferida’.

Com base nessas evidências, podemos dizer que Deise mostra um grau epistêmico maior ao produzir seu turno com a partícula negativa, em outras palavras, Deise demonstra um conhecimento prévio sobre o tema abordado.

O Excerto 10 foi extraído da interação entre a gestante Carla e a médica residente Deise em um exame de ecografia obstétrica. Nesse trecho as interagentes falam sobre os filhos que Carla já possui e os que está gestando, que são gêmeos (dois meninos).

Excerto 10 - HMF\_ECOOBST\_carla\_DEISE\_26\_11\_13

142 DEISE: tu tem quantos em casa mesmo?  
 143 CARLA: dois.  
 144 (0.8)  
 145 DEISE: dois guris:?  
 146 CARLA: <ãrrã>  
 147 DEISE: meu deus  
 148 CARLA: mais dois meninos  
 149 (0.9)  
 150 CARLA: **se↑rá >que não é uma guriazinha ali< se esconden↓do**  
 151 (0.6)  
 152 DEISE: n:ã:::o  
 153 CARLA: *Haha*  
 154 DEISE: quer três?  
 155 (0.5)  
 156 CARLA: nã:o.  
 157 (1.8)  
 158 CARLA: fora *hãhã*  
 159 DEISE: n::ão=  
 160 CARLA: =>uma guria e um guri<  
 161 (1.0)

No Excerto 10, em seguida ao turno em que Carla confirma já ter dois filhos, Deise produz o turno “meu deus” (linha 147), avaliando, assim, a situação. Na sequência, Carla repete “mais dois meninos” e, após nove décimos de segundo, toma o turno novamente e utiliza-se da prática de perguntar “se↑rá >que não é uma guriazinha ali< se esconden↓do” (linha 150). O formato do turno de Carla possui o modalizador “será” no início, cuja característica especulativa é evidente. A ação feita por Carla com esse turno parece ser a de brincar com a possibilidade (ou impossibilidade) de ela poder estar gestando uma menina e um menino, em vez de dois meninos, como lhe fora dito nos turnos anteriores ao da linha 150. A contraparte afirmativa desse turno seria “será que é uma guriazinha ali se escondendo?”, que evidencia um grau epistêmico menor que o turno com partícula negativa,

isto é, mostra-se como uma especulação realizada sem demonstrar conhecimentos prévios sobre o sexo dos bebês. Fazer essa brincadeira com a utilização do “não” é uma forma de evidenciar conhecimento prévio, nesse caso, de que já fora informada de que são dois meninos. Nesse Excerto, a partícula “não” facilita que o turno seguinte seja produzido com um “não”, que é o que acontece na linha 152. Com seu turno da linha 150, Carla demonstra saber que a possibilidade de estar gestando uma menina é quase impossível (se não impossível), mas que ainda nutre esperança.

O “não” no turno de Carla opera para algo que não está no nível da proposição em si, mas que está no nível da ação, das circunstâncias e do grau epistêmico que estão envolvidos na sequência de turnos da conversa. Dito de outro modo, a contraparte afirmativa “será que tem uma guriuzinha ali se escondendo” não atinge o nível da proposição, mas está relacionada ao grau epistêmico da gestante.

A preferência em cada polaridade é diferente: enquanto que a pergunta com polaridade positiva não gera preferência marcada por “sim” ou “não”, a pergunta com “será que não” evidencia preferência por confirmação do seu turno.

O próximo excerto é parte de uma ecografia obstétrica em que Laura é a paciente, Rosângela é a médica preceptora, Fernanda é a médica residente e Luana é a médica ecocardiografista, que entrou na sala para acompanhar o exame.

#### Excerto 11 - HMF\_ECOOBST\_laura\_ROSANGELA\_02\_10\_13

181 ROSÂNGELA: uma guriuzinha (.) ali é a vulva ↑tá,  
 182 (2.1)  
 183 ROSÂNGELA: é uma menininha.  
 184 (10.4)  
 185 ROSÂNGELA: >te apertá uma pouquinho ↑tá<  
 186 LAURA: >mhm<.  
 187 (8.2)  
 188 FERNANDA: viu como foi bom o suspense?  
 189 (24.7) ((há bastante conversa externa))  
 190 FERNANDA: °°>mhm<°°  
 191 ROSÂNGELA: foi rápido  
 192 (1.9)  
 193 ROSÂNGELA: apertá mais um pouqui::nho,  
 194 (7.3)  
 195 ROSÂNGELA: tá numa posição meio ruinzinha aqui.  
 196 (2.3)  
 197 ROSÂNGELA: **não foi difícil lú?**  
 198 (0.6)  
 199 LUANA: nã::o >foi difícil<,°foi difícil°

200 FERNANDA: [foi ↑né ]  
 201 LUANA: [não(.)tô] curiosa pra sabê o que que é.  
 202 ROSÂNGELA: adi↑vinha  
 203 (0.5)  
 204 LUANA: uma guria?  
 205 ROSÂNGELA: si:::m,  
 206 LUANA: a:::,

No Excerto 11, a médica Rosângela está buscando ver partes específicas do corpo do bebê. Sua tarefa é dificultada, como ela mesma informa, pela posição do bebê, que não é adequada para visualização. Na linha 197, Rosângela produz o turno “não foi difícil?”, uma primeira avaliação que solicita uma segunda avaliação da interagente, aqui, de Luana (já que ela fora alocada por Rosângela).

A ação de solicitar uma avaliação, após ter produzido uma primeira, é marcada pela preferência por uma concordância, em outras palavras, quando se faz uma avaliação e, em seguida, solicita-se uma avaliação por parte do próximo falante, a preferência é de que seja produzido um turno que se afilie com a avaliação anterior. (POMERANTZ; HERITAGE, 2013). Então, a preferência aqui é que a avaliação seja “foi difícil” ou uma concordância. No turno seguinte, na linha 199, que ocorre após uma pausa de seis décimos de segundo, Luana se afilia à avaliação realizada por Rosângela. O “não” da linha 197 demonstra um grau epistêmico por parte de Rosângela maior que na contraparte afirmativa “foi difícil, Lu?”

Isso se explica pelo fato de as ações desempenhadas em cada formato serem diferentes. A partícula negativa confere à interação maior grau epistêmico à Rosângela e maior preferência por concordar com a avaliação feita e, ainda, avaliar da mesma forma. A partícula negativa no turno de Rosângela evidencia certo conhecimento prévio da situação que vai avaliar, diferentemente da contraparte positiva “foi difícil, Lu?”, em que aparenta um pedido por informação somente e sem conhecimento prévio ou avaliação anterior de Rosângela. A pergunta com o “não” apresenta a asserção “foi difícil” e pela presença do “não” é preferido que essa asserção seja confirmada. Luana confirma, na linha 199, “nã:::o >foi difícil<,°foi difícil°”, em que o alongamento do ‘nã’ e a repetição de ‘foi difícil’ reforçam a preferência por concordância gerada no turno de Rosângela (linha 197).

No Excerto 12, há parte da interação entre o médico João, a gestante Sofia e seu acompanhante, em um exame de ecografia obstétrica. O trecho traz a conversa sobre providências que a gestante pode tomar ou não para que sua gravidez seja mais segura.

Excerto 12 - HMF\_ECOOBST\_sofia\_JOÃO\_22\_10\_13

379 SOFIA: e aí tipo assim tem alguma coisa que eu  
 380 possa:: (0.7) fazê assi:m comê:: tomá::,  
 381 JOÃO: não °não não°  
 382 (1.4)  
 383 ACOMPANHANTE: re↑po:uso nada?  
 384 (0.5)  
 385 JOÃO: °na[da nada° ]  
 386 ACOMPANHANTE: [ >não influencia nada na:: na::<=  
 387 JOÃO: =>no  
 388 momento que tivé alguma coisa que a gente  
 389 diga assim ó< (0.5) é me↑lhor que tenha que  
 390 fazê repouso nós vamo te dizê (.) mas nesse  
 391 momento ↑não  
 392 (1.2)  
 393 ACOMPANHANTE: **é >e nesse caso< aí nã:o nã:o não existe assim**  
 394 **uma:: (0.7) uma ur↑gência de alguma conclu↑são**  
 395 JOÃO: não não=  
 396 ACOMPANHANTE: =não não [tem]?  
 397 JOÃO: [tam]bém não  
 398 ACOMPANHANTE: a tá  
 399 JOÃO: °também não°  
 400 (1.2)  
 401 JOÃO: nesse momento nada de:: (0.6) de urgência não  
 402 tem que fazê nada assim (0.6) ↑tá  
 403 (0.8)  
 404 JOÃO: por quê? (.) porque se eu chegá assim ó se  
 405 eu fizé uma cesariana agora eu ia tirá o  
 406 bebezinho (0.8) ou nascesse de parto normal  
 407 mesmo agora nesse momento, (0.6) ↑tá (0.7)  
 408 o bebezinho ia sair muito prematuro, (1.0)  
 409 e muito provavelmente fosse falecê- por ser  
 410 prematuro (.) não é nem °por tivé:° >ter  
 411 problema nenhum<  
 412 (1.7)  
 413 JOÃO: °tudo ↑bem°  
 414 SOFIA: °mhm°

Na linha 379, Sofia solicita a informação ao médico sobre o que ela pode fazer: comer, beber etc., para auxiliar em sua gestação. No entanto, o médico João informa que, no momento, não há nada de específico a ser feito. Nas linhas 393 e 394, o acompanhante toma o turno “é >e nesse caso< aí nã:o nã:o não existe assim uma:: (0.7) uma ur↑gência de alguma conclu↑são”, ao que João responde negativamente e continua explicando por que não tem nada a ser feito no momento.

O pedido de informação produzido pelo turno das linhas 393 e 394 torna preferida uma resposta afirmativa, ou seja, é preferido que João responda que há urgência de alguma conclusão. Heritage (2002) observou que interrogativas com a partícula “não” eram tomadas como asserções pelos interagentes. A partícula negativa, nesse excerto, desvela a preferência por uma confirmação, no sentido de no próximo turno se prover um “sim” (existe a urgência de uma conclusão). A sequência, porém, mostra que João respondeu de forma despreferida, justamente por não haver nada a ser feito. Os turnos das linhas 393, 394 e 396 possuem marcas de resistência do acompanhante, como alongamentos e pausas, evidenciando sua busca por alguma coisa a se fazer na gestação de Sofia.

O Excerto 13 foi extraído da interação entre a médica residente Fernanda, a médica preceptora Rosângela, a gestante Amália e seu acompanhante, em uma ecografia obstétrica. Esse trecho aborda a questão de peso do bebê. Esta é a parte do exame em que a médica preceptora está fazendo a revisão do exame.

#### Excerto 13 - HMF\_ECOOBST\_amalia\_FERNANDA\_09\_10\_13

516 AMALIA: vai dá pra ver quanto que ela tá pesando  
 517 (.)  
 518 ROSÂNGELA: Sim  
 519 (.)  
 520 ROSÂNGELA: agora  
 521 (.)  
 522 ROSÂNGELA: já te di ↓go  
 523 (1.4)  
 524 AMALIA: eu não sei  
 525 (6.3)  
 526 ROSÂNGELA: Tá  
 527 (8.6)  
 528 ROSÂNGELA: um trezentos e vinte e dois  
 529 (.)  
 530 ACOMPANHANTE: um quilo?  
 531 (.)  
 532 ROSÂNGELA: m: ↑hm

533 (.)  
 534 AMALIA: **mas não tá muito ↑gorda**  
 535 (.)  
 536 ROSÂNGELA: não. tá perfeito.  
 537 (.)  
 538 ROSÂNGELA: [↑tá: ]  
 539 AMALIA: [um tr]ezentos e  
 540 (.)  
 541 ROSÂNGELA: um trezentos e vinte e [dois]

No Excerto 13, a gestante produz um pedido em formato de pergunta “vai dá pra ver quanto que ela tá pesando” (linha 516) à médica Rosângela, que confirma (linha 518) e que anuncia que já vai dizer o valor do peso. Na linha 528, Rosângela informa o peso no formato “um trezentos e vinte e dois”, sem avaliar se o peso está normal. Após uma micropausa, o acompanhante inicia um reparo “um quilo?” para confirmar a medida de “um”, o que é confirmado por Rosângela, que provê o reparo. Então, Amália toma o turno “mas não tá muito ↑gorda” (linha 534), produzindo uma formulação avaliativa sobre o peso do bebê. Na linha 536, Rosângela rejeita essa avaliação tentativa, ao negá-la e prover uma segunda avaliação “não. tá perfeito.”.

O turno da linha 534, de Amália, atribui uma valência ao peso informado pela médica. A valência “estar gorda” é projetada a partir do conhecimento que a gestante possui sobre o mundo. Ou seja, a paciente atribui um significado para o peso informado em algarismos, já que isso não lhe disse muita coisa, i.e. 1,322 quilograma não parece ser informativo o suficiente para a gestante, ela busca uma valência para esse número. O “mas” do turno da gestante evidencia que há um contraponto entre o número fornecido pela médica e seu valor atribuído (gorda, magra, peso bom, peso ruim).

Nesse Excerto, a partícula negativa evidencia a perspectiva da gestante, uma inferência de que sua bebê está gorda. Sem o “não” (“mas tá muito gorda?”), há um movimento interacional diferente, em que há a perspectiva do termo “gorda”, mas não de forma a evidenciar uma inferência por parte da gestante; i.e., de que a bebê está com excesso de peso.

As partículas negativas nas práticas de perguntar desta seção não estão relacionadas à proposição do turno, isto é, elas não negam a existência de algo (assim como visto nas práticas de perguntar da seção 4.1). Aqui sua relação é com o nível de ação desempenhada pela prática de perguntar e com a preferência gerada para o próximo turno. Em outras palavras, o “não” presente na prática de perguntar pode estar relacionado não somente à proposição da pergunta, mas também com a ação produzida e preferência gerada.

Na terceira seção, trazemos à luz interações que possuem práticas de perguntar com construções do tipo “eu não vou” que têm relação com algum aspecto do futuro da gestante.

### 4.3 A prática de perguntar com a expressão “eu não vou”

A seção 4.3 é constituída de três excertos, em que há uma pergunta com partícula negativa que possui a expressão “eu não vou...”. A partir dessa expressão, podemos observar que se trata de um uso que remete a alguma situação futura da paciente e que a ação desempenhada pela pergunta gera preferência por uma resposta negativa no turno seguinte.

O Excerto 14 apresenta parte da interação entre o médico Jeferson, a gestante Dara e a acompanhante da gestante em uma consulta de aconselhamento genético. Neste trecho é abordado assunto ‘parto normal’ pela gestante.

#### Excerto 14 - HMF\_ACONGEN\_dara\_JEFERSON\_04\_02\_14

1149 ACOMPANHANTE: =é: ela não corre ris↑co  
 1150 (.)  
 1151 ACOMPANHANTE: nenhum.  
 1152 JEFERSON: .hh aparentemente a princípio não  
 1153 mas é importante, a gente continuá  
 1154 fazendo esse acompanhamento até  
 1155 por essa- esse histórico que tu  
 1156 comenta:ste que teve (.) essas-  
 1157 fun- funções todas ao longo do  
 1158 pa:rto, [e tudo: ]  
 1159 DARA: [a:i eu não] vou ganhá parto  
 1160 normal aqui né [dou ]tor?  
 1161 JEFERSON: [.h é-]  
 1162 (.)  
 1163 JEFERSON: a gente vai ter que <avaliá: tá:>  
 1164 (.)  
 1165 JEFERSON: isso a gen[te::]  
 1166 DARA: [pelo] amo::r de deus né  
 1167 (.)  
 1168 DARA: {{rindo} [(aí não dá) ]  
 1169 JEFERSON: [mas isso vai:] vai ser  
 1170 tudo avaliado e vai sendo colocado  
 1171 pra ti tá:[:,]  
 1172 DARA: [é ] que na ho:ra  
 1173 [lá ]=  
 1174 JEFERSON: [ãrrã]  
 1175 DARA: =↑dá=  
 1176 JEFERSON: =sim=  
 1177 DARA: =funciona o negócio.

O Excerto 14 inicia com a acompanhante solicitando ao médico a informação sobre os riscos que Dara sofre. Jeferson responde fornecendo a informação de que a princípio não, mas é necessário fazer acompanhamento, para cuidar de questões que Dara teve ao longo de um parto anterior. Assim que Jeferson fala do parto anterior, Dara toma o turno e, em sobreposição à fala de Jeferson produz o pedido “[a:i eu não] vou ganhá parto normal aqui né [dou]tor?” (linhas 1159-1160). Em seguida, Jeferson produz o turno “[.h é-] (.) a gente vai ter que <avaliá: tá:>” (linhas 1161, 1162 e 1163).

A ação desempenhada por Dara é um pedido com seu posicionamento (resistente ao parto normal). O médico revela em seu turno que não está respondendo a um pedido de concordância, mas, sim, a um pedido, nesse caso, por uma ação futura, i.e., parto normal. Na sequência, Dara, em resposta à mitigação de Jeferson, escalona seu pedido (podendo ser caracterizado como espécie de súplica de Dara) “[pelo] amo::r de deus né {{rindo} [(aí não dá)]” (linhas 1166 e 1168). O escalonamento tratado aqui é o que inicia com o pedido de Dara nas linhas 1159 e 1160 “[a:i eu não] vou ganhá parto normal aqui né [dou]tor?” e, após o turno do médico, em que ele não concorda nem discorda, Dara toma o turno e reforça o pedido “[pelo] amo::r de deus né {{rindo} [(aí não dá)]” (linhas 1166 e 1168). A utilização de ‘pelo amor de deus’ e ‘aí não dá’ evidenciam que a gestante amplia a preferência pela concordância do médico.

Esse trecho demonstra preocupação de Dara com o futuro, especificamente no que tange ao parto normal. Ela evidencia não desejar parto normal e busca no nível epistêmico (quando expõe sua má experiência com o parto normal, em um trecho anterior ao abordado aqui) e também no nível deontico (“né doutor?” na linha 1160) apoio para conseguir a concordância de Jeferson com seu pedido por determinada ação futura, qual seja, não fazer parto normal.

O Excerto 15 é parte da interação entre o médico Jeferson e a gestante Fernanda, em uma consulta de aconselhamento genético. Neste Excerto, assim como no Excerto 13, há um pedido com relação a uma ação futura da gestante, também relacionado ao parto normal.

#### Excerto 15 - HMF\_ACONGEN\_fernanda\_JEFERSON\_07\_01\_14

1155 JEFERSON: e como eu te falei é uma ideia  
 1156 melhor melhor mesmo a gente vai ter  
 1157 depois do nascimento tá porque daí

1158 a gente pode fazê raio x-, pode  
 1159 examiná o bebê, ao vivo né então (0.6)  
 1160 tá (0.5) .hh mas a impressão que a gente  
 1161 tem tá como eu te falei não teria  
 1162 nenhuma alteração maior (0.6) que- que  
 1163 a gente se preocuparia no sentido de tá  
 1164 colocando em risco a vida do bebê né .h  
 1165 mas essa coisa a gente tem que tentá  
 1166 entendê melhor como tá diferente né  
 1167 o que >realmente< tá acontecendo [tá]  
 1168 FERNANDA: [m ]hm  
 1169 (2.2)  
 1170 FERNANDA: **e normal ele el- no- ganhá normal**  
 1171 **eu não vou ganhá né**  
 1172 JEFERSON: talvez tá né vai dependê de como vai  
 1173 evoluir (.) nesses casos muitas  
 1174 vezes vai dependê tá de mas isso  
 1175 a gente tu vai ver que a gente vai tentar  
 1176 dentro ã do do tempo te colocá assim  
 1177 olha tem condições de nascê normal  
 1178 ou não ó a gente vai tentá ver  
 1179 pra nascê (0.6) tipo de parto cesárea  
 1180 pra tentá entendê melhor assim tipo  
 1181 ((telefone do médico toca))  
 1182 se tiver algum tipo de avaliação, ou  
 1183 tratamento que a gente tenha que fazê,  
 1184 (.) principalmente logo após o nascimento  
 1185 Né  
 1186 FERNANDA: é o médico falô por causa do do rim  
 1187 né=  
 1188 JEFERSON: =sim=  
 1189 FERNANDA: =que ele não pode fazê  
 1190 força,  
 1191 (0.7)  
 1192 JEFERSON: é talvez a gente devido a isso  
 1193 até acabe planejan[do ]  
 1194 FERNANDA: [a ce]sárea  
 1195 JEFERSON: a cesárea e até de repente o médico  
 1196 que avalia os rins podê depois do nascimento  
 1197 já ou no dia que fique bom pra ele pra  
 1198 ele já podê avaliá  
 1199 (0.5)  
 1200 FERNANDA: Mhm

No início do Excerto 15, o médico fornece informações sobre questões relativas ao bebê e ao seu nascimento. Na sequência, Fernanda fornece um recibo de entendimento

“[m]hm” na linha 1168 e, logo em seguida, toma o turno novamente “e normal ele el- no- ganhá normal eu não vou ganhá né” (linhas 1170 e 1171). Jeferson responde de forma mitigada, fornecendo a informação de que “talvez, dependendo de como as coisas evoluem”.

Após a explicação de Jeferson (linhas 1172-1185), Fernanda toma o turno e fala algo a partir da sua perspectiva epistêmica: o médico (outro médico) teria falado que seria cesárea, devido ao problema que o bebê tem no rim. Essa ação se configura como um formato de atribuição, que “tira da paciente a responsabilidade sobre a atribuição feita, o que reduz seu próprio saber e acaba por não imputar nenhum desconforto aos interagentes se por acaso o médico discordar da atribuição” (SOUZA; OSTERMANN, 2009, p. 1528). Jeferson, então, confirma a possibilidade de que seja mesmo cesárea, pela malformação do bebê, mas não confirma nem desconfirma de todo o pedido por ação futura de Fernanda, pois ele utiliza o advérbio de dúvida ‘talvez’ em sua resposta.

Como se vê nesse Excerto também há uma preocupação com alguma ação futura que envolve a gestante, qual seja a decisão sobre o parto cesáreo ou normal. O formato “eu não vou” é utilizado para mostrar um pedido por ação futura sobre o qual a paciente não possui ingerência.

O Excerto 16 foi extraído de uma consulta de aconselhamento genético entre o médico Jeferson e a paciente Tatiane. Tatiane não é gestante, mas está consultando porque teve duas perdas gestacionais e realizou análise do material da última perda, a que Jeferson pode ter acesso e, partindo da análise, orientar a paciente. Ela buscou uma consulta com o médico geneticista para informar-se sobre a possibilidade de a trissomia do cromossomo 11 ser recorrente em gestações futuras.

#### Excerto 16 - HMF\_ACONGEN\_tatiane\_JEFERSON\_06\_02\_14

1651 JEFERSON: .h  
 1652 é: porque: talvez ã:: o que poderia nos dá uma  
 1653 i↑deia assim boa, seria já essa primeira  
 1654 avalia↑ção  
 1655 (0.5)  
 1656 JEFERSON: .h porque: é aquela coisa se fa:z essa avaliação  
 1657 e a avaliação vem normal, .h isso já fala  
 1658 ↑muito contra:: a >probabili↑da:de< de ter  
 1659 alguma altera↑çã:o ↑é °fica° ↑ma[is reduzida ]  
 1660 TATIANE: [°praticamente°]

1661 JEFERSON: exatamente .h porque: (.) .h †pode até  
 1662 acontecê de tu ter uma medida norma:l,  
 1663 alguma coisa assi:m mas é muito ra:ro [né. ]  
 1664 TATIANE: [†sim]  
 1665 não é um exame †cem por[ce:nto]=  
 1666 JEFERSON: [exato ]  
 1667 TATIANE: =eu consigo  
 1668 entendê mas a tua [probabilidade despenca né]  
 1669 JEFERSON: [isso- exa:tamente] isso  
 1670 >porque na verdade é um exame considerado< de  
 1671 triagem t[á ele não é diagnóstico né]  
 1672 TATIANE: [sim sim. ele não é confir]matório=  
 1673 JEFERSON: =exatament[e. ]  
 1674 TATIANE: [†nã]o não isso tudo eu ten[ho:]  
 1675 JEFERSON: [é: ]  
 1676 TATIANE: .h mas então assim com isso a†qui:: ((aponta  
 1677 JEFERSON: para o cariótipo))  
 1678 JEFERSON: ãrrã:=  
 1679 TATIANE: =eu nã- eu não vou ser aquela pessoa vou  
 1680 ouvir a[ssim ]=  
 1681 JEFERSON: [.h sim]  
 1682 TATIANE: =tu não pode engravida:r.=  
 1683 JEFERSON: =NÃO não de  
 1684 forma alguma >na verdade:< a  
 1685 [gra:nde: cha- ]  
 1686 TATIANE: [>°era isso que eu queria sabê°<] hh  
 1687 JEFERSON: a †grande cha:nce (0.4) dispara:da de  
 1688 aconte†cê é †que (0.7) [seja uma-]  
 1689 TATIANE: [que a mi]nha próxima  
 1690 [seja norMA:L ]  
 1691 JEFERSON: [seja uma gravidez-] e†xa:tamente  
 1692 TATIANE: o meu <†ri::s†co:> (.) >é-< (.) posso >dizê  
 1693 assim< é PRaticamente o ri:sco de uma mulher  
 1694 de trinta e oito a:†[nos]

No início do Excerto 16, Jeferson e Tatiane falam sobre diagnósticos, avaliações e probabilidades. Nas linhas 1679, 1680 e 1682, Tatiane produz o pedido de informação “eu nã- eu não vou ser aquela pessoa vou ouvi a[ssim] tu não pode engravida:r.” e Jeferson informa que “nã”. O turno de Tatiane torna preferida uma resposta negativa, que é a que Jeferson produz. A resposta negativa produzida por Jeferson é uma concordância com a proposta de Tatiane de “nã ser a pessoa que vai ouvir que não pode engravidar”. Nesse caso, diferentemente dos outros dois (Excertos 14 e 15), não há um pedido por algo a ser feito no

futuro, mas, ainda assim, é um aspecto que pode ter importância no futuro. Os três turnos são produzidos com o verbo “ser” conjugado no futuro (“vou”) e a partícula negativa torna preferida a resposta negativa nos três excertos apresentados.

Com a construção “eu não vou” em formato declarativo, a paciente evidencia sua busca pelo “não” e também um posicionamento deôntico mostrado a partir da declarativa que produz com a partícula negativa “não”, que torna relevante e preferida a confirmação do profissional.

As três construções com “eu não vou” mostram que há a preferência pela segunda parte do par adjacente negativo, independente de que ação ele esteja desempenhando na interação em questão. As três interações abrangem, de certa forma, a ideia de futuro, pelo uso de “eu não vou”. Isso significa que é preferido para o interlocutor que recebe a pergunta negar (ou concordar com) a proposição que elas trazem juntamente com o “eu não vou”, ou seja, “não vou ter parto normal” e “não vou ouvir que não posso engravidar”.

#### **4.4 A Prática de Perguntar com Partículas Negativas: pedidos, legitimidade e contingências**

Nesta seção, analisamos excertos em que as pacientes produzem a ação de fazer um pedido através de uma pergunta com partícula negativa. O pedido das gestantes tem relação com a visualização do bebê (no monitor do computador) ou sobre outras questões referentes ao bebê.

Consoante Brown e Levinson (1987), a ação de pedir é tratada de forma mais sensível na interação, pois, de alguma forma, impõe algo ao interagente. Curl e Drew (2008) caracterizam um pedido como uma ação em que um participante pede a outro para fazer algo. A ação de pedir gera relevância de aceitar realizar o pedido, o que pode ser substituído simplesmente por realizar a ação, ou seja, fazer o que foi pedido. Curl e Drew (2008) também afirmam que, ao produzir um pedido, o falante corrente mostra seu entendimento acerca das contingências que envolvem a realização do pedido pelo próximo falante, além de considerar a possibilidade de o pedido ser realizado pelo interagente. O estudo de Curl e Drew (2008) aponta para a utilização de diferentes formatos utilizados para realizar pedidos de acordo com dois aspectos: *legitimidade* e *contingências*; ou seja, esses dois aspectos podem ter relação com o *design* do turno que produz a ação de pedir (CRAVEN; POTTER, 2010).

Legitimidade tem relação com a circunstância em que ocorre a interação. Em determinada conversa, o interagente pode estar altamente legitimado para fazer pedidos (uma

professora pede algo ao seu aluno) e em outras situações pode não se orientar para sua legitimidade (fazer um pedido para o juiz no tribunal).

Já as contingências são fatores que podem comprometer a realização do pedido (DREW; COUPER-KUHLEN, 2014). Em outras palavras, os interagentes desenham sua ação de pedir orientados para as contingências, se são altas ou baixas, se é “fácil” ou “complicado” para o interlocutor atender ao pedido.

Os dois formatos estudados por Curl e Drew (2008) foram na língua inglesa: verbos modais e estrutura com *I was wondering if I/you could do x* (será que eu/você poderia fazer x?). Ao utilizar os verbos modais, o falante-corrente orienta-se para seu pedido com baixas contingências, isto é, um pedido que não é problemático para ser realizado. Em contrapartida, quando utilizada a expressão *I-wonder*, há uma orientação para altas contingências associadas à realização do pedido.

Outro aspecto abordado por Curl e Drew (2008) é a legitimidade para fazer o pedido. Por exemplo, quando se pede algo ao médico, fora de seu horário de trabalho, a legitimidade é baixa e as contingências altas. Nesse caso, os estudiosos observaram que se utilizava a expressão *I-wonder* para produzir o pedido. Já para pedir a um familiar levar uma carta para um encontro previamente combinado, a legitimidade é alta e as contingências são baixas. Verificou-se que, nessa situação, os verbos modais eram mais utilizados.

Os Excertos 17 a 20 evidenciam a orientação das gestantes para aspectos como legitimidade e contingências, descritos acima. Seus pedidos são realizados através da prática de perguntar com partícula negativa.

No Excerto 17, a médica Deise e a gestante Talita estão no momento do exame de ecografia obstétrica em que Deise descreve para Talita o que visualiza no monitor do qual tem acesso às imagens de ultrassom.

#### Excerto 17 - HMF\_ECOOBST\_talita\_DEISE\_29\_10\_13

- 30 DEISE: °<bundinha> a:: bundi↓nha- †ó:  
 31 (0.9)  
 32 TALITA: <ai meu deus do céu ai ai ai,>  
 33 (2.9)  
 34 DEISE: °†ó°  
 35 (0.8)  
 36 DEISE: °eu° vi >que tava< uma bunda lá cima.  
 37 (4.7)  
 38 TALITA: **não †dá pra dá zoom aqui né?**  
 39 DEISE: m†m?  
 40 TALITA: °>não dá pra dá zoom aqui né<°

- 41 (0.8)  
 42 DEISE: não entendi  
 43 TALITA: >não dá pra ti dá< zoo:m né?  
 44 DEISE: <não> esse aparelho não  
 45 (0.7)  
 46 TALITA: é:: a outra tinha com outra tinha da:do

Nas linhas 30 a 36, médica e gestante falam sobre o bebê, de sua localização/posição. Deise está visualizando o bebê e fornece a informação para Talita, que, na linha 38, produz um pedido com formato de pergunta e em forma negativa “não ↑dá pra dá zoom aqui né?”. O turno de Talita, na linha 38, é um pedido para se dar zoom na imagem do monitor do computador em que a gestante está visualizando a sequência de imagens da ecografia. Deise, subsequente ao pedido de Talita, inicia um reparo “m↑m?” e, na linha 40, a gestante fornece o reparo solicitado pela médica “o>não dá pra dá zoom aqui né<o”, porém, agora, em volume mais baixo e de maneira acelerada. Após uma pausa de 0.8 segundo, Deise, na linha 42, inicia um reparo novamente “não entendi” (linha 42). Talita, na linha 43, repete sua fala outra vez “>não dá pra ti dá< zoo:m né?”, em que nesse turno sua fala é em velocidade acelerada (“>não dá pra ti dá<”).

Após o segundo reparo realizado por Talita, Deise dá continuidade à interação respondendo “<não> esse aparelho não”, ou seja, sua resposta é a sinalização de que compreendeu o pedido de Talita e justifica por que não pode fazer o que a gestante lhe pede. Após 0.7 segundo, Talita se remete a “outra” no turno “é:: a outra tinha com outra tinha da:do”, fornecendo a informação para Deise de que fora possível dar *zoom* na imagem “com outra” (aqui não sabemos a que ‘outra’ se remete, nem na sequência o referente é especificado).

Considerando que o exame que está sendo realizado, uma ecografia obstétrica, possui determinadas orientações sobre o que deve ser visualizado no bebê, produzir um pedido para a profissional ocupada com o exame, com relação a visualização das nádegas do bebê (“dar *zoom*”) configura-se como uma contingência alta. (CURL; DREW, 2008). Contingência é, segundo Craven e Potter (2010), a capacidade ou possibilidade de o interlocutor a quem se fez o pedido deferi-lo.

A utilização de “não” nos três turnos em que o pedido é feito nos fornece evidências de que a gestante se orienta para a alta contingência e produz o formato do turno com “não”, minimizando a despreferência de uma possível não-realização do seu pedido. É possível evidenciar sinais de despreferência nos pedidos da gestante: volume baixo e fala acelerada,

principalmente depois dos inícios de reparo produzidos pela médica. Outro aspecto relevante é a presença de “né” nos três pedidos da gestante que são, nesse caso, uma forma de conferir preferência por confirmar o que foi dito antes. (SCHWALM, 2014).

O Excerto 18 é parte da conversa entre a gestante Jane e a médica Luana, durante o exame de ecocardiografia. No trecho analisado, Luana está examinando detalhadamente o coração do bebê, quando a gestante inicia a fala sobre as nádegas dele.

Excerto 18 - HMF\_ECOCARDIO\_jane\_LUANA\_15\_01\_14

317 LUANA: é um gurizinho  
 318 JANE: ai que boniti::nho  
 319 LUANA: hãhãhãhã  
 320 (2.7)  
 321 LUANA: eu tenho um gurizinho de quatro ano também (.)  
 322 da mesma ida::de da tua guria  
 323 (7.3)  
 324 LUANA: e::sse teu rapazi::nho não ↑pa:::ra de se mexê:::  
 325 (3.1)  
 326 JANE: **não tem como ver ↑né:: >o bumbum [dele<]**  
 327 LUANA: [o bum]bu::m?  
 328 (0.4)  
 329 LUANA: te::m eu só vou terminá meu trabalho aqui  
 330 pra depois podê fazê a fofoca pra ti  
 331 JANE: ↑hãhãhã[hãhã ]  
 332 LUANA: [.hh hã]hã  
 333 JANE: hãhã  
 334 LUANA: {{rindo} tem que primeiro fazê meu serviço  
 335 aqui né::} senão tu vai fazê um (exame)  
 336 e não vai dar muito ce::rto  
 337 (1.7)  
 338 LUANA: vamo ter que te::r (0.4) a pessoa foi até lá::  
 339 pra ver o coraçã::o e ficaram espia::ndo o bumbum  
 340 do: guri  
 341 (1.4)  
 342 JANE: hãhãhã  
 343 LUANA: é >porque< esse bumbunzinho deve ter sido  
 344 be::m avaliado, dever ter visto tu::do né:: (.)  
 345 porque ele tá grandi::nho né::  
 346 (1.9)  
 347 LUANA: tá num ponto que até eu enxergo entã::o

Das linhas 317 a 324, paciente e gestante falam sobre a questão de o bebê ser um menino. Na linha 326, Jane produz o pedido “não tem como ver ↑né:: >o bumbum [dele]<” e, em sobreposição com a última palavra do turno de Jane, Luana inicia um reparo “[o bum]bu::m?”. Jane não repara (ao menos não verbalmente) seu turno, mas Luana, na linha 329, responde ao pedido de Jane confirmando o pedido. Na continuidade do Excerto, observa-se que Luana justifica o porquê de não atender imediatamente ao que Jane lhe pediu. Luana explica que primeiramente é preciso fazer todo o exame do coração do bebê, para depois poder olhar outras partes (que foi o que Jane pediu).

Nesse Excerto, as contingências também são elevadas para o pedido realizado pela gestante, pois se trata de um exame de ecocardiografia, i.e., o foco do exame está em visualizar, com minúcia, o coração do bebê. O pedido realizado pela gestante sobre a possibilidade de visualização das nádegas do bebê é, desse modo, produzido em meio a contingências altas, isto é, algo que vai além do trabalho da ecocardiografista. Da mesma forma como no Excerto 17, a paciente pergunta com partícula negativa, de maneira a não exercer pressão sobre a interagente a quem foi feito o pedido, nesse caso, a médica ecocardiografista.

O pedido de Jane foi produzido com uma parte em velocidade acelerada e também foi seguido de iniciação de reparo pela interlocutora (médica), assim como observamos no Excerto 17. A partícula “né” também estivera presente no turno de Jane, porém não ao final do turno, mas em uma posição intermediária.

No Excerto 19, gestante e médica conversam sobre roupas de criança e a gestante, então, inicia outro tópico (o cabelo do bebê). Esse Excerto é parte de um exame de ecografia obstétrica.

#### Excerto 19 - HMF\_ECOOBST\_carla\_DEISE\_26\_11\_13

247 DEISE:        |não roupa de criança tá muito cara  
 248 CARLA:        (quanto que é:?)  
 249                 (5.4)  
 250 CARLA:        roupa é muito cara de <crian|ça>  
 251                 (1.0)  
 252 DEISE:        e voa assim quando tu vê tem que dá  
 253 CARLA:        ãrrã  
 254 DEISE:        metade das roupas já pra:: [tu (passar)]

255 CARLA: [os meus ou ]tros eu tive  
 256 o pé quente só que dessa vez não vou  
 257 (4.8)  
 258 DEISE: (porque) é dois (não) vem de lá do fu:ndo  
 259 (9.4)  
 260 CARLA: (a: mas eles são bonitinhos)  
 261 (1.9)  
 262 CARLA: >não dá pra vê o cabelo né?<  
 263 (.)  
 264 DEISE: nã::o  
 265 (0.7)  
 266 DEISE: >>não nasce<<  
 267 (1.0)  
 268 DEISE: QUE É MUITO NÉ?  
 269 CARLA: *hahaha* {{*rindo*} daí tem que fazê aquelas:}  
 270 (0.7)  
 271 DEISE: não nem trans não dá pra vê:  
 272 (0.9)  
 273 DEISE: 3-D [aquela] is↓so

Das linhas 247 a 261, gestante e médica conversam sobre roupas de bebê e avaliam que são caras. Na linha 262, a gestante, Carla, produz um pedido “>não dá pra ver o cabelo né?<”, para o qual a médica, Deise, nega, após uma micropausa, com um “nã::o”. O pedido da gestante para ver o cabelo assemelha-se ao que Chazan (2007) descreve em seu estudo, quando trata da importância que se dá para a visualização dos cabelos do feto, abordando a questão da *espetacularização* do exame de ultrassom.

Nesse Excerto não ocorre início de reparo por parte da médica, como ocorre nos dois excertos anteriores. Deise responde negativamente ao pedido de Carla, após uma micropausa. Na sequência, Deise informa que não é possível ver os cabelos do bebê nem em uma ecocardiografia transvaginal, somente em exame realizado via sistema 3D.

As contingências presentes em uma ecografia obstétrica, no momento em que se pede para ver o cabelo do bebê são altas, visto que o exame não é realizado com o intuito de avaliar aspectos estéticos do bebê, mas, sim, questões de formação do corpo (ainda mais importante quando se trata do setor do hospital em que as interações foram gravadas, que atende gestações de médio e alto risco).

Orientando-se para sua não legitimidade em pedir para visualizar o cabelo do bebê, a gestante produz seu turno com a partícula negativa, minimizando a preferência pela realização de seu pedido, isto é, a não-realização do pedido de Carla não é de todo despreferida.

O Excerto 20 é parte de uma ecocardiografia entre a médica Luana e a gestante Rosa. Essa parte da interação é sobre parto e peso do bebê.

#### Excerto 20 - HMF\_ECOCARDIO\_rosa\_LUANA\_26\_03\_14

38 LUANA: teus outros filhos todos nasceram  
 39 de parto normal (.) né ↓rosa  
 40 ROSA: todos.  
 41 (.)  
 42 LUANA: algum era grande?  
 43 ROSA: a minha Última tava  
 44 com três quilos novecentos e dez  
 45 LUANA: no:ssa e ela nasceu ↑aonde  
 46 ROSA: na ((nome do hospital omitido))  
 47 ROSA: faltô noventa grama pra- (quatro)  
 48 LUANA: ãrrã  
 49 (9.5)  
 50 LUANA: tá de cabeça pra baixo,  
 51 ali o coração  
 52 aquele sombreado que aparecem  
 53 ali são os ossinhos  
 54 ROSA: ele continua na posição: (.) pra ↑baixo  
 55 LUANA: >continua de cabeça pra ↓baixo< (.) ãrrã  
 56 (12.5)  
 57 ROSA: **nessa época não tem**  
 58 **como sabê se ele tá:: pesa:do assim**  
 59 LUANA: >não< (o peso- não)  
 60 quando que tu descobriu que tu tava com  
 61 diabetes rosa?  
 62 ROSA: a:: eu descobri assim há umas  
 63 duas semanas atrás  
 64 LUANA: a:: faz pouco tempo né.

Da linha 38 até a linha 56, médica e gestante falam sobre questões dos outros filhos de Rosa (tipo de parto e tamanho). Além disso, Luana, a médica, informa à paciente de que seu bebê está em posição cefálica (cabeça para baixo). Nas duas linhas subsequentes, Rosa produz o pedido “nessa época não tem como sabê se ele tá:: pesa:do assim”. Logo em seguida, Luana nega o pedido de Rosa “>não< (o peso- não)” e inicia outro tópico de conversa (diabetes gestacional).

O Excerto 20 não apresenta o pedido com partícula negativa com as mesmas características prosódicas dos Excertos 17, 18 e 19, ou seja, fala acelerada, que caracteriza um modo de sair do tópico, mostrando perturbação (OSTERMANN; MENEGHEL, 2012), aqui, delineada pela orientação das pacientes para sua não-legitimidade em produzir pedidos nesse contexto. O que se observa no Excerto 20 é uma espécie de introdução do pedido “nessa época”, alongamento de “tá:: pesa:do” e o marcador “assim” no fim do turno. Esses aspectos geram um alongamento do turno em que é produzido o pedido, que pode ser outra maneira de mostrar perturbação, ou, no caso das pacientes, especificamente, orientação para sua não-legitimidade em produzir a ação de pedir algo que contém contingências altas para a médica.

O estudo de Chazan (2007) a que nos referimos na análise do Excerto 19 foi realizado através de uma incursão etnográfica em clínicas de classe média baixa à alta no Rio de Janeiro. Os atendimentos eram particulares ou por convênios, o que não caracteriza as interações desta dissertação, que advêm de um hospital público. Há, no entanto, similaridades nas interações de ambos os contextos. O que é semelhante entre os pedidos em ver determinada parte do feto ou saber certa informação sobre ele (nádegas, cabelo e peso) e o que Chazan (2007) observou em seu estudo é a construção do feto como ‘pessoa’, antecipando a vivência da gestante (e outras pessoas como pai e avós do bebê) relacionadas ao feto. O estudo de Chazan (2007) também aborda a *espetacularização* dos exames de ultrassom obstétricos (no contexto em que a pesquisadora estava inserida), o que se observa, de modo menos direto nos Excertos 17 a 20. As consultas e exames abordados aqui, em sua maioria, tratam de gestações de médio ou alto risco e não realizam exames para comercialização de imagens ou vídeos. Tais características nos permitem especular o porquê de não haver uma espetacularização tão visível quanto no estudo de Chazan (2007).

Retomando o estudo de Heinemann (2006), em que se evidencia que pedidos interrogativos negativos mostram orientação de quem faz o pedido para sua legitimidade em

perguntar (ao contrário do que ocorre quando é produzido um pedido interrogativo positivo, ou seja, quem pergunta não se orienta para sua legitimidade em perguntar), podemos traçar um paralelo com os Excertos investigados nesta seção. O que os Excertos 17, 18, 19 e 20 mostram é justamente a orientação das gestantes, que fazem os pedidos, para sua não-legitimidade em pedir (ideia oposta à de Heinemann, 2006). As evidências da orientação das gestantes para sua não legitimidade em pedir estão em detalhes do formato com que o pedido é realizado. Em outras palavras, o formato negativo possibilita uma chance maior à falante seguinte (médica) de negar o pedido. Ou seja, pedir com a partícula negativa permite à médica menos pressão para fornecer um retorno positivo ao pedido feito pela paciente. A produção de práticas de perguntar com partículas negativas evidencia que a diminuição da pressão em fornecer algum retorno positivo para a gestante é uma forma de revelar a orientação das gestantes para sua não legitimidade em pedir determinadas informações sobre seu bebê.

As outras evidências são a fala acelerada, a fala em volume mais baixo. A fala acelerada e o volume mais baixo são formas de hesitar, ou seja, no momento em que há hesitação, há também a orientação das gestantes para sua não legitimidade em pedir. Esses aspectos foram observados também no estudo de Heinemann (2006), quando os interagentes se orientavam para sua não-legitimidade em pedir. Já a presença da partícula negativa confere menos pressão para a interagente (médica) atender ao pedido produzido pela gestante.

As contingências elencadas no momento em que a paciente produz um pedido à médica são altas no contexto estudado. Em outras palavras, considerando que o setor em que são realizados os exames analisados neste trabalho recebe gestantes com gravidez de médio e alto risco, pedir para a médica para visualizar determinada parte do corpo do bebê que não é o foco do exame se configura como algo irrelevante. Observando as ocorrências aqui investigadas, temos os seguintes pedidos: (a) visualizar as nádegas do bebê (em um exame de ecografia obstétrica); (b) visualizar as nádegas do bebê (em um exame de ecocardiografia); (c) visualizar o cabelo do bebê (em um exame de ecografia obstétrica) e (d) saber o peso do bebê (em um exame de ecocardiografia). Contemplando os pedidos realizados e os exames em que foram produzidos, além de dar relevância para o formato com polaridade negativa do turno das pacientes, percebe-se uma orientação por parte delas para sua não-legitimidade em perguntar e para as contingências envolvidas na realização do pedido.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta dissertação, analisamos e discutimos dados provenientes de interações entre médicos e gestantes durante exames de pré-natal. Os exames que constituíram nossos dados foram: ecografia morfológica, ecografia obstétrica, ecocardiografia fetal e consulta de aconselhamento genético. O acesso aos dados foi possibilitado pelo fato de esta dissertação fazer parte de um projeto maior, coordenado por minha orientadora.

A proposta mais ampla desta dissertação foi descrever a prática de perguntar com partículas negativas. O foco deste trabalho está, desse modo, concentrado na prática de perguntar, especificamente, em perguntas que possuem alguma partícula de negação. Tendo em vista o foco deste estudo, foram traçados objetivos específicos e, a partir deles, iremos descrever nossos achados nesta dissertação. Antes de abordar nossas descobertas, relembremos os objetivos específicos: (a) descrever quais são as ações desempenhadas pelas práticas de perguntar com partículas negativas; (b) traçar singularidades na organização de preferência (POMERANTZ, 1984; POMERANTZ; HERITAGE, 2013) nas diferentes ações averiguadas; (c) valer-se de achados na análise de ordem micro interacional para perceber aspectos macro interacionais. Com base nos objetivos específicos que guiaram a análise de dados, apresentam-se, de maneira resumida, os achados que resultaram desta pesquisa.

Descobrimos, inicialmente, que a prática de perguntar com partículas negativas pode ser dividida em dois grupos: (a) que possui partícula negativa com relevância no nível da proposição do turno de fala; (b) que possui partícula negativa com relevância no nível da ação da pergunta.

### 5.1 Nível da Proposição

No primeiro grupo, caracterizado por possuir a prática de perguntar com partícula negativa com relevância no nível da proposição do turno, evidenciou-se que a partícula negativa presente na pergunta estava relacionada a algum fato, em outras palavras, demonstrava a ausência de algo. Apresentamos a pergunta dos excertos novamente a seguir:

Excerto 2:

42 ROSÂNGELA: >não tinha se visto bem o estômago< ↑né:=

Excerto 3:

38 JEFERSON: tu:: não teve nenhuma <perda gestacional> °né

Excerto 4:

159 EMÍLIA: =>|tã<  
160 sem nenhuma alteraçãozinha [né ]

Excerto 5:

252 SABRINA: não deu pra ver bem hoje né::

Excerto 6:

90 LUANA: [não tá fácil?]

Excerto 7:

9 DEISE: =tá mas  
10 tu não fez eco.

Nesses seis Excertos analisados, evidenciou-se que a partícula negativa presente na prática de perguntar possuía relevância no nível da proposição do turno. Em outras palavras, a partícula negativa estava relacionada a algum fato, à proposição do turno de fala, evidenciava a ausência de algo. De seis Excertos (2 a 7), quatro (Excertos 2 a 5) foram construídos com o formato *tag question*, em que a partícula final sempre foi “né”. Nos quatro Excertos, a parte inicial da pergunta possuía um formato declarativo. Em todos os casos de *tag question*, a preferência elencada era por confirmar a negação da proposição do turno ou concordar com a proposição negativa. A partícula ‘né’ foi descrita por Schwalm (2014) como um indicador de preferência pela ação seguinte, a saber, concordar com a proposição da pergunta. Dessa forma, se a proposição do turno é negativa, a preferência é por confirmar a negação da proposição.

O formato da prática de perguntar do Excerto 6 é interrogativo e do Excerto 7 é declarativo. Ambos, assim como os anteriores, geravam uma preferência por concordar com a proposição negativa. Nessas duas perguntas não havia a presença da *tag* ‘né’, mas a concordância é evidentemente preferida pelo fato de o grau epistêmico de quem produz a pergunta ser alto.

No Excerto 6, por exemplo, a paciente relata não estar sendo difícil seguir as restrições alimentares e, em seguida, a médica pergunta ‘não está sendo fácil?’. O turno da médica evidencia alto conhecimento acerca da situação da gestante, já que foi a própria que narrou sua dificuldade com a alimentação no período gestacional. No Excerto 7, a gestante fala que sabe sua idade gestacional pela menstruação, o que nos faz especular que a pergunta feita pela

médica no próximo turno é baseada nessa informação fornecida pela paciente (não fez ecografia, pois afirmou saber a idade gestacional pela menstruação).

As ações produzidas com a prática de perguntar com partícula negativa que tem relevância no nível da proposição foram: pedido de confirmação, pedido de informação e avaliação. Em todas as ocorrências é possível observar que o interagente que produz a pergunta possui, mesmo que mínimo, acesso ao tópico abordado na pergunta. Podemos especular que as práticas de perguntar com partícula negativa relevante no nível da proposição estão próximas a o que Park (2008) chama de Interrogativas de sim/não do tipo *blinds-up*, devido ao fato de evidenciarem gradiente epistêmico mais equilibrado, em que quem produz a prática de perguntar possui alto grau de conhecimento.

Discutido o primeiro nível, passamos à discussão do segundo nível exposto acima.

## 5.2 Nível da Ação

O segundo grupo em que a prática de perguntar com partícula negativa foi observada é aquele em que a partícula negativa não tem relevância a nível da proposição, mas, sim, a nível da ação da pergunta. Ou seja, a partícula negativa não confere a ausência de algo, mas está envolvida na ação desempenhada pela prática de perguntar.

Excerto 8:

9 FERNANDA: o senhor não quer vir espiar aqui o e↑xame

Excerto 9:

89 DEISE: não foi através da doutora ((nome da médica  
90 omitido))=

Excerto 10:

150 CARLA: se↑rá >que não é uma guriazinha ali< se esconden↓do

Excerto 11:

197 ROSÂNGELA: não foi difícil lú?

Excerto 12:

393 ACOMPANHANTE: é >e nesse caso< aí nã:o nã:o não existe assim  
394 uma:: (0.7) uma ur↑gência de alguma conclu↑são

Excerto 13:

534 AMALIA: **mas não tá muito ↑gorda**

Nos Excertos 8 a 13 observamos diversas ações: oferta, pedido de confirmação, especulação de possibilidade, avaliação, pedido de informação e formulação avaliativa. Nessas ações o grau epistêmico nem sempre se torna relevante, isso porque uma oferta, por exemplo não está no nível epistêmico, diferentemente do pedido de confirmação, que tem relação com o nível epistêmico. Nos Excertos 9 e 11, em que se faz um pedido de confirmação e uma avaliação, respectivamente, é observado alto grau epistêmico por parte de quem pergunta. Esse alto grau epistêmico demonstra que quem produz a pergunta possui um conhecimento prévio acerca do tópico.

### 5.3 Gradiente Epistêmico

Com base nessas informações podemos traçar o seguinte paralelo:

1) Ações da prática de perguntar com partícula negativa relevante a nível da proposição do turno:

- a) pedido de confirmação
- b) pedido de informação
- c) avaliação

2) Ações da prática de perguntar com partícula negativa relevante no nível da ação da pergunta:

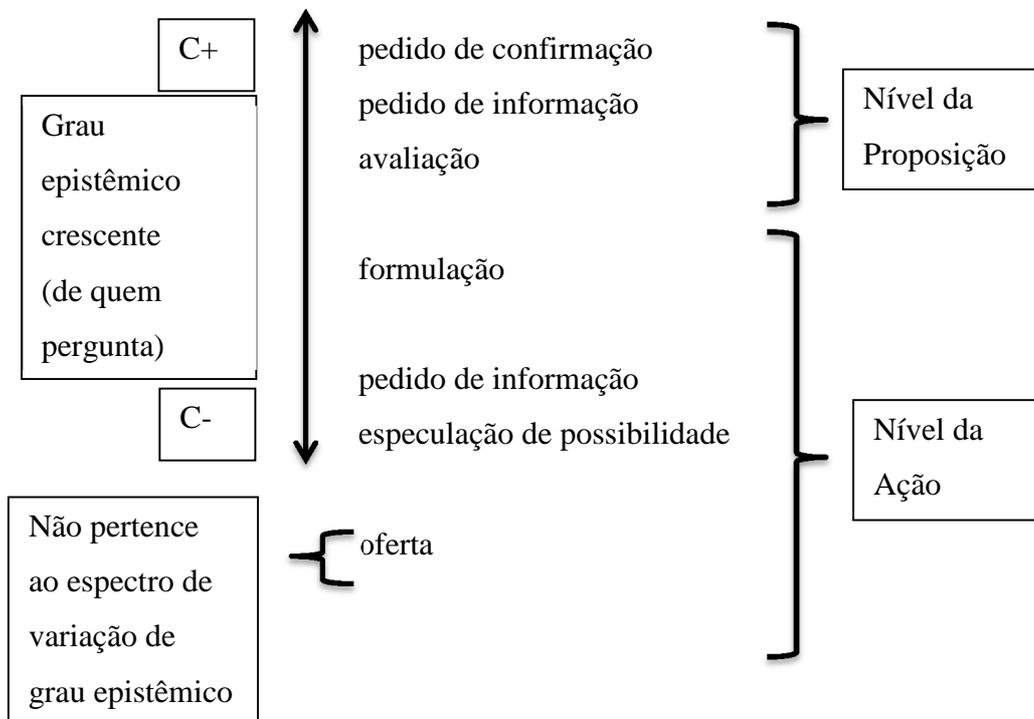
- d) oferta
- e) pedido de confirmação
- f) especulação de possibilidade
- g) avaliação
- h) pedido de informação
- i) formulação

De acordo com as ocorrências das ações nas interações analisadas, projetamos uma figura que demonstra como o grau epistêmico pode variar. Importante ressaltar que a figura ilustra a diferença de grau epistêmico do interagente que produz a pergunta com partícula negativa. Assim, quanto mais perto de C+ (mais conhecimento), maior o grau epistêmico de

quem pergunta. Em contrapartida, quanto mais perto de C- (menos conhecimento), menor é o grau epistêmico de quem pergunta.

Outra questão importante a observar é que nem todas as ações encontradas na análise de dados possuem relação com grau epistêmico. Uma ação não faz parte do espectro da variável epistêmica, a saber: oferta. Essa ação não possui conexão com o conhecimento que o interagente que pergunta revela (ou não) sobre determinado tópico de conversa, pois quando se produz uma oferta não se entra no campo epistêmico.

Figura 3 - Gradiente epistêmico da prática de perguntar com negação



Fonte: Elaborada pela autora.

A figura tem o objetivo de sistematizar um dos achados desta dissertação, qual seja, que as ações são móveis no espectro da variável epistêmica. Isso significa que a prática de perguntar com partícula negativa, principalmente a que possui a negação com relevância no nível da proposição do turno, demonstra que o interagente que produz a pergunta está em um patamar mais ou menos elevado de conhecimento de acordo com as ações que são produzidas.

Neste estudo, as ações que evidenciavam maior grau epistêmico por parte do interagente que pergunta foram: pedir confirmação, pedir informação e avaliar. Interessante observar que o pedido de informação está presente nas ações que desvelam maior grau de

conhecimento, o que Cardoso (2015) observou de outra forma em seu estudo sobre as ações de solicitar informação e solicitar confirmação em perguntas polares. A autora observou que quanto menos conhecimento (mais perto de C-), mais características de pedido de informação a pergunta possuía; por outro lado, quanto mais conhecimento (mais perto de C+), mais característica de pedido de confirmação tinha a pergunta. Especulamos que essa diferença no que tange ao pedido de informação se deve justamente pela presença da partícula negativa e por sua característica mais assertiva (HERITAGE, 2002; MONZONI, 2009; PARK, 2008), o que nos leva a acreditar que sua assertividade está relacionada a um grau epistêmico maior.

Após esse panorama no que concerne às ações desempenhadas na prática de perguntar com partículas negativas, discutimos a organização de preferência (POMERANTZ, 1984; POMERANTZ; HERITAGE, 2013) e sua caracterização nas perguntas analisadas.

Nas perguntas com partícula negativa no nível da proposição observou-se a preferência por concordar com a proposição negada na pergunta. Essa preferência por concordar é ainda mais evidente quando a *tag* ‘né’ está presente no fim do turno de pergunta (SCHWALM, 2014). O ‘né’ força a tomada de turno por parte do próximo falante e, mais que isso, evidencia a preferência pela concordância com o turno anterior.

As ocorrências em que não havia ‘né’ também desvelaram a preferência pela concordância com a negação da proposição da pergunta. Nesses casos (sem ‘né’), observamos que, devido ao alto grau epistêmico demonstrado pelos interagentes que produzem a pergunta, a preferência é por concordância na resposta. O grau de conhecimento que a pergunta possui tem relação com a preferência que a ação produzida desvela, em outras palavras, se o conhecimento demonstrado é alto, a preferência será por concordância com a proposição da pergunta.

Nos Excertos em que há a prática de perguntar com partícula negativa relevante no nível da ação não se pode afirmar que a preferência é pela confirmação da proposição negada na pergunta, pelo fato de que nessas ocorrências não há uma proposição sendo negada na pergunta. O que ocorre nos Excertos 8 a 13 é o *cross-cutting preference* (SCHEGLOFF, 2007), caracterizado por um cruzamento de preferências diferentes no mesmo turno de fala.

O formato gramatical de perguntas polares negativas gera preferência pela resposta “não”, as ações desempenhadas por cada pergunta, no entanto, geram preferência pela resposta “sim” ou equivalente que aceite, concorde ou confirme, dependendo da ação realizada em cada pergunta. (SCHEGLOFF, 2007). Isso significa que, apesar de o formato da pergunta criar uma preferência por resposta negativa, a ação modifica a preferência,

demonstrando maior importância quando se trata da preferência em perguntas negativas que não negam alguma proposição, mas que estão ligadas às ações desempenhadas.

As contribuições concernentes ao foco principal e aos dois primeiros objetivos específicos desta dissertação foram abordadas acima. Adentraremos a seguir nas considerações de dois tópicos de análise do Capítulo 4 que emergiram durante a análise das interações: (a) a prática de perguntar com a expressão “eu não vou”; (b) a prática de perguntar com partículas negativas: pedidos, legitimidade e contingências.

#### 5.4 ‘Eu não vou’

No primeiro tópico, a prática de perguntar com “eu não vou” evidencia um uso que remete a alguma situação futura da paciente. Relembremos as perguntas dessa seção:

Excerto 14:

1159 DARA: [a:i eu não] vou ganhá parto  
1160 normal aqui né [dou]tor?

Excerto 15:

1170 FERNANDA: e normal ele el- no- ganhá normal  
1171 eu não vou ganhá né

Excerto 16:

1679 TATIANE: =eu nã- eu não vou ser aquela pessoa vou  
1680 ouvir a[ssim ]=  
1681 JEFERSON: [.h sim]  
1682 TATIANE: =tu não pode engravida:r.=

A ação desempenhada pela pergunta gera preferência por uma resposta negativa no turno seguinte, isto é, a preferência nesses Excertos tem relação com o que a gestante demonstra ‘não desejar que aconteça’: não deseja parto normal e não deseja não poder engravidar. Nos Excertos 14 e 15 a *tag* ‘né’ fortalece a preferência por uma concordância com o turno da pergunta, nesse caso, a concordância com a *negação do parto normal*.

O Excerto 16 não possui a *tag* ‘né’, mas a preferência é também por concordar com a proposição negada, qual seja, de que *a gestante não vai ser alguém que não pode engravidar*. Essa preferência é evidenciada pelo fato de, durante a interação, a gestante relatar que deseja

engravidar, ou seja, tem relação com o quanto os interagentes sabem sobre o tema em questão.

Com a utilização da partícula negativa, as gestantes demonstram alto posicionamento deôntico, pois a pergunta já possui o elemento negativo, que guia o interlocutor para concordância com a negação das interações. Nessas ocorrências, a assertividade tratada por Heritage (2002), Monzoni (2009) e Park (2008) aparece pelo uso do ‘não’ e também pelo uso de ‘né’ como partícula de fim de turno.

Os próximos Excertos servem à discussão sobre a prática de perguntar com partículas negativas e sua relação com pedidos, legitimidade e contingências.

### 5.5 Pedidos e sua Relação com Legitimidade e Contingências

Apresentamos as perguntas que compõem a discussão desta Seção.

Excerto 17:

38 TALITA: não ↑dá pra dá zoom aqui né?  
 39 DEISE: m↑m?  
 40 TALITA: °>não dá pra dá zoom aqui né<°  
 41 (0.8)  
 42 DEISE: não entendi  
 43 TALITA: >não dá pra ti dá< zoo:m né?

Excerto 18:

326 JANE: não tem como ver ↑né:: >o bumbum [dele<]

Excerto 19:

262 CARLA: >não dá pra vê o cabelo né?<

Excerto 20:

57 ROSA: nessa época não tem  
 58 como sabê se ele tá:: pesa:do assim

A prática de perguntar em que a ação é produzir um pedido elenca a orientação de quem produz o pedido para sua legitimidade e para as contingências envolvidas na realização do pedido. (CURL; DREW, 2008). Os Excertos 17 a 20 evidenciam que as gestantes se orientam para sua legitimidade (ou falta de) e para as contingências envolvidas na realização de seu pedido pela médica.

Uma evidência para mostrar que as gestantes produzem seus turnos de pedido orientadas para sua não-legitimidade em pedir e nas contingências presentes no contexto em que a interação acontece são: a presença da *tag* ‘né’, que em um primeiro olhar facilita à médica concordar com o pedido de confirmação, mas, após observar outra camada de ação, observa-se um pedido mitigado por parte da gestante.

A situação contextual em que as gestantes se encontram nas interações analisadas configura-se como: uma sala de exames de ecografia e ecocardiografia fetal, em que as médicas possuem determinados pontos para serem analisados no feto. No momento em que a gestante pede algo, podemos observar que, nos Excertos 17 a 20, seus turnos possuem a partícula negativa, que demonstra orientação das gestantes para sua não-legitimidade e para as contingências existentes nesse contexto.

A utilização da partícula negativa em uma pergunta que produz a ação de pedir é uma estratégia interacional utilizada pelas gestantes para minimizar a despreferência de seu pedido nesse contexto.

Apresentados os achados desta dissertação, discutimos suas contribuições teórica e aplicada.

## 5.6 Luz à Teoria

Entende-se que a contribuição teórica desta dissertação é a ampliação do entendimento da prática de perguntar com partículas negativas. Considerando os estudos realizados até o momento em língua portuguesa de Portugal e brasileira (MATEUS ET AL., 2003; NEVES, 2011; MARTINS, [2015?]), percebe-se que este estudo vai além no que tange à fala-em-interação, pois observa ocorrências de fala cotidiana, a partir da perspectiva êmica para analisar a conversa.

A divisão da prática de perguntar de acordo com a partícula negativa e sua relevância no turno, nos leva a observar que há diversas ações sendo realizadas e os interagentes estão orientados para essas ações, tanto quem produz a pergunta quanto quem responde a ela.

O gradiente epistêmico sistematizado na Seção 5.3 também auxilia a compreender a complexidade envolvida na prática de perguntar, especificamente com partículas negativas. Considerando a sistematização de Park (2008), alocando o maior grau epistêmico para o interagente que produz uma pergunta negativa do tipo *blinds-up*, podemos evidenciar como contribuição para a teoria o fato de as perguntas com negação relevante no nível da

proposição estarem igualmente alocadas como aquelas em que o interagente que produz a pergunta possui um conhecimento muito alto do tópico tratado.

### **5.7 Da Análise à Aplicação**

Para as contribuições aplicadas trazemos as Seções 4.3 e 4.4 do Capítulo de Análise de Dados, respectivamente, a prática de perguntar com a expressão ‘eu não vou’ e a prática de perguntar com partículas negativas: pedidos, legitimidade e contingências. Essas questões foram abordadas também neste Capítulo, mas, agora, daremos foco a questões de ordem macrossocial que surgiram a partir da análise em modo micro.

Sabe-se da importância do acompanhamento pré-natal por parte das gestantes, importância ressaltada no momento em que se trata de gestações de médio ou alto risco. Observando a seção 4.3, percebemos que as gestantes procuram se afirmar como interagentes que buscam determinada informação, como, por exemplo, saber (ter a palavra do médico) de que seu parto não será normal ou de que poderá gestar filhos no futuro.

Saber identificar as temáticas tornadas relevantes pelas pacientes é um modo de fomentar um atendimento mais humanizado às gestantes, bem como poder explicar diversas situações que surgem a partir das perguntas realizadas pelas gestantes.

No que concerne à Seção 4.4, sobre pedidos, legitimidade e contingências, podemos nos apoiar no estudo de Chazan (2007), que observou que é durante o pré-natal que ocorre a construção do feto como ‘pessoa’, antecipando a vivência da gestante (e de outras categorias sociais, como pai e avós do bebê) relacionadas ao feto. Os pedidos realizados pelas gestantes nessa Seção evidenciam essa construção do feto como pessoa, já que os pedidos tratam de aspectos físicos do bebê, como o sexo do bebê, seu cabelo e peso. Trata-se, então, de uma espécie de *espetacularização* dos exames de ultrassom obstétricos, pois, em um primeiro momento, informações sobre sexo, cabelo e peso do bebê não são as mais importantes. São, porém, informações que contribuem na formação de uma imagem do bebê, construindo uma vivência da gestante (e acompanhantes) com bebê.

Faz-se importante ao profissional de saúde que lida com as gestantes nos exames de ultrassom e na consulta de aconselhamento genético saber compreender o pedido da paciente e buscar orientá-la no assunto. O diálogo entre profissionais e gestantes (e acompanhantes) será sempre o caminho mais adequado para se alcançar entendimento e buscar melhorar a vida da gestante e seu bebê. Nesta dissertação mostramos o quão importante se faz a partícula negativa na prática de perguntar, prática esta tão presente nas consultas e exames pré-natais.

As gestantes expõem seus questionamentos, buscam informações sobre a gestação e sobre o bebê, trazendo à luz sua identidade social de gestantes através da fala. E é na fala que este estudo encontra seu caminho e ilumina o caminho de quem se utiliza da fala para entender o mundo.

## REFERÊNCIAS

- BERGMANN, J. R. Introduction: morality in discourse. **Research on Language and Social Interaction**, v. 31, n. 3/4, 1998.
- BOLINGER, D. **Interrogative Structures of American English**. American Dialect Society, 28, Alabama: University of Alabama Press, 1957.
- BOYD, E.; HERITAGE, J. Taking the history: Questioning during comprehensive history-taking. In: Heritage, J.; Maynard, D. (eds). **Communication in Medical Care: Interaction between Primary Care Physicians and Patients**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006. p. 151-184.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria nº 199, de 30 de janeiro de 2014. **Diário Oficial da União**. Poder Executivo, Brasília, DF, 12 de fev. 2014. Disponível em: <<http://sintse.tse.jus.br/documentos/2014/Fev/12/portaria-no-199-de-30-de-janeiro-de-2014-institui>>. Acesso em: 20 maio 2014.
- BRASIL. **Política nacional de humanização – humaniza SUS**. Brasília: Ministério da Saúde, 2004. Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/>Cambridge: Cambridge University, 1992.
- BROWN, Penelope.; LEVINSON, Stephen. **Politeness: some universals in language usage**. Cambridge University. 1987.
- CASTILHO, A. T. de. Nova gramática do português brasileiro. São Paulo: Contexto, 2014.
- CHAZAN, Lilian Krakowski. **“Meio quilo de gente!”: um estudo antropológico sobre ultrassom obstétrico**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2007.
- CLAYMAN, S.; GILL, V. T. “Conversation analysis”. In: GEE, J.; HANDFORD, M. **The Routledge handbook of discourse analysis**. Oxford: Routledge, 2012.
- CLAYMAN, S. Questions in broadcast journalism. In: FREED, Alice; EHRLICH, Susan (Ed.). **Why Do You Ask?: The Function of Questions in Institutional Discourse**. Oxford: Oxford University, 2010.
- CLAYMAN, S.; GILL, V. Conversation analysis. In: GEE, James; HANDFORD, Michael (Ed.). **The routledge handbook of discourse analysis**. Oxford, UK: Routledge, 2012.
- COUPER-KUHLEN, E. Some truths and untruths about final intonation in conversational questions. In: DE RUITER; J. P. (org). **Questions: Formal, Functional and Interactional Perspectives**. Cambridge: Cambridge University Press, 2012. p. 123–145.
- CRAVEN, A.; POTTER, J. **Directives: entitlement and contingency in action**. Discourse Studies, 12 (4), pp. 419 - 442, 2010.
- CURL, T; DREW, P. **Contingency and action: a comparison of two forms of requesting**. Research on Language and Social Interaction 41(2) Abril-Junho: 129-153, 2008.

- DEL CORONA, M. Fala-em-interação cotidiana e fala-em-interação institucional: uma análise de audiências criminais. In: LODER, Letícia; JUNG, Neiva (Org.). **Análises de fala-em-interação institucional: A perspectiva da Análise da Conversa** Etnometodológica. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2009.
- DEPPERMAN, A.; SPRANZ-FOGASY, T. Doctors' questions as display of understanding. **Communication and Medicine**, v. 8, p. 111-122, 2011.
- DREW, P. Turn design. In: SIDNELL, J.; STIVERS, T. **The Handbook of Conversation Analysis**. Massachusetts: Wiley-Blackwell, 2013. p. 131-149.
- DREW, P.; HERITAGE, J. **Talk at work: Interaction in institutional settings**. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.
- EHRlich, S.; FREED, A. F. The function of questions in institutional discourse: An introduction. In: FREED, A. F.; EHRlich, S. **"Why do you ask?": The function of questions in institutional discourse**. New York: Oxford University Press, 2010. p. 3-19.
- ENFIELD, N. J., BROWN, P.; DE RUITER, J. P. Epistemic dimensions of polar questions: sentence-final particles in comparative perspective. In: RUITER, J. P. de. **Questions: formal, functional, and interactional perspectives**. Cambridge: Cambridge University Press, 2012. p. 193-221.
- FIGUEIREDO, D. do B. de, et al. Diagnóstico de Cromossomopatia no Primeiro Trimestre da Gestação. In: MELO, N. R. de; FONSECA, E. (Org.). **Medicina fetal**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. p. 7-22.
- FREED, A. F.; EHRlich, S. "Why do you ask?": The function of questions in institutional discourse. New York: Oxford University Press, 2010.
- FREED, A. F.; EHRlich, S. (Ed.). **Why do you ask?: the function of questions in institutional discourse**. Oxford: Oxford University, 2010
- GOODWIN, C.; HERITAGE, J. **Conversation analysis**. Annual Review of Anthropology, v. 19, p. 283-307, 1990.
- HAYANO, K. Question design in conversation. In: SIDNELL, J.; STIVERS, T. **The Handbook of Conversation Analysis**. Massachusetts: Wiley-Blackwell, 2013. p. 395-414.
- HEINEMANN, T. Where grammar and interaction meet: The preference for matched polarity in responsive turns in Danish. In A. HAKULINEN & M. SELTING (Eds.). **Syntax and Lexis in Conversation: Studies on the use of linguistic resources in talk-in-interaction** (pp.375- 402). Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2005.
- HEINEMANN, T. **"Will you or can't you?"**: Displaying entitlement in interrogative requests, *Journal of Pragmatics* 38, 1081-1104, 2006.
- HEINEMANN, T. **Questions of accountability: Yes-no interrogatives that are unanswerable**. *Discourse Studies*, v. 10, p. 55-71, 2008.

HEINEMANN, T. **The question-response system of Danish**. *Journal of Pragmatics*, v. 42, p. 2703-2725, 2010.

HEPBURN, A.; BOLDEN, G. The conversation analytic approach to transcription. In: SIDNELL, J.; STIVERS, T. **The Handbook of Conversation Analysis**. Massachusetts: Wiley-Blackwell, 2013. p.57-76.

HERITAGE, J. **Epistemic in action**: Action formation and territories of knowledge. *Research on Language and Social Interaction*, v. 45, n. 1, p. 1-29, 2012a.

HERITAGE, J. Epistemics in Conversation. In: SIDNELL, J.; STIVERS, T. **The Handbook of Conversation Analysis**. Massachusetts: Wiley-Blackwell, 2013. p. 370-394.

HERITAGE, J. Questioning in medicine. In: FREED, A. F.; EHRLICH, S. **"Why do you ask?"**: The function of questions in institutional discourse. New York: Oxford University Press, 2010. p. 42-68.

HERITAGE, J. **The limits of questioning**: negative interrogatives and hostile question content. *Journal of Pragmatics*, v. 34, p. 1427-1446, 2002.

HERITAGE, J.; RAYMOND. **The terms of agreement**: indexing authority and subordination in talk-in-interaction. *Social Psychology Quarterly*, v. 68, n. 1, p. 15-38, 2005.

HERITAGE, J. A Change of State Token and Aspects of Its Sequential Placement. In: ATKINSON, M.; HERITAGE, J. (Ed.). *Structures of social action: structures in conversation analysis*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984. p. 299-345.

HERITAGE, J. Conversation analysis and institutional talk: analyzing data. In: HERITAGE, J. Epistemics in Conversation. In: SIDNELL, J.; STIVERS, T. (Ed). **The Handbook of Conversation Analysis**. Malden, Massachusetts: Wiley-Blackwell. 2012. p. 370-394.

HERITAGE, J. Questioning in medicine. In: FREED, A.; EHRLICH, S. (Ed.). **Why Do You Ask?: The Function of Questions in Institutional Discourse**. Oxford: Oxford University, 2010.

HERITAGE, J.; MAYNARD, D.W. (Ed.). **Communication in medical care**: Interaction between primary care physicians and patients. Cambridge, UK; New York: Cambridge University Press, 2006.

HERITAGE, J.; WATSON, R. Formulations as conversational objects. In: HULTGREN, A. K.; CAMERON, D. "How may I help you?": questions, control, and customer care in call center talk. In: FREED, A. F.; EHRLICH, S. **"Why do you ask?"**: The function of questions in institutional discourse. New York: Oxford University Press, 2010. p. 322-342.

HUTCHBY, I.; WOUFFITT, R.. **Conversation analysis**. Malden. Massachusetts: Polity Press, 1998.

HUTCHBY, I.; WOUFFITT, R.. **Conversation Analysis**: principles, practices and applications. Cambridge: Policy Press, 2004.

JEFFERSON, G. Glossary of transcript symbols with an introduction. In: LERNER, G. H. (Ed). **Conversation analysis: Studies from the first generation**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing, 2004. p. 13-31.

JEFFERSON, G. **On the sequential organization of troubles-talk in ordinary conversation**. *Social Problems*, Brooklyn, v. 35, n. 4, p. 418-441, 1988.

KOSHIK, I. **Beyond rhetorical questions: assertive questions in everyday interaction**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing, 2005.

LABOV, W.; FANSHEL, D. **Therapeutic discourse: Psychotherapy as conversation**. New York, NY: Academic Press, 1977.

LODER, L. L.; SALIMEN, P. G.; MULLER, M. Noções fundamentais: sequencialidade, adjacência e preferência. In: LODER, L. L.; JUNG, N. M. (Org.). **Fala-em-Interação Social: Introdução à Análise da Conversa Etnometodológica**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2008. p. 39-58.

MAYNARD, D. W. Everyone and no one to turn to: intellectual roots and contexts for conversation analysis. In: SIDNELL, J.; STIVERS, T. **The Handbook of Conversation Analysis**. Massachusetts: Wiley-Blackwell, 2013. p. 11-31.

MONZONI, C. **Direct complaints in Italian calls to the ambulance: The use of negatively framed questions**. Academic Neurology Unit, School of Medicine & Biomedical Sciences (Royal Hallamshire Hospital), University of Sheffield, Sheffield, UK, 2009.

NEVES, M. H. M. **Gramática de usos do português**. 2.ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.  
OCHS, E.; SCHEGLOFF, E. A.; THOMPSON, S. A. *Interaction and Grammar*. Cambridge University Press, 1996. p. 193-221.

OSTERMANN, A. C. “Uma mulher, um feto, e uma má notícia: a entrega de diagnósticos de síndromes e de malformações fetais – em busca de uma melhor compreensão do que está por vir e do que pode ser feito”. 2013.

OSTERMANN, A. C.; SOUZA, J. **As demandas interacionais das ligações para o disque saúde e sua relação com o trabalho prescrito**. *Alfa*, v. 55, n. 1, p. 135-162, 2011.

OSTERMANN, A. C.; MENEGHEL, S. (Org.). **Humanização. Gênero. Poder: contribuições dos estudos de fala-em-interação para a atenção à saúde**. Rio de Janeiro e Campinas: Fiocruz: Mercado de Letras, 2012. p. 33-43.

PARK, J. S. **Negative Yes/No Question-Answer Sequences in Conversation: Grammar, Action, and Sequence Organization**. Los Angeles: University of California, 2008. 482 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada). University of California, Los Angeles, 2008.

POMERANTZ, Anita. “Agreeing and disagreeing with assessments: some features of preferred/ dispreferred turn shapes”. In: ATKINSON, Maxwell & HERITAGE, John (Ed.). **Structures of social action: studies in conversation analysis**. Cambridge, U.K.: Cambridge University Press, p. 57-101, 1984.

POMERANTZ, A.; HERITAGE, J. Preference. In: SIDNELL, J.; STIVERS, T. (Ed.). **The handbook of conversation analysis**. Oxford: Willey-Blackwell, 2013.

PSATHAS, G. (Ed.). **Everyday language: studies in ethnomethodology**. New York: Irvington, 1979. p. 123-162.

QUIRK, Randolph; GREENBAUM, Sidney; LEECH, Geoffrey; SVARTVIK, Jan. **A Comprehensive Grammar of the English Language**. London: Longman, 1985.

RAYMOND, G. **Grammar and social organization: Yes/no interrogatives and the structure of responding**. *American Sociological Review*, v. 68, p. 939-967, 2003.

RAYMOND, G. Grammar and social relations: Alternative forms of yes/no-type initiating actions in health visitor interactions. In: FREED, A. F.; EHRlich, S. **"Why do you ask?"**: The function of questions in institutional discourse. New York: Oxford University Press, 2010. p. 87-107.

RAYMOND, G. Question at work: Yes/No type interrogatives in institutional contexts. In: DREW, P.; RAYMOND, G.; WEINBERG, D. **Talk and interaction in social research methods**. London: Sage, 2006. p. 115-134.

ROBINSON, J. D. Overall Structural Organization. In: SIDNELL, J.; STIVERS, T. **The Handbook of Conversation Analysis**. Massachusetts: Wiley-Blackwell, 2013. p. 257-280.

ROBINSON, J. D. Overall structural organization. In: SIDNELL, J.; STIVERS, T. (Ed.). **The Handbook of Conversation Analysis**. Malden, Massachusetts: WileyBlackwell, 2012. p. 257-280.

ROSSANO, F. Questioning and responding in Italian. *Journal of Pragmatics*. vol. 42. p. 2756-2771, 2010.

RUITER, J. P. de. Questions are what they do. In: RUITER, J. P. de (Ed.). **Questions: formal, functional, and interactional perspectives**. Cambridge: Cambridge University Press, 2012. p. 1-7.

SACKS, H.; SCHEGLOFF, E.; JEFFERSON, G. A simplest systematics for the organization of turn-taking for conversation. *Language*, v. 50, p. 696-735, 1974.

SACKS, H. **Lectures on conversations**. Blackwell: Oxford, 1992.

SACKS, H. On the preference for agreement and contiguity in sequences. In: SACKS, H.; SCHEGLOFF, E. & JEFFERSON, G. Sistemática elementar para a organização da tomada de turnos para a conversa. *Revista Veredas de Estudos Linguísticos, Juiz de Fora*, v. 7, n. 1-2, p. 9-73, jan./dez. 2003. Tradução: A simplest systematics for the organization of turn taking for conversation. *Language*, v. 50, p. 4, p. 696-735, 1974. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2009/12/artigo14.pdf>>. Acesso em: 11 nov. 2014.

SACKS, H.; SCHEGLOFF, E. A; JEFFERSON, G. A. Simplest systematics for the organisation of turn-taking for conversation. **Language**, [S.l.], n. 50, p. 696-735, 1974.

SACKS, H.; SCHEGLOFF, E.; JEFFERSON, G.. A simplest systematics for the organization of turn taking for conversation. **Language**, Studies in the Organization of Conversational Interaction, v. 50, n. 4, p. 696-735, 1974.

SCHEGLOFF, E. A. **On granularity**. Annual Review of Sociology, v. 26, p. 715-720, 2000.

SCHEGLOFF, E. A. **Preliminaries to preliminaries**: "Can I ask you a question?". Sociological Inquiry, v. 50, n. 3/4, p. 104-152, 1980.

SCHEGLOFF, E. A. **Sequence Organization in Interaction: A Primer in Conversation Analysis**. Cambridge: Cambridge University Press, v. 1, p. 58-96, 2007.

SCHEGLOFF, E. A.; SACKS, H. **Opening up closings**. Semiotica, v. 8, p. 289-327, 1973.  
SCHEGLOFF, Emanuel A. **Sequence organization in interaction**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

SCHEGLOFF, E. A.; SACKS, H. Opening up closings. In: TURNER, Roy (Ed.). **Ethnomethodology**. Harmondsworth: Penguin, 1974. p. 233-264.

SCHEGLOFF, E. Issues of relevance for discourse analysis: contingency in action, interaction and co-participant context. In: HOVY, E. H.; SCOTT, D. (Ed.). **Computational and conversational discourse**: Burning issues - an interdisciplinary account. Heidelberg: Springer Verlag, 1996. p. 3-38.

SCHEGLOFF, E. **Practices and actions**: boundary cases of other-initiated repair. Discourse Processes, [S.l.], v. 23, p. 499-545, 1997.

SCHEGLOFF, E. **Sequence organization in interaction**: a primer in conversation analysis. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

SCHNACK, C.; PISONI, T. D.; OSTERMANN, A. C. Transcrição de fala: do evento real à representação escrita. **Entrelinhas**, São Leopoldo, v. 2, n. 2, 2005.

SELTING, M. et al. **A system for transcribing talk-in-interaction**: GAT2 translated and adapted for English by Elizabeth Couper-Kuhlen and Dagmar Barth-Weingarten. Gesprächsforschung - Online-Zeitschrift zur verbalen Interaktion, 2011. Disponível em: <<http://www.gespraechsforschung-ozs.de/heft2011/px-gat2-englisch.pdf>>. Acesso em: 12 jun. 2014.

SIDNELL, J. Action and understanding. In: SIDNELL, J. **Conversation analysis**: An introduction. Massachusetts: Wiley-Blackwell, 2010a. p. 59-76.

SIDNELL, J. **Conversational repair and human understanding**. Cambridge: Cambridge University Press, 2013. p. 95-134.

SIDNELL, J. Talk. In: SIDNELL, J. **Conversation analysis**: An introduction. Massachusetts: Wiley-Blackwell, 2010b. p. 1-19.

SIDNELL, J. The design and positioning of questions in inquiry testimony. In: FREED, A. F.; EHRLICH, S. "**Why do you ask?**": The function of questions in institutional discourse. New York: Oxford University Press, 2010c. p. 20-41.

SILVA, C. R. da; ANDRADE, D. N. P.; OSTERMANN, A. C. Análise da conversa: uma breve introdução. **ReVEL**, [S.l.] v. 11, p. 1-21, 2009. Disponível em: <[http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel\\_13\\_analise\\_da\\_conversa.pdf](http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_13_analise_da_conversa.pdf)>. Acesso em: 10 mar. 2014.

SILVERMAN, D. (Ed.). **Qualitative research: theory, method and practice**. London: Sage, 1997. p. 161-182.

SOUZA, J. de.; OSTERMANN, A. C. Glossário conciso de termos de estudos de fala em-interação. In: OSTERMANN, A. C.; MENEGHEL, S. (Org.). **Humanização. Gênero. Poder: contribuições dos estudos de fala-em-interação para a atenção à saúde**. Rio de Janeiro e Campinas: Fiocruz: Mercado de Letras, 2012. p. 163- 165.

STEENSIG, J.; HEINEMANN, T. When “yes” is not enough – as an answer to a yes/no question. In: REED, B. S.; RAYMOND, G (Eds.). **Units of Talk – Units of Action**. Amsterdam: John Benjamins Publishing, 2013, p. 207-241.

STIVERS, T. Sequence Organization. In: SIDNELL, J.; STIVERS, T. **The Handbook of Conversation Analysis**. Massachusetts: Wiley-Blackwell, 2013. p. 191-209.

STIVERS, T.; ROBISON, J. D. **A preference for progressivity in interaction**. *Language in Society*, v. 35, p. 367–392, 2006.

STIVERS, T.; SIDNELL, J. Introduction. In: SIDNELL, J.; STIVERS, T. **The Handbook of Conversation Analysis**. Massachusetts: Wiley-Blackwell, 2013. p. 1-8.

STIVERS, T. **Prescribing under pressure: physician-parent conversations and Technology**. Cambridge, Massachusetts, 1965.

## APÊNDICE A - CONVENÇÕES DE TRANSCRIÇÃO

(1.8)	Pausa
(.)	Micropausa
=	Fala colada
[Texto]	Falas sobrepostas
,	Entonação contínua
↑texto	Entonação ascendente da sílaba
↓texto	Entonação descendente da sílaba
.	Entonação descendente do turno
?	Entonação ascendente do turno
-	Marca de interrupção abrupta da fala
:::	Alongamento de som
>Texto<	Fala acelerada
>>Texto<<	Fala muito acelerada
<Texto>	Fala mais lenta
<<Texto>>	Fala muito mais lenta
TEXTO	Fala com volume mais alto
°texto°	Volume baixo
°°texto°°	Volume muito baixo
<u>Texto</u>	Sílaba, palavra ou som acentuado
(Texto)	Dúvidas da transcritora
xxxx	Fala inaudível
((Texto))	Comentários da transcritora
<i>hhhh</i>	Riso expirado
<i>hahahehehihi</i>	Risada com som de vogal
{{ <i>rindo</i> } texto}	Turnos ou palavras pronunciadas rindo
.hhh	Inspiração audível

## ANEXO A - TCLE - MÉDICOS



UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS  
Unidade Acadêmica de Pesquisa e Pós-Graduação  
Comitê de Ética em Pesquisa

## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE - Médicos

**Projeto de Pesquisa:**

A interação médico-gestante em exames de diagnóstico de pré-natal – O processo de entrega e de compreensão dos resultados, do que está por vir e do que pode ser feito.

Você está sendo convidada/o a participar de um estudo sobre os atendimentos a gestantes. Esse estudo está sendo conduzido por mim, Profa. Dra. Ana Cristina Ostermann (professora e pesquisadora da Unisinos). Através desta pesquisa, queremos entender um pouco mais sobre como se dão as interações entre médicos e gestantes durante as consultas durante os exames de ultrassonografia e nas consultas sobre resultados de exames de cariótipo fetal.

As atividades que servirão de dados para a pesquisa são: a) gravação em áudio de aproximadamente 50 exames de ultrassom obstétricos e 50 consultas sobre resultados de exames de cariótipo fetal, efetuados em diferentes horários, dias e com diferentes pacientes; b) registro em vídeo *apenas* das imagens fetais projetadas na tela; c) breve entrevista com as pacientes e os(as) médicos(as) que participarem da pesquisa; e d) notas de observação sobre o ambiente pesquisado e sobre os participantes antes da consulta.

Sendo você médico/a no Hospital \_\_\_\_\_, solicito sua autorização para gravar em áudio e analisar interações de consultas com a sua participação e anotar informações relevantes quanto à realização do exame.

Sua participação nos ajudará a compreender um pouco mais sobre como se dá a interação entre médico e gestante no acompanhamento da gravidez, como são discutidos e compreendidos os problemas e as dúvidas trazidas pela gestante durante as consultas e como se revolvem impasses comunicacionais que podem surgir.

Não há riscos associados a sua participação nesta pesquisa para além daqueles associados à vida cotidiana. As informações que obtivermos de você serão rigorosamente confidenciais. Seu nome real, o nome do profissional que lhe atender na clínica, nomes de outras pessoas que forem mencionados durante a consulta ou que estejam com você nesse momento, e mesmo o nome do hospital e da cidade em que está situado o hospital serão substituídos por outros nomes em qualquer apresentação ou publicação do nosso estudo. Seus dados serão absolutamente confidenciais e sua participação no estudo é totalmente voluntária.

Os dados coletados ficarão sob minha inteira responsabilidade e, após o término do estudo, serão gravados em CD e arquivados pelo meu projeto de pesquisa maior, permanecendo em meu gabinete para eventuais consultas necessárias a publicações científicas. Os dados serão guardados por tempo indeterminado e utilizados somente para a finalidade proposta.

Você pode se recusar a participar ou se retirar a qualquer momento sem qualquer penalidade. Não há nenhuma relação entre este estudo e o Hospital \_\_\_\_\_. Ou seja, sua decisão em participar ou não da pesquisa não afetará em nada o atendimento que você terá no Hospital. Você também tem o direito de fazer perguntas e de esclarecer dúvidas sobre o estudo a qualquer momento.

Se você tiver dúvidas ou perguntas, entre em contato comigo pelo telefone 3591-1100, ramal 1349, ou pelo e-mail [aco@unisinos.br](mailto:aco@unisinos.br).

Este documento será assinado em duas vias, ficando uma em seu poder e a outra com a pesquisadora. Agradeço por sua colaboração e interesse em nosso projeto.

Av. Unisinos, 950 Caixa Postal 275 CEP 93022-000 São Leopoldo Rio Grande do Sul, Brasil  
Fone: (51) 3591-1198 ou ramal 2198 Fax: (51) 3590-8118 <http://www.unisinos.br>

CEP - UNISINOS  
OPINIÃO APROVADA

Em: 17/06/13

.....  
.....

Este documento será assinado em duas vias, ficando uma em seu poder e a outra com a pesquisadora. Agradeço por sua colaboração e interesse em nosso projeto.

Atenciosamente,  
Profa. Dra. Ana Cristina Ostermann  
Coordenadora do Projeto de Pesquisa

**AO ASSINAR ESSE DOCUMENTO DECLARO QUE ESTOU DE ACORDO EM PARTICIPAR NESTE ESTUDO NAS CONDIÇÕES DESCRITAS ACIMA.**

Nome: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_\_\_

Assinatura da Pesquisadora: \_\_\_\_\_

CEP - UNISINOS  
VERSÃO APROVADA  
Em: 17.06.13  
.....  
.....

## ANEXO B - TCLE - PACIENTES



UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS  
 Unidade Acadêmica de Pesquisa e Pós-Graduação  
 Comitê de Ética em Pesquisa

## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE - Pacientes

**Projeto de Pesquisa:**

A interação médico-gestante em exames de diagnóstico de pré-natal – O processo de entrega e de compreensão dos resultados, do que está por vir e do que pode ser feito.

Você está sendo convidada a participar de um estudo sobre os atendimentos a gestantes. Esse estudo está sendo conduzido por mim, Profa. Dra. Ana Cristina Ostermann (professora e pesquisadora da Unisinos). Através desta pesquisa, queremos entender um pouco mais sobre como se dão as interações entre médicos e gestantes durante as consultas durante os exames de ultrassonografia e nas consultas sobre resultados de exames de cariótipo fetal.

As atividades que servirão de dados para a pesquisa são: a) gravação em áudio de aproximadamente 50 exames de ultrassom obstétricos e 50 consultas sobre resultados de exames de cariótipo fetal, efetuados em diferentes horários, dias e com diferentes pacientes; b) registro em vídeo *apenas* das imagens fetais projetadas na tela; c) breve entrevista com as pacientes e os(as) médicos(as) que participarem da pesquisa; e d) notas de observação sobre o ambiente pesquisado e sobre os participantes antes da consulta.

Sendo você paciente em exame no Hospital \_\_\_\_\_, solicito sua autorização para gravar e analisar interações de consultas com a sua participação e anotar informações suas, como sua idade, escolaridade, idade gestacional e possíveis problemas de saúde.

Sua participação nos ajudará a compreender um pouco mais sobre como se dá a interação entre médico e gestante no acompanhamento da gravidez, como são discutidos e compreendidos os problemas e as dúvidas trazidas pela gestante durante as consultas e como se revolvem impasses comunicacionais que podem surgir.

Não há riscos associados a sua participação nesta pesquisa para além daqueles associados à vida cotidiana. As informações que obtivermos de você serão rigorosamente confidenciais. Seu nome real, o nome do profissional que lhe atender na clínica, nomes de outras pessoas que forem mencionados durante a consulta ou que estejam com você nesse momento, e mesmo o nome do hospital e da cidade em que está situado o hospital serão substituídos por outros nomes em qualquer apresentação ou publicação do nosso estudo. Seus dados serão absolutamente confidenciais e sua participação no estudo é totalmente voluntária.

Os dados coletados ficarão sob minha inteira responsabilidade e, após o término do estudo, serão gravados em CD e arquivados pelo meu projeto de pesquisa maior, permanecendo em meu gabinete para eventuais consultas necessárias a publicações científicas. Os dados serão guardados por tempo indeterminado e utilizados somente para a finalidade proposta.

Você pode se recusar a participar ou se retirar a qualquer momento sem qualquer penalidade. Não há nenhuma relação entre este estudo e o Hospital \_\_\_\_\_. Ou seja, sua decisão em participar ou não da pesquisa não afetará em nada o atendimento que você terá no Hospital. Você também tem o direito de fazer perguntas e de esclarecer dúvidas sobre o estudo a qualquer momento.

Se você tiver dúvidas ou perguntas, entre em contato comigo pelo telefone 3591-1100, ramal 1349, ou pelo e-mail [aco@unisinos.br](mailto:aco@unisinos.br).

Atenciosamente,  
Profa. Dra. Ana Cristina Ostermann  
Coordenadora do Projeto de Pesquisa

**AO ASSINAR ESSE DOCUMENTO DECLARO QUE ESTOU DE ACORDO EM PARTICIPAR NESTE ESTUDO NAS CONDIÇÕES DESCRITAS ACIMA.**

Nome: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_\_\_

Assinatura da Pesquisadora: \_\_\_\_\_

CEP - UNISINOS  
VERSÃO APROVADA  
Em: 17.06.13

.....  
